

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

GLAUCENI DE VASCONCELLOS SOBRINHO

EXPRESSÕES RELIGIOSAS NA ESCOLA: NA CULTURA, NA ARTE E NA MODA

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 19/10/2018.

VITÓRIA
2018

GLAUCENI DE VASCONCELLOS SOBRINHO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 19/10/2018.

EXPRESSÕES RELIGIOSAS NA ESCOLA: NA CULTURA, NA ARTE E NA MODA

Trabalho final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Dr. Valdir Stephanini

Vitória - ES
2018

Vasconcellos Sobrinho, Glauceni de

Expressões religiosas na escola, na cultura, na arte e na moda/ Glauceni de Vasconcellos Sobrinho. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

x, 102 f. il. ; 31 cm.

Orientador: Valdir Stephanini

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

Referências bibliográficas: f. 94-101

1. Ciências das religiões. 2. Religião e esfera pública. 3. Diversidade. 4. Discriminação religiosa. 5. Cultura. 6. Arte. 7. Moda e religião - Tese.

I. Glauceni de Vasconcellos Sobrinho. II. Faculdade Unida de Vitória, 2018. III. Título.

GLAUCENI DE VASCONCELLOS SOBRINHO

EXPRESSÕES RELIGIOSAS NA ESCOLA: NA CULTURA, NA ARTE E NA
MODA

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.



Doutor Valdir Stephanini – UNIDA (presidente)



Doutor Graham Gerald McGeoch – UNIDA



Doutora Carla Geovana Fonseca da Silva de Castro – SECTI-ES

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de concretizar este momento importante da minha vida; a Jesus Cristo, meu Mestre e exemplo; a meu esposo João Paulo Sobrinho e ao meu filho Igor de Vasconcellos Sobrinho, guerreiros na ausência da célula materna.

Aos meus honrosos pais, Claudyr Borges de Campos e Geny de Vasconcellos Campos (*in memoriam*), presentes em todos os momentos da minha vida. Eles são berço e alicerce do amor de Deus em minha vida.

À família Vasconcellos Campos, a minha tia Maria Rodrigues e às amigas Alessandra, Lúcia e Marivalda, às minhas pedagogas Adriana e Elisângela, e à diretora da escola onde atuo, Solange Maria Batista de Souza, que também chamo de família. Nos momentos difíceis, elas ajudam a me sustentar na fé e nos instantes alegres, estão perto para comemorarmos.

Aos membros da banca, Dra. Carla Geovana e Dr. Graham, que juntos acrescentaram muito a esse projeto.

A Antonio Gilberto Alves, Eduardo da Silva Marques e Glaucieni de V. C. Almeida; aos amigos, pelo incentivo e insistência para a concretização do mestrado, e pelos intermináveis diálogos e interferências pedagógicas e contextuais que auxiliaram na efetivação deste trabalho.

À Faculdade Unida, por meio dos/as professores/as e funcionários/as, e especialmente ao Professor e orientador Valdir Stephanini, que inicialmente salvou do iminente naufrágio um barco à deriva, auxiliando-me de forma a que efetivamente os nossos esforços resultassem na construção deste projeto.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a produção deste trabalho, com diálogo, incentivo, sugestões ou abertura de espaço para pesquisas.

RESUMO

Este trabalho visa discutir a relação entre escola e religião, tendo em vista os temas ligados à moda e artísticos, relacionando os movimentos culturais e populares em conexão com a religião. Embora a arte e a moda, ambientes universais, não se limitem à escola, é nesse espaço que o foco desta pesquisa se manterá. A análise dessa correlação revela sinais de intolerância tanto de alunos/as quanto de professores/as. Quando se trata de religião, a banalização da fé por meios educacionais não pode mais ser tolerável. É na sala de aula que se estabelecem relacionamentos duradouros que se reverterão na formação de cidadãos de bem e com características de governabilidade. Além da pesquisa bibliográfica, foram incluídos depoimentos colhidos veiculados na mídia, no que se refere à intolerância e à discriminação. Contudo, este trabalho é só o início de uma pesquisa que busca a colaboração com os/as educadores/as da área da religião e da arte, muitos deles acostumados a ministrar disciplinas com base em dada religião, desvalorizando a cultura e a arte tão positivamente presentes em diversas religiões.

Palavras-chave: Diversidade, Discriminação, Cultura, Arte, Moda, Religião.



ABSTRACT

This study is to discuss about the relationship between school/religion x fashion/artistic subjects relating the cultural and popular movements in connection with religion. The focus on school although, art and fashion are not limited to this, envision a universal, but unified language space. Analyzing this correlation, there are clearly signs of intolerance of students and teachers when it comes to religion, the trivialization of faith by educational means can no longer be tolerated, it is in the classroom that lasting relationships develop that will consist of citizens of good and with characteristics of governability. In addition to the bibliographic research will be included testimonies collected through the media that refers to intolerance and discrimination. This work is just the beginning of a collaborative research for educators in the area of religion and art, some of them is ministering their disciplines based on a unified religion, not valuing the culture and art so present in various religions.

Keywords: Diversity, Discrimination, Culture, Art, Fashion, Religion.



LISTA DE ABREVIATURAS

ADI	Ação Direta de Inconstitucionalidade
ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEAFRO	Educação e Profissionalização para a Igualdade Racial e de Gênero
CEET VASCO COUTINHO	Centro Estadual de Ensino Técnico Vasco Coutinho
CEPFE	Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores
CESAP	Cento de Estudos Avançados em Pós-Graduação e Pesquisa
CNFP	Congresso Nacional de Formação de Professores
DEAM	Delegacia de Atendimento à Mulher
FONAPER	Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso
GRETAS	Grupo de Resistência de Travestis e Transexuais (não governamental)
IES	Instituição de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio
LBD	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDIS	Planos de Desenvolvimento Institucional
PGR	Procuradoria-Geral da República
SEEDUC	Secretaria Estadual de Educação
STF	Supremo Tribunal Federal
UFG	Universidade Federal de Goiás
UNEB	Universidade Estadual da Bahia
UVV	Universidade Vila Velha

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: “A criação de Adão” e “O julgamento final”	19
Figura 2: Arte sacra – mulher maravilha	21
Figura 3: Arte sacra – super-heróis.....	22
Figura 4: Conceito religioso	22
Figura 5: Santidade no vestir	23
Figura 6: Releitura Bizantina – Chanel 2011	24
Figura 7: Ariana Grande veste Vera Wang com estampa da obra O Juízo Final, de Michelangelo	25
Figura 8: Katy Perry em versão angelical by Versace.....	25
Figura 9: Madonna, com coroa, crucifixos e vestido assinado por Jean Paul Gaultier	26
Figura 10: Rihanna, anfitriã da noite, veste Margiela by John Galliano	26
Figura 11: Jennifer Lopez de Balmain	26
Figura 12: Twiggy	30
Figura 13: Corpos esculpidos	31
Figura 14: Vaidade masculina	31
Figura 15: Ken humano	31
Figura 16: Uniforme escolar.....	38
Figura 17: Laysa Carolina	59
Figura 18: Rafaela Damasceno.....	60
Figura 19: Fabiana Melo Oliveira	62
Figura 20: Aline Marques.....	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA CULTURA, NA ARTE E NA MODA	16
1.1 A moda ao longo da história.....	16
1.2 A religião e a moda.....	27
1.3 No ambiente escolar	32
2 AS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS NO AMBIENTE ESCOLAR.....	43
2.1 Observadas no comportamento e na estética.....	44
2.2 Expressas na diversidade religiosa	48
2.3 Promotoras de uma cultura de paz.....	52
3 CONTRIBUIÇÃO DA DISCIPLINA DO ENSINO RELIGIOSO PARA A FORMAÇÃO DE ESTUDANTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA	70
3.1 Para a superação da discriminação	70
3.2 Para a potencialização da cultura e das artes.....	77
3.3 Para a criação de um ambiente fraterno e de respeito às diferenças.....	82
CONCLUSÃO.....	89
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICE – Estudos selecionados na pesquisa em banco de dados acadêmico	103

INTRODUÇÃO

As relações entre religião, arte e moda estão em constante evolução, o que vem gerando frequentes discussões, tendo em vista as expressões religiosas no ambiente escolar e as dificuldades do/a educador/a e do/a educando/a em se defrontar com o tema e a realidade atual, compreendendo as causas de tais conflitos em uma perspectiva intercultural e crítica. Afinal, o convívio escolar proporciona um ambiente de ação recíproca entre religião e cultura. Como trabalhar as expressões religiosas de forma a integrar a arte, a cultura e a moda, respeitando as diversidades sem interferir nas características individuais do/a aluno/a?

Nesse sentido, são pertinentes as análises de Paul Tillich em *Teologia da Cultura*¹, livro no qual o autor defende a possibilidade de encontrar, em todas as culturas, fragmentos estruturais das religiões. Assim, questionam-se conflitos nos quais a influência da religião na cultura, na arte e na moda expõe as dificuldades do ambiente escolar, onde se vivenciam situações de discriminação, divergências de ideias e dificuldade de aceitação do credo religioso dos participantes.

Este estudo contribuirá para uma melhor compreensão das expressões religiosas na ótica educacional e cultural, buscando apresentar a situação da religião no ambiente escolar e as ferramentas propostas para a redução dessas divergências culturais e religiosas.

Como ser influenciável, o ser humano necessita de aceitação na comunidade que frequenta e sutilmente traz para o convívio social suas experiências religiosas, mesmo que involuntariamente. Um olhar criterioso para a diversidade religiosa do ambiente escolar é necessária, uma vez que muitas religiões criam as próprias instituições de ensino, deixando seus adeptos à vontade para expressar suas crenças sem o sentimento de discriminação ou exclusão do convívio social.

Entretanto, criar ambientes exclusivos para determinada religião traz limitações e desafios aos profissionais da área e por cada indivíduo envolvido no respeito às diferenças religiosas e culturais. Desta forma, o corpo docente e discente necessita lidar com as distinções religiosas no cotidiano escolar no que se refere à cultura, à arte e à moda. É necessário pensar na valorização e no respeito às diferenças entre as etnias e raças, contribuindo com sugestões e alternativas aos infortúnios experimentados, colaborando com o processo de conscientização e aceitação educacional, trabalhando as diferenças e aprofundando os estudos das expressões religiosas e do ensino escolar. Contudo, é preciso

¹ TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 83.

criar possibilidades para a coexistência entre todos/as os/as atores/atrizes no espaço educacional, reconhecendo as diferenças culturais e étnicas existentes, produzindo a compressão dos processos de expressão da conduta religiosa esperada, com ferramentas de leitura e arte que levem o/a educando/a ao entendimento do mundo e de si mesmo, ao mesmo tempo em que se esclarece o direito às diferenças na construção de estruturas religiosas e atitudes sociais e culturais inclusivas.

Entender o posicionamento das expressões religiosas e seus conflitos de forma transparente demonstra o quão preconceituoso tem sido o meio estudantil no que se refere às questões de cunho religioso e cultural, observando-se a exclusão e a aceitação de religiões e diversidades culturais no meio escolar e a sociabilidade entre os/as alunos/as, com vistas à redução do preconceito e à promoção e aceitação na sala de aula e fora dela. Como decorrência da vivência interpessoal no contexto escolar, é possível discutir a expressão religiosa no ambiente escolar, a fim de mediar os conflitos religiosos nas instituições de ensino.

Nesse contexto, é relevante ressaltar a importância das religiões no ambiente escolar sob a égide da moda, deixando claro o mérito, o respeito e a valorização das diferenças étnicas e culturais. Incentivar, nas instituições de ensino, o respeito à diversidade religiosa por meio da moda, contribuindo para a livre expressão da religiosidade, conduz à construção de modelos pedagógicos de educação inclusiva, com redução do preconceito por meio de alternativas que contemplem a compreensão da diversidade racial e étnica no cotidiano escolar, promovendo uma cultura de paz.

O ser humano é social e religioso. Segundo Von Balthasar, ele tem uma clara dimensão estética, pois “toda grande arte é religiosa: um ato de homenagem à glória do ser”². Já para Paul Tillich, a “religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião, a religião é a substância, o fundamento e a profundidade da vida espiritual dos seres humanos”³ e se manifesta no campo de ação da dimensão humana. A religião exerce influência acolhedora, muitas vezes agregando os povos, diminuindo diferenças e construindo elos sociais que primam pela diversidade de raças e línguas, sendo de suma relevância para a coexistência social.

Esta pesquisa proporcionará um melhor entendimento das expressões religiosas no convívio social e com a cultura no ambiente escolar. A revisão bibliográfica revela o objetivo de trabalhar com a teoria da socialização do caráter religioso no ambiente escolar com o apoio

² BALTHASAR, Hans Urs Von. *Teologia da história*. São Paulo. Novo Século/Fonte Editorial, 2005, p. 14.

³ TILLICH, 2009, p. 45.

da cultura, da arte e da moda mediante os conceitos de Walter Benjamin, cuja emblemática afirmação reproduz-se aqui: “mas, se por um lado a arte se desvinculava da sua função religiosa, continuava tendo uma espécie de mística”⁴ e “no momento em que o critério da autenticidade deixa de se aplicar à produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outras práxis, a política”⁵. Tal assertiva demonstra a importância da arte e da religião, pelo que se compreende a necessidade da aceitação da diversidade religiosa, social e cultural no espaço escolar. Tillich vê a religião como criação humana. Para ele, a religião expressa-se “nas criações básicas de todas as culturas, na linguagem, que permeia a vida e a sociedade”⁶. E é a escola o espaço de troca de informações em que todos podem aprender, transformando-se a si mesmos e ao ambiente em que vivem.

São inevitáveis alguns pontos de conflito entre o espaço escolar e os princípios incorporados pela religião. Sendo a religião parte da cultura, da arte e da moda, as crenças são fundamentadas por rituais, mitos e comportamentos éticos e sociais. Segundo Theodor Adorno, “pensar no irracional é pensar nas categorias tradicionais que supõem uma reafirmação das estruturas sociais injustas e irracionais da sociedade”⁷. Isso valoriza a arte e a religião pode funcionar como ambiente de troca de ideias, seja por meio de debates, seja por instrumentos tais como oficinas interdisciplinares, artes, história, ensino religioso ou outros métodos que permitam a cada indivíduo contribuir para uma melhor compreensão do pensamento. Portanto propõe-se aqui o esclarecimento dessas questões, embasado em pesquisa bibliográfica e iconográfica, por meio de situações do cotidiano.

O tema expressões religiosas na escola: na cultura, na arte, e na moda foi pensado a partir da observação das expressões religiosas vividas na rotina e na diversidade escolar, na convivência com os/as alunos/as que foram fundamentais para a escolha desse projeto, como também na educação religiosa em compreender as demais religiões. A proposta foi trabalhar de forma lúdica, tudo que envolva a cultura, a arte e a religião no ambiente escolar, especialmente na sala de aula.

⁴ DANTOM, Giam. *Walter Benjamin, a arte e a reprodução*. Disponível em: <https://www.digestivo-cultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3446&titulo=Walter_Benjamin,_a_arte_e_a_reproducao>. Acesso em: 22 out. 2017.

⁵ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas vol VI, 1994. Brasiliense, São Paulo, 1994, p. 171-172.

⁶ TILLICH, 2009, p. 45, 232.

⁷ ROCHA, Alan. *A caverna do saber: uma aventura ao mundo da filosofia*. 2. ed. São Paulo, 2010, p. 149, e-book digital. Disponível em: <https://clubedeautores.com.br/book/121108--A_caverna_do_Saber?topic=criticaliteraria#.W9rl76KRbmQ>. Acesso em: 22 out. 2017.

A partir dessa observação, pergunta-se: como o professor poderá trabalhar, em sala de aula, as relações entre religião, arte e moda, que estão em constante evolução e gerando frequentes discussões, tendo em vista as expressões religiosas no ambiente escolar e as dificuldades do/a educador/a e do/a educando/a em defrontar-se com o tema e a realidade atual?

A busca pela resposta à pergunta problema, incitou a pesquisar como trabalhar as expressões religiosas de forma a integrar a arte, a cultura e a moda, respeitando as diversidades sem interferir nas características individuais de cada discente, tendo em vista, que são muitas as expressões religiosas existentes no ambiente escolar e isto provoca conflitos constantemente, bem como, o objetivo principal e os específicos que levaram à essa pesquisa foram os conflitos religiosos vividos no cotidiano escolar e em sala de aula.

Diante desta problemática foi decidido trabalhar as expressões religiosas integradas aos conteúdos ministrados em sala de aula focando a cultura, a arte e a moda, respeitando as diversidades religiosas individuais do educando, uma vez que em 21 de janeiro 2007, foi instituído no Brasil pela Lei nº 11.635 intitulada dia nacional de combate a intolerância religiosa.

Objetivando o norte principal da pesquisa, este estudo contribuirá para uma melhor compreensão das expressões religiosas na ótica educacional e cultural, buscando apresentar a situação da religião no ambiente escolar e as ferramentas propostas para a redução dessas divergências culturais e religiosas.

Essa pesquisa tem respaldo nas obras de teóricos como: Tillich, na ciência da religião e em Von Balthasar e Benjamin, da Escola de Frankfurt também Habermas, na Sociologia, Paulo Freire, na Pedagogia e Bourdieu, na Antropologia e na Sociologia, dentre outros pesquisadores em consultas bibliográficas, revistas, jornais, documentários e na internet, com verificação de fontes, de artigos e matérias utilizadas nestas atividades e a busca de estudos correlatos não encontrados nas Ciências das Religiões, especialmente com o foco específico desse trabalho.

O trabalho foi dividido em três capítulos, sendo eles: a influência da religião na cultura, na arte e na moda, as manifestações religiosas, culturais, étnicas e sociais no ambiente escolar e a contribuição da disciplina do ensino religioso para a formação dos estudantes e alternativas em sala de aula e serão apresentados, nos capítulos a seguir, os principais argumentos dessa pesquisa e de que forma a autora propõem responder à pergunta problema.

No primeiro capítulo a cultura revela-se de forma bem ampla às misturas religiosas existentes no país, ao examinar a história das religiões surgiu o interesse de pesquisar as suas

interferências no comportamento e estilo das pessoas e suas vestimentas religiosas, especialmente no período bizantino, nos grupos de influências, a saber o rock e ao ambiente escolar na separação grupal. No segundo capítulo as manifestações religiosas no espaço educacional e a ocorrência de conflitos por falta de um direcionamento planejado através do conhecimento das religiões, com o corpo como altar, a riqueza da cultura popular e na união dos povos pela cultura e pela arte. No terceiro capítulo coube destacar também a contribuição da disciplina do ensino religioso para a definição dos princípios de valores e respeito às demais religiões mostrando a riqueza que há, na busca pelas informações culturais e artísticas e de como deve ser trabalhado o ensino religioso, apresentando diversos mundos religiosos de tudo que partilham o amor.

Com vistas ao objetivo da pesquisa, verificou-se por meio de consulta aos bancos de dados existentes de estudos relacionados ao tema em questão, a busca foi iniciada no google acadêmicos e concluída na plataforma sucupira da CAPES, pesquisando os estudos correlatos que foram publicados de 2003 a 2016, focando principalmente os 3 (três) últimos anos, a saber, de 2014 a 2016.

Foram utilizados os bancos de dados da CAPES no Catálogo de Teses e Dissertações⁸ e da Plataforma Sucupira⁹ as chaves de pesquisa educação, diversidade, discriminação, cultura, arte, moda, religião com objetivo de pesquisar o maior número possível de trabalhos científicos na área de pesquisa selecionada. Foram encontrados 335 (trezentos e trinta e cinco) documentos de pesquisa publicadas dos quais destacados 11 (onze) trabalhos publicados para uso em estudos correlatos.

Esses estudos selecionados foram detalhados com os descritores título, autor, ano da defesa, tipo de pesquisa e objetivo geral, relacionados no apêndice A as pesquisas com alguma semelhança com o estudo aqui apresentado.

Tão logo encontrado os estudos pertinentes ao tema da pesquisa, fez-se a leitura do resumo e posteriormente o estudo para verificação da aderência e utilização de parte da pesquisa no presente trabalho, verificado também o tipo de abordagem do estudo e a bibliografia utilizada pelo autor/a.

Dos estudos encontrados, nenhum deles é sobre expressões religiosas no contexto escolar abordado a partir da ótica da moda, cultura e arte frente ao religioso. Além disso, muitos desses estudos abordam ou religião e escola, ou religião e arte ou religião e cultura,

⁸ Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

⁹ Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/listaTrabalhoConclusao.jsf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

sobre a ótica da religião. Diante disso foi proposto inverter essa ordem e a partir da vivência com discentes da moda e arte, se aproximar da teologia e das expressões religiosas no espaço escolar.

Os dados correlatos acima justificam importância e o ineditismo da pesquisa apresentada, que poderá ser utilizada para a integração do religioso com o ambiente de sala de aula no contexto escolar.



1 A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA CULTURA, NA ARTE E NA MODA

Um olhar para o início da história da moda revela a classe nobre de alguns que utilizavam vestimentas, maquiagem e adereços, dentre outros utensílios, com vistas à diferenciação em relação ao povo em geral. Um exame dessa história também revela a influência da religião na cultura, na arte e na moda em diferentes momentos da humanidade, tanto quanto a importância desse tema no espaço escolar, onde grande parte dos conflitos de cunho religioso aparece de forma latente, exigindo do corpo discente e do docente uma solução que leve a uma boa convivência no ambiente escolar. Malgrado essa realidade, os entrecruzamentos de moda e religião tem sido um assunto pouco explorado por alguns pesquisadores/as, em especial na área da moda. Este trabalho busca preencher parcialmente essa lacuna e propiciar mais informações sobre as expressões religiosas e culturais na área da educação, e em especial no ambiente escolar.

Artistas inspirados em elementos religiosos trouxeram novas expressões, recriando a moda no tempo presente e expressando em suas obras a criação do universo e os seres que nele vivem. Na cultura e na moda essa diversidade se revela de forma bem mais ampla, se forem observados seus reflexos no cotidiano. Segundo Tillich, “a religião, considerada preocupação suprema, é a substância que dá sentido à cultura, e esta, por sua vez, é a soma das formas que expressam as preocupações básicas da religião”¹⁰. Profissionais da moda criaram suas coleções voltadas ao campo religioso, entendendo a imensa fonte de expressões que poderiam ser criadas a partir do ponto de vista religioso, concebendo essas coleções de forma inovadora e produtiva, com vistas ao mercado. Já se tratava de uma moda voltada à religiosidade, sensível ao crescimento desse mercado, composto de um público específico ávido por novidades, interessado no tema ou na coleção. Nada mais natural, nesse caso, que a percepção da religião como capaz de influenciar pela arte, pela cultura e pela moda, corroborando a tese de Tillich: “Religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião”¹¹.

1.1 A moda ao longo da história

O termo moda foi usado pela primeira vez no século XVIII e designava uma maneira, um estilo de vida, de roupa, de conduta, etc. A moda, do mesmo modo, pode ser

¹⁰ TILLICH, 2009, p. 81.

¹¹ TILLICH, 2009, p. 83.

percebida como “um conjunto de opiniões, gostos e considerações críticas, uma forma de pensar e viver aceita pela sociedade.”¹² As primeiras vestimentas foram elaboradas a partir da pele de animais. Só mais tarde foram introduzidos outros materiais, permitindo a confecção de um vestuário mais elaborado.¹³ A moda e a arte no Brasil constroem-se a partir de uma população miscigenada. As etnias africana, indígena e europeia influenciaram o pensamento e a ação do povo brasileiro, proporcionando a beleza de um país de proporções continentais.

No início da colonização europeia, os primeiros grupos étnicos já marcavam o corpo com belas pinturas multicoloridas e adereços de penas. Pero Vaz de Caminha relata que a nudez entre os índios era natural e comum, tanto para homens como para mulheres, o que revela a simplicidade e beleza de uma época isenta dos conceitos de feio e belo. Os indígenas ficaram profundamente impressionados com tantas novidades trazidas pelos portugueses. Note-se o relato de Pero Vaz de Caminha, em sua carta ao Rei de Portugal, descrevendo como era a população local e como foi o primeiro contato com ela:

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas, traziam arcos nas mãos e suas setas. Vinham todos rijos em direção ao batel e Nicolau Coelho fez sinal para que pousassem os arcos, e eles pousaram. Ali não pode deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, pôr o mar quebrar na costa. Somente lhes deu um barrete e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. E um deles lhe deu um sombreiro de penas de aves, compridas, com uma copazinha pequena de penas vermelhas e pardas como de papagaio, e outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miúdas, que querem parecer de algaveira, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se volveu às naus por ser tarde e não pode haver deles mais falas por causa do mar¹⁴.

Um dos objetivos da missão portuguesa era a catequização. Esse povo impunha sua religião e ideologia a cada território conquistado. No Brasil não foi diferente. Para os portugueses, os habitantes da nova terra não eram dotados de alma, muito menos de religião. Os nativos acompanhavam com interesse a construção do altar para a celebração da primeira missa, mas não a compreenderam. Com crenças diferentes, índios e portugueses davam significados distintos ao mundo em que viviam. Os indígenas, ao final da missa, cantavam e tocavam instrumentos, como flautas, chocalhos e buzinas, demonstrando a naturalidade das expressões artísticas para o ser humano.

¹² PINA, Christine dos Santos. *O efeito coorte e o desenvolvimento das preferências por moda feminina: a moda e sua história*, p. 29. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9049/9049_4.PDF>. Acesso em: 22 out. 2017.

¹³ SOUZA, Mari Guimarães. *Re-visitando a história: colonização portuguesa e subordinação cultural*. 2008, p. 2-5. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14492.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

¹⁴ BRASIL, Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.

A chegada da família real portuguesa ao Brasil foi um marco para a sociedade colonial. A temperatura beirava os 40 graus, o que representou um choque para a nobreza portuguesa acostumada às baixas temperaturas europeias. A vinda da corte portuguesa acarretou muitas mudanças para o Brasil. Até sua vinda, as ruas eram “pavimentadas” com lama e pedregulho, e na colônia não havia saneamento básico, o que gerava muitas doenças.¹⁵ De um lado, as índias passeavam com suas “vergonhas” à mostra; do outro, senhoras de fino trato desfilavam com pesados e acalorados vestidos europeus.

A história da moda no país dos trópicos demonstra pormenores expressivos da rotina da colônia até os dias atuais. Enquanto algumas peças aparentam ser especialmente atuais, outras demonstram costumes típicos de cada período. A moda da época expõe uma aproximação muito clara das indumentárias atuais. Ainda que sob as altas temperaturas dos trópicos, as senhoras e donzelas utilizavam vestimentas pesadas de veludo, seguindo as tendências no estilo da corte do rei Henrique VII. Seda, brocados e tafetá também estavam presentes nesses ambientes, ostentando grande poder econômico: quanto mais ricos eram os usuários, mais elaboradas eram as vestimentas.

Os trajes femininos eram igualmente ajustados e exaltavam os atributos da feminilidade: os decotes eram generosos, o formato quadrado e o apertado espartilho garantiam a beleza de um corpo “perfeito”, mas carregado de sofrimento, evidenciando os seios e a cinturinha fina. Alguns desses trajes históricos continuam em voga, como parte da história atual, adaptados comumente à nossa rotina, mas ainda em termos distantes.¹⁶ Quase um século adiante surge períodos marcantes na história da moda: o estilo *hippie* dos anos 1960 e os *twin-sets* da década de 1970.

Alguns estilistas apropriam-se de símbolos religiosos sem nem mesmo conhecer seu real valor cultural, afetivo ou espiritual. Os símbolos, de maneira peculiar, aproximam os indivíduos e os grupos, mesmo que não se definam suas crenças. Para Tillich, “a cultura é a forma da religião. Esse ato é especialmente óbvio na linguagem que ele usa. Qualquer tipo de linguagem, incluindo a da Bíblia, resulta de inumeráveis atos de criatividade cultural”.¹⁷

Nota-se essa expressão artística religiosa e cultural nas telas e nas esculturas do artista italiano Michelangelo Buonarroti. Para Benjamin, o respeito para com esses artistas

¹⁵ SILVA, Matheus Alves Duarte. *A Família Real no Rio de Janeiro: doenças e práticas terapêuticas no Período Joanino*, p. 8-9. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1VWQRJ8dqV5r18HnfU9IKd5uuy3LLKA9K?usp=sharing_eil&ts=5b3cffe2>. Acesso em: 22 out. 2017.

¹⁶ LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Disponível em: <https://img.travessa.com.br/capitulo/COMPANHIA_DE_BOLSO/IMPERIO_DO_EFEMERO_O_A_MODALIDADE_SEU_DESTINO_NAS_SOCIEDADES_MODERNAS-9788535915129.pdf>. Acesso em: 22 out. 2017.

¹⁷ TILLICH, 2009, p. 88.

“contribui mais com a humanização da humanidade”¹⁸, expressando uma arte popular que celebra a religião genuína de céu e inferno, deixando de lado as diferenças sociais e demonstrando a aspiração de todo ser humano à eternidade. Esse ideal se mostra em duas de suas obras pintadas na Capela Sistina: *A criação de Adão* e *O julgamento final*.

Figura 1: *A criação de Adão* e *O julgamento final*¹⁹



Para Kandinsky, “a arte não é uma criação sem finalidade que cai no vazio. É uma força cujo objetivo deve ser desenvolver e apurar a alma humana. É a única linguagem que fala à alma e a única que ela pode entender.”²⁰

Assim, arte é criada de acordo com a concepção de mundo do indivíduo. Todo artista transpõe o que tem na alma, trazendo consigo o desejo eminente de fortalecer os laços conceituais das cores e texturas expressas por sua arte.

Da mesma forma que, ao olhar para um símbolo, o indivíduo é transportado para dimensões além do entendimento puramente racional, a arte e suas imagens também o fazem, pois, ao olhar para uma obra de arte e seguir os diversos detalhes, as linhas, as cores, as formas, cada plano e toda a sua estrutura, desdobrando-se em semelhanças e contrastes, nota-se o ritmo de cada parte interligando-se com o ritmo da composição e percebe-se uma íntima razão de ser, vive-se uma experiência estética, uma experiência artística que se dá no âmbito da sensibilidade. Ela transmite um sentimento de expansão de vida e, ao mesmo tempo, desencadeia a compreensão de certas verdades sobre o mundo e sobre si.²¹

¹⁸ BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*, 2012. Tradução João Barrento. Autêntica p. 123. Disponível em: <<https://grupoautentica.com.br/autentica/livros/o-anjo-da-historia/820>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

¹⁹ BLUMBERG, Antonia. *A criação de Adão e o julgamento final*, 2016. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2016/02/26/6-fatos-interessantes-que-vaio-mudar-sua-visao-da-capela-sistina_a_21684986>. Acesso em: 2 fev. 2018.

²⁰ KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p.114-115.

²¹ GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. COLONHEZI, Laura. *A religião como linguagem Simbólica: aproximações entre Durkheim e Jung*. 2005– Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/viewFile/575/362>>. Acesso em: 18 out. 2017.

Vale pontuar, à luz desse pensamento, que a arte e os símbolos produzem grandes efeitos emocionais, ensejando uma relação ou referência profunda com a sociedade.

A arte, como o símbolo, agita os recantos profundos da alma humana, pois eles se dirigem para dentro do ser humano, transportando sua mente rumo ao infinito da subjetividade. A arte tem vida própria e atua em dimensões que o conhecimento racional não pode atingir. Dessa forma, sente-se que algo importante está sendo formulado naquela imagem e que se faz parte desse conteúdo, dessa mensagem, não só com os olhos, mas com todo o corpo e a alma.²²

A arte proporciona a captação da emoção da obra transmitida pelo artista, e o espírito se enobrece diante da obra admirada.

A mitologia antiga permite esclarecer muito da cultura do mundo ocidental. Sua história, em certo sentido, é a nossa história. Aqui se percebe uma breve concepção dialética entre mito e esclarecimento que enfatiza o esforço comum de separação do ser humano em relação à natureza, na visão de Theodor Adorno, traduzido por Malloy:

Mito não é, de fato, a antítese do esclarecimento; é apenas uma outra forma de esclarecimento, do que o esclarecimento é em sua essência. O verdadeiro outro do esclarecimento para Horkheimer e Adorno é a natureza simples. O esclarecimento objetiva livrar a humanidade da natureza e não do mito. O mito foi incapaz de completar sua tarefa, a tarefa do esclarecimento, de dominação da natureza. Por causa disso é que mito e esclarecimento são o mesmo.²³

A imaginação grega com seus deuses, mitos e, em especial, sua filosofia, criou os fundamentos da sociedade ocidental. Na Grécia, as vestimentas tinham conotação diferente de outras culturas. A nudez não era considerada indigna, dado o interesse em produzir obras artísticas exaltando a beleza do corpo humano.

Com a invasão dos bárbaros, Roma ficou debilitada, dividida em Roma ocidental e oriental. Esta última tinha por capital Constantinopla, hoje Istambul, a atual capital da Turquia. Na época, os chamados bizantinos produziam uma seda de uso particular da realeza e da alta sociedade.²⁴ A religião ortodoxa no Império Bizantino causou tumultos que culminaram com a guerra civil.

Nessa época os trajes religiosos eram verdadeiras obras de arte, e envergados por membros da alta sociedade, que desfilavam nas cortes para se exhibir. A religião já inspirava

²² KANDINSKY, 1990, p. 116.

²³ HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento* – Fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. 3ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 43-60.

²⁴ MELO, Priscila. *Império Bizantino*. Colégio Web, 2012. Disponível em: <<https://www.colegioweb.com.br/alta-idade-media-imperio-bizantino-e-islao/a-religiao-no-imperio-bizantino.html>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

coleções de artistas renomados desde a época do período bizantino, e várias religiões eram demonstradas por manifestações artísticas e criativas.

Toda essa beleza religiosa no vestir-se conquistou muitos admiradores, e ainda hoje representa uma herança usufruída pelas artes religiosas. Mas também tem sido motivo de conflitos religiosos: para uns, trata-se de um simples hábito de se vestir usando adornos e acessórios religiosos como peças decorativas; outros consideram essa prática afronta aos princípios religiosos e de expressão. Para melhor entendimento dessa questão, observem-se abaixo alguns artistas que utilizaram símbolos religiosos para expressar sua arte na moda, como o carioca Antonio Bokel. Depois de voltar da Índia, ele criou a série *Made in Índia*, inspirada na cultura indiana e refletindo sobre todo o antagonismo entre a tradição, a espiritualidade e os efeitos da globalização na cultura, servindo-se do contraste com a moda ancestral da religiosidade indiana.²⁵

Igor Scalisi Palminteri, de Palermo, na Itália, transformou imagens de santos da Igreja Católica em super-heróis, repintando as obras sacras com tinta acrílica, pontuando uma reflexão sobre religião e moda, com gosto de arte, e produzindo uma polêmica que chegou ao Vaticano.

Figura 2: Arte sacra: Mulher maravilha²⁶



²⁵ HOMEGROWN. *Exposição do artista Antônio Bokel no Rio de Janeiro: Exposição Made in India*, 2013. Disponível em: <<http://postozero.com/eventos/exposicao/antonio-bokel-made-in-india>>. Acesso em: 22 out. 2017.

²⁶ VASCONCELOS, Elis. *Arte sacra: mulher maravilha*. 2013. Disponível em: <<http://www.renataabranhcs.com.br/fe-moda-e-arte/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

Figura 3: Arte sacra – super-heróis²⁷



Dolce e Gabbana, em sua coleção de inverno, levaram para as passarelas roupas totalmente inspiradas no catolicismo, com peças que traziam imagens de santos e vitrais de igrejas bordados e estampados. O mesmo tema foi explorado pelo estilista Ricardo Tisci Nana na sua coleção outono/inverno 2014, na Fall Winter – Men collection, voltada ao público masculino.

Figuras 4: Conceito religioso²⁸



²⁷ VASCONCELOS, Elis. *Arte sacra: super-heróis*. 2013. Disponível em: < <https://3.bp.blogspot.com>>. Acesso em: 22 out. 2017.

²⁸ DUDU, Luiz. *Conceito religioso: Dolce & Gabbana Fall-Winter 2014 Men's Collection*. 2014. Disponível em: <<http://legeni.us.blogspot.com.br/2014/01/dolce-gabbana-fall-winter-2014-mens.html>>. Acesso em: 22 out. 2017.

Do mesmo modo, se veem desfiles de moda com mulheres vestidas com véus de renda e roupas pretas e brancas cheias de veludos, inspiradas na Virgem Maria.

Figura 5: Santidade no vestir²⁹



A indumentária religiosa tornou-se moda no período bizantino, pois a classe dominante do império vestia-se de forma religiosa, com belas roupas bordadas em ouro e pedrarias. Eis um momento histórico de grande importância para a moda, tanto assim que até hoje bispos da Igreja Católica vestem-se assim em cerimônias religiosas. Através da história pode-se compreender a influência do vestuário e da moda na religião. O desenvolvimento da moda evidencia-se em Londres e Nova York, mas Paris é, sem dúvida, um dos maiores centros de desfiles de moda no mundo, e a empresa Chanel, sediada na França, é um dos seus grandes pilares, quicá o cânone maior da moda mundial.

Para ilustrar esse período, nada melhor do que destacar com uma perfeita obra de arte o desfile da estilista da Chanel Karl Lagerfeld, de 2011, em Paris, trazendo às passarelas uma releitura do período bizantino. Karl, mais conhecida por Chanel, sua marca, valorizou as indumentárias da época por sua suntuosidade e beleza ao chamar a atenção para a riqueza de detalhes mantida por sua marca. Karl e sua equipe conseguiram representar com louvor uma manifestação religiosa e cultural vivida nessa época, quando os civis economicamente poderosos vestiam-se de forma religiosa e suntuosa, considerada bizarra por alguns.

As imagens seguintes retratam esse maravilhoso momento das passarelas de Paris revelado para o mundo pelas lentes de Luciane Morazzi.

²⁹ ABRANCHS, Renata. *Santidade no vestir*. 2013. Disponível em: <<http://www.renataabranhcs.com.br/wp-content/uploads/2013/05/meadham.jpg>>. Acesso em: 22 out. 2017.

Figura 6: Releitura Bizantina – Chanel 2011³⁰

O ponto de partida do evento foi uma releitura da cultura bizantina pela estilista Coco Chanel. A coleção, de aparente opulência de elementos decorativos, suaviza-se pela modelagem e pela proporção alongada, com certa “folga”, principalmente nas calças de veludo cotelê ou *jeans* desgastado. Karl fala de um luxo ou riqueza meio *nonchalance*, um “estar arrumado”, ao mesmo tempo em que desarrumado, como exemplificou em seus dois últimos desfiles de alta-costura. Agora, seu *pre-fall* 2011 vem com ares levemente *hippie*, um *hippie* rico e luxuoso, cujas famosas jaquetas de *tweed* vêm com correntes douradas, e os vestidos alongados, com mosaicos percorrendo todo o comprimento. Também há casacos com maxibotões dourados, tricôs com bordados em motivos tipicamente bizantinos, maxipulseiras marcando os punhos e mais uma série de motivos e aplicações responsáveis por fazer de todo esse arsenal bizantino algo atual e desejável.³¹

Segundo Andrew Bolton, curador das exposições do Costume Institute no Met, esse é o tema que ele sempre quis explorar: “É tudo sobre a influência do catolicismo nos estilistas, sobre a ligação entre a imagem e a criatividade da igreja. O fato de terem sido criados pela

³⁰ MORAZZI, Lu. *Releitura Bizantina - Chanel 2011*. 2011. Disponível em: <<http://lumorazzi.blogspot.com/2013/03/moda-historia-e-evolucao-imperio.html>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

³¹ LAGERFELD, Karl. *Chanel pre-fall 2011*, Nova Iorque. Desfile da Chanel, 2011. Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/noticias/moda/chanel-pre-fall-2011-veja-todas-as-fotos-do-desfile-riqueza/>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

igreja católica, crescendo mergulhados nessa tradição, acendeu a imaginação de muitos estilistas”.³²

É o que revelam as imagens a seguir, que retratam momentos deslumbrantes do desfile nas passarelas da Met Gala, com modelos que brilharam em indumentárias retratando a influência do Catolicismo na moda.

Figura 7: Ariana Grande veste Vera Wang com estampa da obra *O juízo final*, de Michelangelo³³



Figura 8: Katy Perry em versão angelical by Versace³⁴



³² COSTUME INSTITUTE NO METROPOLITAN MUSEUM OF ART. *Met Gala 2018: as coleções de moda inspiradas no catolicismo*. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/noticia/2018/05/met-gala-2018-colecoes-de-moda-inspiradas-no-catolicismo.html>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

³³ INBAR, Mariana. *Ariana Grande veste Vera Wang com estampa da obra O juízo final, de Michelangelo*. 2018. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/noticia/2018/05/met-gala-2018-colecoes-de-moda-inspiradas-no-catolicismo.html>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

Figura 9: Madonna, com coroa, crucifixos e vestido assinado por Jean Paul Gaultier³⁵



Figura 10: Rihanna, anfitriã da noite, veste Margiela by John Galliano³⁶



Figura 11: Jennifer Lopez, de Balmain³⁷



³⁴ INBAR, Mariana. *Katy Perry em versão angelical by Versace*. 2018. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/noticia/2018/05/met-gala-2018-colecoes-de-moda-inspiradas-no-catolicismo.html>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

³⁵ INBAR, Mariana. *Madonna, com coroa, crucifixos e vestido assinado por Jean Paul Gaultier*. 2018. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/noticia/2018/05/met-gala-2018-colecoes-de-moda-inspiradas-no-catolicismo.html>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

³⁶ INBAR, Mariana. *Rihanna, anfitriã da noite, veste Margiela by John Galliano*. 2018. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/noticia/2018/05/met-gala-2018-colecoes-de-moda-inspiradas-no-catolicismo.html>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

³⁷ INBAR, Mariana. *Jennifer Lopez de Balmain*. 2018. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/noticia/2018/05/met-gala-2018-colecoes-de-moda-inspiradas-no-catolicismo.html>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

As opiniões entre o público foram discordantes. Alguns entenderam o desfile como um deboche da fé católica, com aquelas celebridades ousadamente vestidas.³⁸ A polêmica entre moda e religião foi o tema do evento, nomeado de “Corpos celestiais: moda e imaginação católica”. Tanta polêmica não deixa de conduzir a uma reflexão: como o estilista vê um corpo celestial? E por que permitir a expressão dessa ousadia por figuras de influência na mídia? A moda sempre buscará criticar ou aplaudir os manifestos sociais, mas perderia sua utilidade se não denunciasse, nesse momento de declínio religioso, tantos escândalos envolvendo religiosos e instituições. Por isso o evento analisado foi chamado de “desfile protesto”, que não teve intenção crítica, mas empenhou-se em mostrar a influência dos símbolos religiosos na moda e como eles têm agradado a um público variado. Esse tema será tratado a seguir, no estudo da influência das artes e da cultura religiosa na contemporaneidade, época muito visionária, pois nunca se viveu tão à frente do próprio tempo.

1.2 A religião e a moda

A religião está relacionada aos símbolos, rituais, danças e mitos, dentre outros elementos, e tem como objetivo levar seus praticantes a uma relação de intimidade com as divindades. A moda reflete a religião em vestimentas e utensílios dos praticantes, com um mercado de consumo vinculado à economia e ao *marketing*, com o objetivo de criação de “uma religião de consumo”.

Tendo em vista que a postura religiosa pode se ligar à conduta de determinadas agremiações sociais, os produtores de moda desenvolvem produtos ajustados a esse mercado específico.

No início do século XIX, as manifestações culturais e religiosas, bem como os costumes e rituais trazidos da África, eram reprimidas pelos europeus, que julgavam todo esse patrimônio cultural algo ultrapassado. A raça negra era retratada como uma cultura atrasada, sem perspectiva de prosperidade para a Europa.

Tal comportamento não difere essencialmente do preconceito da classe alta brasileira, que via no negro apenas uma forma de mão de obra mais barata. Os barões do café, por exemplo, jamais se manteriam no poder se não fossem os negros explorados, num

³⁸ GLOSS, Hugo. *Catholicus*: celebridades debocham da fé católica em desfile de moda, 2018. Disponível em: <<https://catholicus.org.br/celebridades-debocham-da-fe-catolica-em-desfile-de-moda/maio2018>>. Acesso em: 3 jun. 2017.

momento da história desta nação que não se pode esquecer. Muitos perderam a vida nos desumanos porões dos navios negreiros, ou tumbeiros,³⁹ manchando de vergonha a história da humanidade.

A partir do século XX, a cultura negra começou a ser aceita e celebrada como fonte de expressões artísticas genuinamente nacionais, e hoje faz parte do calendário nacional, influenciando, em muito, o dia a dia da nação.⁴⁰ O Dia Nacional da Consciência Negra, criado em 20 de novembro de 2003, alcançou o *status* de efeméride, e incluído no calendário escolar – até ser oficialmente instituído em âmbito nacional pela Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011. Hoje, essa data é feriado em cerca de mil cidades em todo o país e nos estados de Alagoas, Amazonas, Amapá, Mato Grosso e Rio de Janeiro, mediante decretos estaduais. Nos estados que não aderiram à lei, essa responsabilidade será gerida pelas Câmaras de Vereadores de cada município, que decidirão se tratarão ou não a data como feriado. A data, escolhida por coincidir com o dia atribuído à morte de Zumbi dos Palmares, em 1695,⁴¹ é dedicada à reflexão sobre a inserção do negro na sociedade brasileira.

A iniciativa serviu à conscientização e à reflexão sobre a importância da cultura afro-brasileira na formação da história da moda e da religiosidade do povo brasileiro. O negro muito contribuiu para a cultura e muito influenciou a religião, a moda e a arte com sua cultura e estilo de vida.

Respeitar o estilo é respeitar a identidade visual ou a característica própria do outro, nas quais ele se sinta bem. O estilo é pessoal e nunca imposto, pois ninguém dita o estilo que o outro deva ter ou usar. A religião similarmente exerce domínio próprio, único e abrangente, conduzindo a um estilo que situa o adepto em um propósito religioso e prazeroso. E a fé se evidencia cada vez mais no mundo pós-moderno, com o surgimento de novas manifestações religiosas e suas ações inovadoras, marcando um estilo religioso. Para o religioso é importante essa diferença física e estética, constituinte de uma identidade, um símbolo de pertencimento social. Para Tillich, o povo expressa seu estilo por meio da arte religiosa:

O predomínio do estilo expressivo na arte contemporânea é uma chance para o renascimento da arte religiosa, embora nem todas as variantes desse estilo sejam igualmente adequadas a esse propósito. Mas a maioria é. Não se pode dizer até que

³⁹ ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. *Navios negreiros: cultura afro-brasileira se manifesta na música, religião e culinária*, 2015. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/navios-negreiros/>>. Acesso em: 3 jun. 2017.

⁴⁰ ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/10/cultura-afro-brasileira-se-manifesta-na-musica-religiao-e-culinaria>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

⁴¹ ASCOM. *Fundação Cultural Palmares: 324 anos da queda do Mocambo dos Macacos – Serra da Barriga*, 2018. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/archives/49036>>. Acesso em: 3 jun. 2017.

ponto os artistas (e as igrejas) aproveitaram a oportunidade. . Resta-nos permanecer abertos para o surgimento da nova arte religiosa por meio do estilo expressivo.⁴²

No início da década de 1980, uma mulher negra canta “você ri da minha roupa, você ri do meu cabelo, você ri da minha pele, você ri do meu sorriso. A verdade é que você tem sangue crioulo, tem cabelo duro, Sarará crioulo”.⁴³ Esse hino à valorização da beleza negra é uma canção de protesto que afirma que quem ri do negro também tem sangue negro, e ao mesmo tempo, uma apologia à mestiçagem, característica inquestionável do brasileiro.

A Laidaraculturografia⁴⁴ (do iorubá *laidara*, feio) associa a cultura afro-brasileira à estética, e a cultura brasileira ao feio, revelando mais uma face da notável cultura negra. A própria mídia tem tirado proveito dessa explosão da beleza negra, celebrada no mundo da moda, enquanto a juventude vem, cada vez mais, buscando seus ancestrais para viver genuinamente suas características físicas e religiosas. Aberta às novas tecnologias, nasce uma juventude cheia de ideais e vontade de representar o povo que um dia foi escravizado e humilhado. Essa representatividade se verifica em outros países miscigenados como o Brasil, que querem mostrar ao mundo toda a sua beleza e cultura.

A moda, com o passar dos anos, interferiu no cotidiano e transformou-se pelo contato com povos de culturas variadas, que foram adquirindo novos gostos. A moda tornou-se uma forma de comunicação e expressão, servindo como ponte para essa nova geração que se levanta com conceitos inovadores, inventando um modo de viver próprio, mas sem perder o contato com o comércio e a vida cultural. Entretanto, essa modalidade cultural tem se apresentado como posicionamento laico, e a cada dia surge um público voltado para os *blogs*, *sites* e lojas virtuais conectados a essa nova moda nomeada por alguns de moda religiosa. O mercado percebeu que a falta de representatividade o fazia perder espaço e recursos. Novas mídias surgiram, compondo o que hoje se conhece como moda religiosa. O conceito de moda passou a aliar-se a princípios religiosos e mercadológicos.

Para Tillich, a criatividade do espírito humano se revela nas religiões e em sua cultura, posto que, segundo ele, “a religião é a substância, o fundamento e a profundidade da vida espiritual dos seres humanos”.⁴⁵ Tal preocupação se manifesta socialmente, expressando-

⁴² TILLICH, 2009, p. 121.

⁴³ SÁ, Sandra de, *Olhos coloridos*. Discografia: Som livre, 1994. Disponível em: <<http://sandradesa.com.br/#discografia/olhos-coloridos-1994/>>. Acesso em: 3 jun. 2017.

⁴⁴ SILVA, Verônica Guimarães Brandão, *A cultura brasileira do feio: por uma noção de beleza ampliada*. Brasília, 2017, p. 23. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24731/1/2017Ver%C3%B4nicaGuimar%C3%A3esBrand%C3%A3odaSilva.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2017.

⁴⁵ TILLICH, 2009, p. 93.

se em cada esfera da existência humana, inclusive “nas criações básicas de todas as culturas, na linguagem, que permeia a vida e a sociedade”.⁴⁶

Grandes misturas de conceitos e pensamentos divergem, produzindo sujeitos dispostos a usar o próprio corpo como palco para todo tipo de teatralização. Vestes especiais são apresentadas em rituais religiosos. Em alguns cenários religiosos essas indumentárias são utilizadas para atrair novos adeptos ou apresentar novidades aos apreciadores.

Surgem, assim, as “tribos” dispostas a chamar a atenção pelo jeito de se vestir e portar-se. Esses grupos, na maioria, pertencem a nichos específicos, tais como teatro, tevê, cinema e outros meios de comunicação. Corpos são esculpidos por todo tipo de ferramenta e aparato para o embelezamento. O fenômeno ‘beleza’ tem ocupado cada vez mais espaço na cultura atual, impulsionado pela obsessão por uma beleza sintetizada por bisturis, cosméticos, alimentação etc. O corpo tornou-se uma extensão da cultura, da moda e da arte, impulsionada por uma mídia sedutora repleta de imagens e tecnologias as mais diversas. Como retratam as figuras 12 e 13, atualmente as manchetes induzem a dietas rígidas e outros recursos na busca de um corpo perfeito e saudável, para a admiração e o desejo apregoados pela mídia. O crescimento do movimento feminista contribuiu para o enaltecimento do padrão das “magrinhas-tábua”, como a famosa modelo inglesa Twiggy.

Figura 12: Twiggy⁴⁷



⁴⁶ TILLICH, 2009, p. 45, 232.

⁴⁷ TWIGGY. *Modelo anos 60*. 1960. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/ela/no-aniversario-de-twiggy-relembre-momentos-da-carreira-da-lendaria-modelo-16939701>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

Figura 13: corpos esculpidos⁴⁸



Capas de revistas na mídia atual

Esse fenômeno não abrange somente o sexo feminino, mas também os homens. A busca da aparência mais jovial, do corpo mais escultural e atraente tem feito muitos homens de todas as idades sucumbir às tendências da moda, recorrendo a meios que lhes proporcionem um corpo mais saudável e perfeito.

Celebridades têm recorrido à medicina estética em busca da satisfação do próprio ego, atingindo um padrão de beleza imposto pela mídia. A figura 14 traz uma matéria do jornal *A Tribuna* que relata a peregrinação masculina até esse padrão vendido pelos meios de comunicação.

Figura 14: Vaidade masculina⁴⁹



Figura 15: Ken humano⁵⁰



A figura 15 retrata o jovem Celso Santebañes, de apenas 20 anos, falecido em 4 de junho de 2015, que ficou conhecido na mídia como o Ken humano pelas inúmeras cirurgias plásticas a que se submeteu para assemelhar-se ao boneco Ken, da coleção da boneca Barbie.

⁴⁸ SANCHES, Rodrigo Daniel. *Corpos esculpidos*. 2017. Disponível em: <<http://www.Jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/discurso-das-novas-dietas-reforca-padroes-de-beleza-inalcancaveis/>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

⁴⁹ A TRIBUNA ES. Reportagem de 05 mar. 2017. Disponível em: <<https://tribunaonline.com.br>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

⁵⁰ Ken humano. (Foto: Reprodução/Facebook).

Os estudiosos da beleza têm constatado que essa tendência não vai parar e, pelo contrário, tem assumido proporções inimagináveis. Pouca gente escapa a esse culto ao corpo, por mais simples que seja seu ritual. Um simples tingimento de fios brancos pode se tornar um desafio na escolha da melhor cor a ser aplicada, assim como do melhor corte.

O desejo de alcançar o ‘impossível’ é incentivado pelas mídias que controlam e influenciam as mentes, conduzindo-as ao sonho da perfeição, como se pode ver nas esculturas gregas da antiguidade.

Numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilhaçar todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes, de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem. Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos.⁵¹

A moda encontrou espaço nesse público que não abre mão do corpo perfeito, entregando-se ao estilo mais ecumênico e desenvolvendo um conceito de indumentária que leve em suas raízes a religiosidade.

1.3 No ambiente escolar

A religião, tema extremamente complexo, visto que se relaciona com a fé, algo de foro íntimo, particular e intransferível, deve ser pensado também no ambiente escolar, carregado de intolerância e preconceito. A imposição da religião contraria a liberdade das relações sociais.

A religião cristã pode e deve ser pensada em relação à moda, assunto extremamente rico, principalmente no que se refere à releitura da moda do período bizantino por alguns estilistas da atualidade, que, como já visto, utilizaram-se dos símbolos cristãos, gerando conflitos com vários cristãos, que rejeitaram essa proposta. Tais símbolos, relacionados a imagens da Virgem Maria ou de Jesus Cristo estampadas em roupas íntimas, foram causadores de processos na justiça com vistas a proibir sua venda. A conceitualização das roupas com símbolos religiosos sempre foi motivo de discussão, mas nem por isso a indústria da moda parou de produzir esse vestuário.

⁵¹ MACLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 21.

No meio evangélico, a arte tem peso bem diferente do que assume na igreja católica romana, diferentemente do que acontece quando se trata de moda. As linhas de concepção pentecostal em geral tratam a questão da vestimenta de forma mais complexa, relacionando o pensamento de vários grupos com interesses doutrinários divergentes. Nesse contexto, cada um entende sua forma de pensar como a mais correta ou verdadeira, e a vestimenta é um dos itens que reflete a interpretação das Sagradas Escrituras por seus líderes. A roupa, para muitos, está ligada à santidade, e quanto mais sóbria e fechada for, mais perto de Deus o fiel se sente. A liberalidade no vestuário rotula como profanos seus usuários.

O mercado *gospel* tem potencial de crescimento quase ilimitado, a tal ponto que a Rede Globo e a Sony Music criaram o Troféu Promessas⁵² em 2011, televisionado todos os anos, o que demonstra que a arte musical faz “milagre”. Muitas conversões não derivam de questões doutrinárias, mas do entretenimento. A arte no campo da música confere significado e sentimento de pertencimento ao chamado “mundo *gospel*”. Uma gama de produtos como roupas, livros e CDs, além de outros, é voltada a esse mercado consumidor, com marcas como MK Publicita, Deus é 10, d.C., Escudo Fé de André Valadão, etc.

A mídia tem sido um dos grandes propulsores para a construção da cultura de adoração do corpo, aspecto também marcante no ambiente escolar, refletindo uma característica da pós-modernidade. Essa forma de pensar se expressa em modelos humanos perfeitos e em certo sentido inalcançáveis, o que leva a indústria da beleza a cada ano aumentar seus lucros de forma exponencial.

Entre os estudantes, sobretudo nos centros urbanos, a cultura midiática tem exercido forte influência, movendo tais sujeitos para a armadilha da auto adoração, capitalizando a automotivação e a elevação da autoestima. Não por acaso, o mercado dos cosméticos é um dos mais lucrativos do mundo. Hoje, com o acesso a novas tecnologias, ampliaram-se as possibilidades no campo da beleza, que reduziu os custos de fabricação, barateando os produtos, generalizando um acesso antes limitado às elites. A beleza deixou de ser uma questão de destino ou hereditariedade para se tornar uma escolha ou um luxo ao alcance de todos.

Esse movimento, muito forte dentro da escola, abriu uma passarela aos jovens para que exponham suas personalidades por meio de traços como tatuagens, alargadores, *piercings* e toda sorte de adornos e enfeites para o corpo, o que demonstra a elevação da autoestima e do bem-estar. Os estudantes participam da supervalorização do corpo, que tem relação direta

⁵² GLOBO, Rede. SONY, Music. Troféu Promessas. Disponível em: <<https://www.trofeupromessas.com.br>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

com a automotivação e a cultura individual, e do mercado sempre em alta do cuidado com corpo, que cria um alto volume de negócios a cada ano, gerando mais empregos e renda.

No ambiente escolar há um impulso motivacional à felicidade e ao entusiasmo, e os sujeitos raramente atingem a completa satisfação, pois sempre que uma necessidade é satisfeita, logo é substituída por outra. Nos jovens a insatisfação é uma constante, fator inquietante. Walter Benjamin observa a necessidade do sujeito de “chegar à consciência de quão pobre ele é, e de quanto ele precisa ser pobre para começar de novo”. Os jovens não querem começar de novo, estão em processo de mudança, deixando de ser crianças para se tornar adultos, e nesse intermédio observa-se vários conflitos. Adolescente é sinônimo de mudança de corpo, e a estética é um dos pilares dessa busca pelo corpo perfeito. Nesse processo, muitas vezes falta motivação para frequentar as salas de aula, pois o convívio religioso e social pode ser conflituoso.

A influência da mídia acaba pressionando e mobilizando os jovens ao padrão de beleza e estética anunciado, levando-os à percepção do próprio corpo e à reflexão sobre este. O comportamento estético se estrutura no que é considerado mais ou menos belo. Não é difícil, portanto, que a beleza seja priorizada por muitos na escola e na sociedade.

A cirurgia plástica estética é um caminho para triunfar sobre a má formação, melhorar a imagem social e aumentar a autoestima. Por sua vez, oferece uma nova aparência ao indivíduo e garante um “lugar ao sol” na sociedade.⁵³

No Brasil a corrida em direção à beleza não para. Buscam-se freneticamente informações sobre novos produtos, tratamentos estéticos ou tendências de mercado. Essa maratona estende-se à escola. Esse tem sido o grande desafio encontrado por muitos/as educadores/as para incluir o/a educando/a em um ambiente igualitário, sem exceções, fazendo da sala de aula a maior ferramenta de inclusão. Infelizmente alguns educandos/as se recusam a participar da interação com o grupo, por não se encaixarem nos protótipos de beleza impostos pela mídia.

Sob a ótica de estética teológica, a beleza está em conexão com a manifestação divina, refletindo “a beleza teológica (glória) da revelação mesma”⁵⁴. Desde o nascimento a percepção corporal se dá de maneira contínua e gradativa, alcançando o fim na adolescência. A personalidade é influenciada pelo modo de sentir, pensar e agir diante da percepção dos atributos físicos.

⁵³ BORBA, Tamila Josiane; THIVES, Fabiana Marin. *Uma reflexão sobre influência da estética*. p.2. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Tamila_Josiane_Borba.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2018.

⁵⁴ VON BALTHASAR, 1988, p. 9.

Com isso pode-se compreender a importância do reconhecimento reclamado pelo indivíduo. Ele não somente deseja o crescimento de sua autoestima, como também anseia por chamar a atenção da sociedade.

Vale refletir aqui sobre as lideranças dos movimentos afros que se utilizam da música, da dança e do teatro como forma de restabelecimento de uma estética da cultura negra, possibilitando a interiorização de uma imagem mais íntegra e verdadeira do negro, capaz de refletir quem de fato ele, de modo a escapar do imaginário inculcado pelos valores da sociedade branca.

O “black is beautiful” se tornará a pedra principal para a desconstrução da alienação cultural “branca” em todas as esferas da sociedade, construindo a identidade individual e coletiva que afirme continuamente a beleza negra. A cultura está intimamente ligada à valorização do “eu” e à plena consciência de pertencimento a um grupo que também marcou, nos últimos 20 anos, os poetas, artistas plásticos e fotógrafos que tentaram, à sua maneira, reinterpretar os valores tradicionais de origem africana a partir da assunção de uma estética negra e da recusa crítica à primazia dos valores ocidentais dominantes.⁵⁵

Tratando-se de valorização e conscientização, nada mais coerente que lançar mão dessa rica cultura que vem sendo abandonada ou discriminada ao longo dos tempos, trazendo-a para o contexto escolar (sala de aula) e dedicando-lhe um olhar mais aprimorado, com vistas a trabalhar as diferenças raciais, os estilos musicais, as expressões religiosas e a moda vivenciadas por esse grupo inserido em uma sociedade preconceituosa. Benjamin ressalta que “a história deve ser escovada a contrapelo. A história da cultura como tal é abandonada: ela deve ser integrada à história da luta de classes”.⁵⁶

Os adeptos de religiões de matriz africana como a umbanda e o candomblé utilizam, na maioria, vestimentas especiais para cultuar seus santos e orixás nos seus templos ou locais específicos, e raramente se utilizam esses trajes fora do ambiente de culto. Não custa lembrar que as religiões africanas aparentam maior liberalidade que os evangélicos no que diz respeito à vestimenta.

No ambiente escolar percebe-se uma mistura de religiões, com a possibilidade de enfrentamentos, tendo em vista que se trata de um ambiente fechado onde se encontram não somente educando/as, mas também educadores/as, com suas respectivas religiões. Na atual sociedade os valores são a todo tempo questionados, e aqueles que antes eram bons já não

⁵⁵ MUNANGA, Kabengele. *A Dimensão Estética na Arte Negro-Africana Tradicional*, 2006. Disponível em: <<http://www.macvirtual.usp.br/mac/arquivo/noticia/Kabengele/Kabengele.asp>>. Acesso em: 4 mar. 2018.

⁵⁶ BENJAMIM, 1981 *apud* LÖWY, 2011, p.02.

mais o são. E no caso da religião e da moda não seria diferente, sendo de suma importância a construção de “pontes” de relacionamento que sirvam como canais de troca de experiências, buscando a tolerância em benefício de todos, reduzindo-se ao máximo o embate entre as diferenças. Ou seja, é preciso criar um ambiente em que o cristão não seja melhor nem pior que o umbandista ou espírita. Tal anseio só se realiza em longo prazo, com a união do corpo docente, que tem a maior responsabilidade de levar os/as educandos/as a compreender seu papel não somente no espaço escolar, mas na sociedade, possibilitando a construção da plena cidadania.

É na escola que se iniciam os primeiros passos para a construção de relacionamentos fora do espaço familiar. É lá que a criança começa a compreender o que é diferente de sua forma de pensar e, em especial, em relação à religião, confrontando o contraste com a religião dos colegas. Na escola pode-se aprender a ser tolerante a pensamentos diferentes. Pensar a religião no ambiente escolar auxilia na conexão das mentes dos/as alunos/as com o “mundo da escola”, numa relação cotidiana com o contexto histórico que fomenta a construção da sua própria cultura, ou seja, uma “cultura escolar”. As atividades escolares produzem a cultura, a história e a arte, dentre outros componentes culturais. Alguns ainda restringem a educação artística ao currículo escolar, porém arte é muito mais do que isso: ela faz parte da atmosfera estudantil como parte da vida. Por meio dela se contempla a diversidade religiosa e a pluralidade tão rica de credos e culturas, cabendo ao preceptor compreender e disseminar a importância dos valores religiosos e culturais.

Por cultura escolar entendem-se ideias, normas, hábitos e tradições, interpretados e transmitidos pelos/as orientadores/as e educadores/as. A cultura material escolar é o seu espaço físico, os objetos materiais que interagem e possibilitam essas transferências de conhecimento.⁵⁷

Entre os objetos da escola contemporânea, um dos principais é o uniforme escolar, constituindo as memórias de muitos que passaram por esse ambiente, no período da infância, da adolescência e da juventude. Todo e qualquer contexto escolar de natureza pública ou privada adota seu próprio modelo de uniforme, que de modo geral tem se conectado à moda contemporânea, visando conforto e *design* adequados a cada época.

Essa mediação da moda nos modelos de uniformes escolares nunca deixou de existir, por meio das formas, cores e tecidos, mas vale lembrar que nem sempre foi aceita por todos os colégios e principalmente pelas instituições mais conservadoras, segundo Lonza:

⁵⁷ MALLMMANN, Ivone Maria. *Uniformes escolares enquanto produto da indústria da moda: para além da obrigatoriedade*. S.C. Criciúma, 2015. p. 2.

“Enquanto as saias ficavam mais curtas no mundo real, a rigidez obrigava as alunas a se vestirem como no século XIX. Mostrar os braços e o colo, nem pensar. Saias somente abaixo do joelho”⁵⁸. O autor ainda salienta que os colégios que não acompanhavam a flexibilidade da moda no mundo eram, na grande maioria, de instituições religiosas estudantis e se tornaram, com o tempo, obsoletos justamente no ponto de que mais se orgulhavam: o próprio nível do ensino.⁵⁹

A maleabilidade de algumas escolas teve resultados mais expressivos na década de 1960, quando do surgimento do *jeans*, pois, segundo Lonza, enquanto os/as alunos/as eram obrigados a vestir calças de tergal azul-marinho, fora dos muros escolares a moda extrapolava e subvertia toda uma maneira de ser e de se portar. Não tardou a que os dois mundos entrassem em choque. Houve um impasse e os colégios tiveram que ceder.⁶⁰

Entre masculino e feminino, a diferenciação entre as maneiras de se vestir sempre existiu e sempre será marcante na sociedade, principalmente nas instituições educacionais, repartições públicas e estabelecimentos religiosos que se mantêm o conservadorismo até a atualidade. Essa resistência à evolução, no entanto, vem perdendo força, pois dos anos 1960 a 1980, com o surgimento da helanca e seus benefícios, as escolas puderam acompanhar as mudanças da moda na confecção dos uniformes escolares, hoje muito mais semelhantes em ambos os gêneros.

Lonza observa que as mudanças foram mais veementes nos anos de 1970 e 1980, momento em que as instituições escolares adotaram os agasalhos esportivos como uniforme escolar. Essa transformação proporcionou a utilização de bermudas, *shorts*, calças compridas, tênis e sapatos de vários tipos tanto pelos meninos como pelas meninas. A calça *jeans* e a camiseta de malha incorporaram-se ao uniforme escolar.

O bem-estar do indivíduo na sociedade de consumo contemporânea está intimamente ligado ao meio e à vestimenta que usa, ditada pelo *marketing* e pela indústria da moda. Os uniformes das escolas não estão mais dissociados desse processo, pois são mercadoria da moda. Eles ganharam novos padrões e são regularizadores na forma de identificação, visando a segurança, ou seja, tornaram-se marcadores sociais e, além disso, sensíveis a condutas e modificações por parte das pessoas que os vestem. Os uniformes são, portanto, a arte nas mãos daqueles que os criam, o estilo ligado àqueles que os usam e seguem até mesmo o rigor das religiosidades.

⁵⁸ LONZA, Furio. *História do uniforme escolar no Brasil*. São Paulo: Ed. MEC, 2005, p. 23.

⁵⁹ LONZA, 2005, p. 23.

⁶⁰ LONZA, 2005, p. 23.

Figura 16: uniforme escolar⁶¹

Assim, uma relação de troca se estabelece entre a cultura material escolar e seus artefatos e a cultura juvenil. A evolução da moda reflete-se nos uniformes escolares, independentemente das crenças e doutrinas religiosas. Outro aspecto interessante quando se considera a escola como instituição educacional preocupada em levar à sala de aula o melhor dos conteúdos educacionais é que a instituição educacional tem procurado exercer uma função que não lhe compete e sim aos pais: a de orientá-los quanto ao credo religioso.

Todo ser humano manifesta o sentimento de querer conhecer o oculto, o invisível que permeia o imaginário da vida e o que reside além dela. E quando esses pensamentos se encontram no espaço escolar, produzem um campo fértil para a criação ou o acirramento de conflitos. Feuerbach afirma: “A consciência de Deus é autoconsciência, conhecimento de Deus é autoconhecimento. A religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do ser humano, a revelação dos seus pensamentos mais íntimos, a confissão pública dos seus segredos de amor”.⁶²

⁶¹ MALLMANN, Ivone Maria. *Uniforme escolar*. 2014. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1802-0.pdf>. Acesso em: 30 set. 2017.

⁶² ALVES, Rubens. *O que é Religião*, Círculo do Livro (Coleção Primeiros Passos), 1994. p. 03.

É nesse contexto que surge na escola a necessidade de um ensino religioso integrado ao currículo, para resolver os conflitos que interferem na ação do indivíduo, conduzindo-o à reflexão e à avaliação de seus atos, para então redirecioná-lo ao seu grupo social de convívio.

Grande parte das pessoas tem baixa autoestima pela rejeição de suas convicções, em especial de seu credo religioso, o que invariavelmente gera discriminação social. Bourdieu⁶³ considera a religião como um instrumento de comunicação em uma linguagem simbólica e estruturada, em que o indivíduo é capaz de se relacionar em suas práticas religiosas:

O processo de constituição de uma instância especificamente organizada com vistas à produção, à reprodução e à difusão de bens religiosos (simbólicos), bem como a evolução no sentido de uma estrutura mais complexa, se faz acompanhar por uma sistematização e moralização das práticas e das representações religiosas.

Os indivíduos geralmente procuram a socialização unindo-se em comunidades nas quais se sentem acolhidos e atraídos por afinidade com uma visão em comum e interesses que os ligam num mesmo propósito, como clubes, associações, *shoppings*, escolas, quartéis e igrejas.

No ambiente escolar encontram-se grupos divididos por afinidade religiosa. A ausência dessa afinidade estimula no indivíduo um isolamento ou afastamento voluntário. Geralmente alguns grupos religiosos reúnem-se, em momentos oportunos, em ambientes escolares nos intervalos das aulas, para juntos partilharem de suas experiências religiosas, tais como músicas ao som de violão, troca de experiências e leituras de textos.

Conforme afirma Martino, a cultura *pop* aproxima-se da religião para apropriar-se dos símbolos religiosos com a finalidade de expandir suas ideologias de modo a sair do meio tradicional e unir-se ao movimento midiático.

Se por um lado o senso comum pode apresentar uma tendência em posicionar religião e cultura *pop* como esferas separadas da experiência humana, a observação atenta dessas práticas sugere muito mais um entrelaçamento permeado de tensões e articulações do que uma divisão estanque.⁶⁴

O ser humano, portanto, necessita partilhar sua vivência religiosa expressando seus sentimentos em relação à sua fé. A religião pode ser “sentida” e exercida dentro de um grupo social.

⁶³ BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 34.

⁶⁴ MARTINO, Luís Mauro Sá. Like a prayer: articulações da cultura *pop* na midiaticização da religião. In: CARREIRO, Rodrigo. FERRARAZ, Rogério. SÁ, Simone Pereira de. (Orgs). *Cultura pop*. Brasília: Compós, 2015, p. 57-72.

A título de informação, a Rádio Fraternidade de São Paulo divulgou, no dia 25 de Setembro de 2017, no *Jornal da Cidade*, que o Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) adiou pela segunda vez a decisão em relação ao Ensino Religioso nas escolas da rede pública⁶⁵. O Supremo julgou uma ação da Procuradoria-Geral da República (PGR) segundo a qual as aulas não poderiam ser ministradas para um único tipo de religião e sim para os diversos tipos de crenças. Atualmente as escolas são obrigadas a oferecer as aulas de religião, mas o/a aluno/a pode escolher se quer participar ou não. Erasto Fortes Mendonça participou de uma comissão sobre o tema no Conselho Nacional de Educação. Para ele a espiritualidade deve fazer parte do ensino, mas não pode ser usada para doutrinação:

Você tem um fenômeno também cultural que é da dimensão espiritual das culturas onde nós vivemos no mundo, eu acho que é razoável que a escola pode esta questão, mas nunca a meu juízo dentro de uma forma particular em relação ao credo religioso, que isso seria impor na escola pública que tem a chancela do Estado que é laico impor o pensamento e uma religião que necessariamente não é das pessoas que estão ali como estudantes⁶⁶.

Fortes, em Reportagem da Rádio Fraternidade, lembra que o Brasil carrega uma herança cultural que associa o ensino à religião católica, já que por mais de 200 anos a educação esteve sobre o comando dos padres jesuítas. Ele também destaca a falta de capacitação dos/as professores/as para lidar com a questão da fé⁶⁷:

Se você tem um/a professor/a católico/a ele/a vai aproveitar aquele tempo para ensinar sua religião, se for um/a professor/a evangélico/a ele/a vai aproveitar para ensinar aquela religião e curiosamente ou lamentavelmente, você tem professor/a que é de uma fé religiosa voltada a padrões afro-brasileiros, por exemplo, aí você tem o nível dos escândalos, porque a escola não se abre para fazer essa reflexão, onde necessariamente deveria se abrir porque se é para a gente analisar a cultura religiosa todas as religiões deveriam ser analisadas⁶⁸.

Já o secretário-geral da CNBB, Don Leonardo Steiner, defende o ensino confessional nas escolas. Ele afirma que cabe à instituição definir o tipo de religião a ser ensinado, de

⁶⁵ AGÊNCIA RÁDIO WEB DE PORTO ALEGRE. Por Fernanda Veizel ao *Jornal da Cidade / Rádio Fraternidade AM* de Araras, SP, 2015. Disponível em: <<https://www.rádios.com.br/aovivo/radio-fraternidade-1500-am/13168>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

⁶⁶ MENDONÇA, Erasto Fortes. Doutor em Educação pela Unicamp (1999) e Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (1986). Foi conselheiro do Conselho Nacional de Educação (2012/16), presidente da Câmara de Educação Superior (2014/16). É professor aposentado da Universidade de Brasília. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/615464/erasto-fortes-mendonca>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

⁶⁷ MENDONÇA, Erasto Fortes. Matéria da Rádio Fraternidade. Reportagem. 2017.

⁶⁸ MENDONÇA, Erasto Fortes. Doutor em Educação pela Unicamp (1999) e Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (1986). Foi conselheiro do Conselho Nacional de Educação (2012/16), presidente da Câmara de Educação Superior (2014/16). É professor aposentado da Universidade de Brasília. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/615464/erasto-fortes-mendonca>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

acordo com o perfil dos estudantes, e também cabe à família decidir se ele vai ou não assistir às aulas:

Ninguém pode impor nada a ninguém e talvez seria importante ressaltar também que nesse ensino confessional nas escolas públicas não se trata de catequese como costumamos chamar na igreja católica, mas realmente é um momento de aprofundamento, o estudante tem a oportunidade de aprofundar a sua fé através da meditação da palavra de Deus...⁶⁹

A sessão que determinou o Ensino Religioso nas escolas da rede pública deu-se no Supremo Tribunal Federal no dia 21 de setembro de 2017. A Constituição Federal prevê o Ensino Religioso nas escolas públicas brasileiras como disciplina do Ensino Fundamental (para as turmas de 9 a 14 anos de idade), mas estabelece que a matrícula é facultativa. Ou seja, o estudante pode se recusar a cursar a disciplina por vontade própria ou da família. Cada estado organiza a melhor maneira de oferecer esse ensino dentro de sua matriz de horários. Parte dos estados faz parcerias com igrejas e instituições religiosas para contratar professores/as (remunerados/as ou não, dependendo da religião) para ministrar as aulas. A ação em julgamento, apresentada pela Procuradoria-Geral da República (PGR) propõe que as aulas se limitem à exposição das doutrinas, história, práticas e dimensões sociais das diferentes crenças, assim como do ateísmo e do agnosticismo – o chamado modelo “não-confessional”.⁷⁰

Em sessão plenária na tarde do dia 27 de setembro de 2017, o Supremo Tribunal Federal (STF) julgou improcedente a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4439 na qual a Procuradoria-Geral da República (PGR) questionava o modelo de Ensino Religioso nas escolas da rede pública de ensino do país. Por maioria dos votos (6 a 5), os ministros entenderam que o Ensino Religioso nas escolas públicas brasileiras pode ter natureza confessional, ou seja, pode se vincular às diversas religiões.

Considerando a multiplicidade religiosa da nação brasileira, não se pode impor o ensino da doutrina baseada em um único deus. Jesus Cristo para os cristãos é Deus, para os muçulmanos ele é Alá, para a umbanda Deus é nomeado de Olorum. Assim, dizer “graças a Deus” não pode significar a referência ao Deus cristão, sendo necessário relacionar a expressão ao deus de cada religião. É de suma importância trazer para a sala de aula ferramentas educativas culturais religiosas que atendam aos interesses populares. Diante da

⁶⁹ PRADO, Edecildo. *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*. 2018. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/apos-decisao-do-stf-bispos-referenciais-para-o-ensino-religioso-reunem-se-em-brasilia/>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

⁷⁰ SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Imprensa, notícias do STF. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=357099>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

diversidade religiosa, étnica, sexual, racial e econômica, cabe conduzir essa discussão de forma digna e humana, tendo em vista o interesse popular, ou seja, o exercício dos direitos do cidadão. No caso específico da religião, deve-se observar o comportamento cultural local, com o objetivo de ensinar os diversos credos, respeitando os deuses de cada um/a deles/as.

No capítulo seguinte serão tratadas as expressões religiosas no espaço educacional, com vistas a uma melhor convivência e respeito às expressões religiosas de todos os participantes do espaço escolar, com vistas a diversidade religiosa, visando a construção de relacionamentos interpessoais mais autênticos e coerentes com a realidade social que os cerca.

Será ressaltado o comportamento religioso e artístico observados na estética que será apresentada através da escola, a instituição de máxima heterogeneidade de identidades, procedências, condições sociais, estirpes étnico-raciais, identificações multiculturais e religiosas, na escola, e sala de aula, está grande parte do que se percebe da estética. Mostrando que o convívio social e religioso nas instituições de ensino deve ser respeitado, não devendo haver rupturas nesse convívio por parte dos seus integrantes.

Apresenta, também, que o ser humano é o resultado do meio em que vive, ele é ao mesmo tempo produtor e consumidor de sua própria cultura, e por meio dela vem se expandindo e dominando a natureza a cada dia com invenções e inovações, buscando um progresso sem fim, e que essa cultura se alimenta de expressões simbólicas por meio de comunicação e atitudes historicamente transmitidas pelas famílias. Os símbolos podem ser referências para o entendimento da cultura e que essa cultura produzida pelo ser humano o difere dos seres vivos.

2 AS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Este capítulo trata das manifestações religiosas no espaço da escola, especialmente no que tange aos relacionamentos e às diferenças socioculturais entre educando/as e educadores/as. A escola torna-se conflituosa quando falta direcionamento do/a educador/a no sentido de entender seu potencial de contribuição para integrar esses jovens ao convívio escolar, levando em conta as diferenças religiosas desse espaço cada vez maior, dotado de mais grupos e manifestações socioculturais, surgidas cada vez mais cedo. Os/As educadores/as precisam adaptar-se a essas manifestações, passíveis de interferir no relacionamento educacional, e posteriormente, no rendimento escolar.

O capítulo trará exemplos e fatos oriundos da diversidade dessas manifestações religiosas, em situações de resolução cada vez mais difícil pelo núcleo educacional. Manifestações como religião, cultura, moda e etnias, com adornos e adereços peculiares, são fontes riquíssimas de pesquisa e conhecimento cultural, mas enquanto para uns essa riqueza é sinônimo de diversidade, para outros é estímulo para o preconceito. A moda favorece a popularização da arte religiosa por meio de roupas e adereços que antes só poderiam ser usados por religiosos, mas recentemente se tornou febre nas escolas trocar os uniformes por roupas e adereços religiosos, o que constitui novidade para quem não acompanha a moda. A moda também informa sobre o ambiente escolar e como este deve ser local de troca de experiências, voltado à construção da personalidade do corpo discente, levando ao entendimento e ao respeito das escolhas religiosas dos colegas. Um lugar de debates sobre a intolerância religiosa e da forma como muitas vezes as religiões são expostas, de forma agressiva e sufocante. E o que se vê é uma escola que reflete a sociedade, com sua intolerância e discriminação.

É no espaço escolar que se aprende a lidar com as diferenças e se entendem as desigualdades, conservando os valores religiosos e respeitando as singularidades. Nesse espaço deve-se buscar uma melhor convivência e a democratização quanto às expressões religiosas e à diversidade religiosa, visando a construção de conhecimento desses grupos que partilham do mesmo espaço e ambiente. É preciso considerar a igualdade de acesso e permanência na escola, a liberdade de expressão cultural, o respeito à diversidade e a valorização da pluralidade étnico-racial, favorecendo também a socialização. Quanto a isso, deve-se considerar o pensamento de Usarski:

A contribuição da Ciência da Religião consiste em possibilitar ao/à aluno/a comparações contrastantes entre sistemas de referência. Aprende-se que nenhum ser

humano que tem sua língua, seus pensamentos e seus valores pode viver sem um sistema de referência. Aprende-se também que nenhum sistema de referência pode ou deve reclamar para si validade absoluta. Com isso, desmascara-se qualquer forma de eurocentrismo como uma ilusão perigosa.⁷¹

O espaço escolar possibilita o desenvolvimento do raciocínio lógico, levando a uma linguagem crítica que permita a manifestação do pensamento e de valores cuja ideologia conduza a destinos particulares e produtivos com relação ao comportamento social.

2.1 Observadas no comportamento e na estética

A escola é a instituição de máxima heterogeneidade de identidades, procedências, condições sociais, estirpes étnico-raciais, identificações multiculturais e religiosas, e dela provém grande parte do que se percebe da tecnologia. Já não cabe mais o discurso de que as pessoas não se conhecem ou estão longe demais para não disseminar essa pluralidade.

A escola não pode fechar os olhos e se furtar a essa pluralidade cultural religiosa que há muito tempo habita no seu âmbito, nem à diversidade dos elementos que a constituem. A religião tem mostrado suas dimensões, e mesmo na ausência exibe sua força. Nesse sentido pode-se concordar com esta assertiva:

É, pois, necessário, que o ensino religioso escolar apareça como uma disciplina escolar, com a mesma exigência de sistematização e rigor que têm as demais disciplinas. Deve apresentar a mensagem cristã com a mesma seriedade e profundidade com que as outras disciplinas apresentam os seus saberes. Ao lado das outras disciplinas, não se apresenta como algo acessório, mas em necessário diálogo interdisciplinar.⁷²

Com isso deve-se refletir e fidelizar a escola ao princípio da verdade, o que implica o acolhimento dos sujeitos que a constituem, bem como de sua dimensão religiosa. A diversidade cultural é uma característica essencial da humanidade, portadora das marcas de um povo que revelam sua identidade.

Existe um impasse no meio escolar quanto ao acolhimento por parte da escola ao estudante religioso, ávido por expressar sua religião adquirida dos grupos familiares. Há outras formas de educar e conduzir um processo educativo respeitando a identidade individual. Para o/a educador/a, o cidadão é muito importante e deve fazer uma autocrítica,

⁷¹ USARSKI, Frank; SENA, Luzia. *Ensino religioso e formação docente: ciências da religião e ensino religioso em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 58-59.

⁷² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (2006), *Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, Lisboa, SNEC. (PROGRAMA DE EMRC, 2007, p. 21).

aliada ao conhecimento profundo de sua história pessoal. A autocrítica e a convicção religiosa possibilitarão uma aproximação do estudante e da escola que contam com seu estilo pessoal de pensar a crença, a cultura religiosa e o hábito de vestir do sujeito que busca a integração. De acordo com a sua realidade, às vezes ele não consegue ser compreendido e aceito pela sociedade. Vale mencionar, como exemplo, o depoimento abaixo, que ilustra a intolerância religiosa em uma escola no estado do Rio de Janeiro.

A Polícia Civil investigava um caso de intolerância religiosa ocorrido dentro de uma escola pública em São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio. Aluna do 6º ano no Colégio estadual Padre Manuel da Nóbrega, no bairro Brasilândia, a jovem Kethelyn Coelho, de 15 anos, que é candomblecista, foi alvo de ofensas por parte de outros estudantes em sala de aula. Ao ouvir provocações como “gorda macumbeira” e “macumbeiros têm que morrer”, a vítima levantou-se para retrucar e acabou expulsa do recinto pela professora. O caso foi registrado na Delegacia de Atendimento à Mulher (Deam) de São Gonçalo. De acordo com o promotor de vendas Leandro Bernardo Coelho, de 35 anos, pai da jovem, Kethelyn já vinha sofrendo *bullying* por causa da religião desde o início do ano, quando se matriculou na unidade. Os relatos, no entanto, só vieram à tona duas semanas depois, quando o responsável foi chamado pela direção da escola, após a jovem ser vista chorando em sala. O pai ficou tremendamente estarrecido quando soube que ela sofria esse abuso desde que entrou na escola.⁷³

Sua filha, conforme declarou, segundo seu conhecimento, nunca fez *bullying* com ninguém. A adolescente chegou a dizer que preferia se matar a continuar estudando naquela escola, porque não aguentava mais ser chamada de gorda macumbeira. O pai afirmou que não era macumbeiro, por não tocar o instrumento musical chamado macumba. Ele se declarou candomblecista e espiritualista. Após saber do episódio em que Kethelyn foi expulsa de sala, Leandro afirmou ter solicitado à direção da escola uma reunião com os pais dos estudantes que a ofenderam, mas seu pedido não foi atendido. Uma semana depois, apoiado pela Comissão de Matrizes Africanas de São Gonçalo, decidiu registrar a ocorrência na delegacia. Segundo ele, a diretora do colégio só entrou em contato após ser notificada do inquérito policial. A família foi recebida pelo secretário estadual de Direitos Humanos, Átila A. Nunes, que ofereceu assistência psicológica, jurídica e social à jovem. Somente na semana em que foi feita a reportagem, a secretaria havia atendido 20 casos de intolerância. Como sempre, são

⁷³ ZUAZO, Pedro. *Jovem é vítima de intolerância religiosa dentro de escola em São Gonçalo*. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/jovem-vitima-de-intolerancia-religiosa-dentro-de-escola-em-sao-goncalo-21734126.html>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

preconceitos que começam pequenos e de alguma forma crescem, até um ponto insustentável. No caso relatado, ao reagir, a aluna foi expulsa de sala, o que só agravou a situação.

Ela não só se defrontou com um ambiente hostil à sua fé como foi punida por reagir a seguidas situações de preconceito religioso. Não é possível que uma escola aceite casos de *bullying* como esse e ainda puna a vítima, como afirmou o secretário. De acordo com a delegada Débora Ferreira Rodrigues, titular da Deam de São Gonçalo, o caso foi registrado como intolerância religiosa e injúria. É necessário analisar as condutas da diretora e da professora, que tiveram acesso a toda a situação, viram o comportamento dos menores para saber o que falaram e quais providências foram tomadas. Todo/a professor/a ou diretor/a, ao detectar qualquer tipo de intolerância, é obrigado a se manifestar. Portanto a delegada fez questão de saber o que foi feito pela escola ou se esta se omitiu.

Se o inquérito concluir que houve crime, a professora e a diretora, caso indiciadas, poderão responder pelos crimes de intolerância religiosa e injúria, cujas penas somadas podem chegar a seis anos de detenção. Já o procedimento do menor de idade será encaminhado ao Juizado da Infância e da Juventude. Em nota, a Secretaria estadual de Educação (Seeduc) afirmou a abertura de sindicância para apurar os fatos e disse que a direção da escola está acompanhando o caso junto à família da aluna. A nota acrescentou:

A Seeduc ressalta que repudia quaisquer formas de preconceito e discriminação e reforça que as unidades da rede estadual desenvolvem várias iniciativas visando ao cumprimento da Lei nº 10.639/03, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira em disciplinas como Arte, Ensino Religioso, História, Sociologia, Língua Portuguesa e Literatura. Além disso, o Projeto de Leitura Escolar ministrado nos colégios estaduais tem como um dos seus eixos temáticos a Pluralidade Cultural.

De acordo com Leandro, Kethelyn decidiu iniciar-se no candomblé. Para cumprir as obrigações da religião, raspou o cabelo e passou a usar objetos religiosos. Na época, ela estudava em uma escola municipal. Sofreu um pouco no início, mas a escola soube lidar bem com a situação. Fez uma excursão com as crianças ao Museu Nacional de História e mostrou todo o contexto da sua religião. Os problemas começaram com a mudança para o colégio novo. De acordo com relatos, um dos adolescentes que estudava com a jovem aprendeu cantos entoados em rituais do candomblé e passou a usá-los para constranger Kethelyn. Ele entoava os cantos, tocando na mesa, e os/as outros/as alunos/as o acompanhavam.

A maior agressão partia dele, mas outros/as alunos/as aderiram, como referiu Leandro. A reportagem dava conta de que Kethelyn permanecia matriculada na unidade, mas com dificuldade de comparecer às aulas nas últimas semanas. Segundo Leandro, ela chegou a

faltar três dias seguidos, e pedia para não ir, dizendo que preferia morrer. O pai, no entanto, insistia para que frequentasse as aulas, porque só no fim do ano poderia ser matriculada em outra unidade. Sua expectativa era de que a polícia investigasse o motivo do descaso, para que fossem cobradas providências da diretora.⁷⁴

O fato somente ilustra o que vem acontecendo em todo o país. A situação não tem sido fácil nem para alunos/as, nem para professores/as, tendo em vista a abrangência da intolerância. O comportamento estudantil tem sido objeto de estudos. Sabe-se que a escola pública brasileira tem passado por um intenso processo de transformação e, apesar de o país ter instituído legalmente sua universalização no Ensino Fundamental, o que tem garantido o ingresso de crianças, jovens e adultos, ainda apresenta inúmeras dificuldades quanto à permanência, à progressão e à conclusão na idade adequada. O direito à educação democrática define-se pela equidade e qualidade para todos. Essas dificuldades de permanência na escola estão ligadas também ao comportamento dos/as alunos/as, que nem sempre demonstram interesse pela permanência na escola e tampouco pelo que se passa na sala de aula.

Estética é uma palavra originada no termo grego *aisthethiké*, que significa “aquele que nota”. As relações inter-religiosas e interculturais no campo do conhecimento com profissionais formados na área e imbuídos do objetivo de mostrar aos jovens as riquezas das diversidades culturais presumem a não interferência na sua opção religiosa e cultural.

Tillich busca reduzir a distância entre a fé e a cultura, mostrando que o físico e o material são profundamente afetados pela espiritualidade humana. Para se entender a cultura, é necessário perceber a teologia que subjaz à superfície das expressões humanas. Como exemplo, pode-se citar a teologia cristã, na qual Deus pode ser encontrado mediante a “correlação da mensagem cristã e a situação existencial, o aspecto simbólico da linguagem religiosa que evita a apropriação, o dogmatismo e a idolatria, e o princípio protestante, que define a justiça como incondicionalidade”.⁷⁵

As expressões religiosas têm sido tema de discussões nas escolas, abrindo um espaço para um quadro integrador, capaz de possibilitar a participação geral em um momento catalisador de experiências, apresentando o verdadeiro papel da religião em um ambiente agradável, harmonioso e humanizado, como deveria ser a sala de aula.

⁷⁴ ZUAZO, Pedro. *Jovem é vítima de intolerância religiosa dentro de escola em São Gonçalo*. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/jovem-vitima-de-intolerancia-religiosa-dentro-de-escola-em-sao-goncalo-21734126.html>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

⁷⁵ ARAÚJO, Glauber Souza. *Teologia da cultura*. 2011. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/272198241/Paul-Tillich-e-a-Teologia-Da-Cultura>>. Acesso em: 6 fev. 2018.

2.2 Expressas na diversidade religiosa

A identidade cultural e religiosa sempre esteve presente na história da humanidade. Mas no contexto escolar, assume um papel tendencioso, consolidando e difundindo uma cultura comum de base ocidental e eurocêntrica. Emile Durkheim identifica que a religião, acima de tudo, revela o modo como se constrói a compreensão da realidade. Assim sendo, ela é precursora da ciência, e não sua antítese.⁷⁶

O impedimento à tolerância religiosa é pouco clara no contexto escolar. Entretanto, vários relatos e observações de profissionais da área educacional demonstram que há atitudes de preconceito, discriminação e intolerância contra a religião que se abraça ou mesmo sua inexistência. Essas atitudes são mais comuns contra religiões de matriz africana, e não cristã, e mesmo o vestuário inerente a cada doutrina interfere nos conceitos dentro do ambiente escolar.

Ainda que o discurso da educação seja marcado pela igualdade, há muito que se elucidar sobre a divindade cultural e religiosa do outro. A religião diz respeito à própria multiplicidade, tendo como norte a diversidade dos costumes religiosos.

As escolas enfrentam diferenças religiosas por meio de sinais culturais fixados na sociedade. Como já dito, a escola funciona como um funil cultural. É nela que se inicia a inserção da criança no mundo fora da família, e é nela que se aprendem outras formas de pensar, ampliando-se as opções culturais.

Se é na escola que se inicia o relacionamento com toda e qualquer expressão religiosa além do contato inicial com a família, o ambiente escolar deve se livrar de intolerâncias e preconceitos, a fim de proporcionar a autonomia de expressão, a consciência e a ponderação no processo de ensino e aprendizagem.

Como cultivo das disposições necessárias para a vivência coerente de um projeto de vida profundamente humano, mais que ensinar as respostas desta ou daquela Igreja, a Educação Religiosa quer educar ao compromisso, a uma ação transformadora. Num país de injustiça estrutural, isto significa prioritariamente atuação junto com os oprimidos em prol da justiça, em nível cada vez mais profundo de conscientização.⁷⁷

Na falta de informações sobre determinado povo, tenta-se, pela história cultural ou da religião, relacionar e catalogar itens para uma possível descoberta cultural, com suas

⁷⁶ LEAO, Anne Ariadne Alves Menezes Ponce de. *Manifestações culturais no contexto escolar e práticas pedagógicas: entre a Diversidade e Religião*. 2015. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos/TRABALHOEV047MD1SA7ID39721032015223352.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2017.

⁷⁷ GRUEN, Wolfgang. *O ensino religioso na escola*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 186.

diversidades. Não é nada fácil unificar essas informações. A cultura brasileira é cercada de misturas, mitos e povos que trouxeram para o país sua cultura e sua religião, e uma colcha de retalhos é costurada por essas misturas. Tanto a cultura como a diversidade da arte são aliados mais próximos e úteis para tornar conhecidas as manifestações religiosas. Como afirma Martins, “cultura, arte e interdisciplinaridade são palavras-chave. Trazem dentro de si uma polifonia de sentidos”.⁷⁸

Do ponto de vista da sociedade pluralista, multicultural e do comportamento, é relativamente fácil compreender a necessidade do respeito às identidades particulares no ambiente escolar dos grupos e das pessoas que, na maioria, quase nunca manifestam seus sentimentos. E se esse respeito é pontuado, em muitas circunstâncias, apenas por uma tolerância negativa, mais cresce a consciência da necessidade do acolhimento da diversidade cultural e religiosa dessas identidades, que deverão ser assumidas e exercidas, precisamente em nome da própria realidade.

A afirmação de Tillich de que “religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião”, levada à prática, evita o embate entre religião e cultura. Cada atitude religiosa, seja de organização religiosa ou não, mas proveniente dos mais estreitos sinais da alma, é forjada culturalmente⁷⁹. As divergências são referência de alguns grupos que não aceitam a alteração de parte de sua essência para dar oportunidade ao inusitado. É muito comum perceber essa resistência no meio religioso. Armados de seus dogmas culturais e religiosos, alguns grupos desconsideram a moda como fator de equilíbrio entre a imagem corporal e a espiritual.

As religiões preconizam ou ditam a forma como seus participantes devem vestir-se, de forma a evitar escândalos que causem divergência entre o espiritual e o material, acabando por “competir” com o mundo, comprometendo o convívio social até mesmo no ambiente escolar. É importante ressaltar que o convívio social e religioso nas instituições de ensino deve ser respeitado, não devendo haver rupturas nesse convívio por parte dos integrantes. No ponto de vista de Barroco⁸⁰, na época atual:

A sociabilidade que não foi consolidada ou que se mostra fragilizada e restrita no plano real se constitui e se fortalece no contexto virtual, onde cada jovem em contato com outras pessoas, seja da mesma faixa etária ou não, se representam de diversas formas, e, em muitos casos, sob uma identidade construída para uma socialização

⁷⁸ MARTINS, Mirian Celeste. *Diretrizes Curriculares Nacionais para as Licenciaturas: um foco sobre cultura e arte*. In: 2016, p. 2649-2659.

⁷⁹ TILLICH, 2009, p. 45.

⁸⁰ BARROCO, Maria Lúcia. Reflexões sobre liberdade e (in) tolerância. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 119, p. 468-481, jul./set. 2014.

digital, abstraindo-se da realidade posta, vivendo uma segunda identidade em outra esfera. O atual sistema capitalista e a lógica perversa do consumo como sinônimo de cidadania criam um modo de vida orientado para a competitividade e o individualismo. Os indivíduos passam a valer enquanto proprietários de mercadorias e por isso são considerados legalmente iguais e livres. Os objetos materiais se expressam como qualidades humanas que, ao serem consumidas, passam a dar sentido à existência, e o próprio indivíduo passa a identificar a sua condição humana à condição de proprietário e consumidor.

O mercado da moda causa nos/as jovens religiosos um grande consumismo, levando-os frequentemente a buscar na tecnologia modos de expressar sua religião em compras de mercadorias frequentemente desnecessárias e decepcionantes. Eles/as não abrem mão da aquisição de produtos de marca, normalmente caros e de acesso restrito. Conforme Adorno:

Em um mundo onde a educação é um privilégio e o aprisionamento da consciência impede de toda maneira o acesso das massas à experiência autêntica das formações espirituais, já não importam tanto os conteúdos ideológicos específicos, mas o fato de que simplesmente haja algo preenchendo o vácuo da consciência expropriada e desviando a atenção do segredo conhecido por todos. No contexto de seu efeito social, é talvez menos importante saber quais as doutrinas ideológicas específicas que um filme sugere aos seus espectadores do que o fato de que estes, ao voltar para casa, estão mais interessados nos nomes dos/as atores/atrizes e em seus casos amorosos⁸¹.

Invariavelmente os jovens compram por impulso e não por necessidade. Perdem-se em seu consumismo, deixando clara a dificuldade de mudança dessa cultura, restando somente a frustração pelo excesso em alguma compra. Muitas vezes eles/as levam tais produtos para dentro das instituições de ensino a fim de expressar seus sentimentos e poder de compra, hábito exercido até mesmo pelos religiosos, que, perante a sociedade querem mostrar um padrão de vida superior ao da sua realidade.

O comportamento religioso interfere muito na cosmovisão. Há quem, por opção, viva de maneira muito simples, e alguns indivíduos fazem até voto de pobreza. São esses que, na maioria das vezes, sofrem discriminações na sala de aula, porque a sua aparência humilde é relacionada ao estado de pobreza, e não a uma atitude de propagação da sua fé.

Nas últimas décadas, as juventudes vêm se transformando socialmente, ganhando certo status social, embasado por um forte apelo midiático. Criam-se programas de televisão, produtos e marcas específicas para o 'público jovem', ou seja, o mercado começa a ver e a investir no jovem como consumidor. O jovem, nas últimas décadas do século XX, deixou de ser a 'criança grande', desajeitada e inibida, para se transformar no modo de beleza, liberdade e sensualidade vendida pelo mercado para outras faixas etárias. Assim, o jovem começa a ser visto como um sujeito consumidor dentro da lógica do modo de produção capitalista, no qual o valor do indivíduo é proporcional ao seu poder de

⁸¹ ADORNO, Theodor. *Crítica cultural e sociedade*. In: ADORNO, Theodor. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 94.

compra. O consumo é a palavra de ordem para a juventude. Cria-se uma cultura da moda, que aprisiona as juventudes em um cárcere capitalista, terreno fértil de frustrações.⁸²

Em todo caso, adaptar-se a essa nova sociedade não é difícil, o difícil é não ceder a todo esse apelo midiático. Com isso, ressalta-se que nas últimas décadas a modernidade privilegia a vida, tornando-a mais prática. Todavia, a geração atual, conhecida como geração “z”, não foi preparada para interagir pessoalmente, não consegue relacionar-se sem a tecnologia (redes sociais, WhatsApp, etc.). Para essa geração, o relacionamento olho no olho é complicado. As novidades tecnológicas aproximam esses indivíduos e claramente os afasta da geração “x” (período de 1961 a 1981), trazendo conflitos entre gerações. Porém, é consenso que não se pode mais viver sem a internet, principalmente porque o pensamento dos jovens não é mais o mesmo, e quando se muda o pensamento, mudam também as estruturas de ação.

Em meio a essa diversidade de comportamento constata-se melhorias em determinados setores da tecnologia, área em que os jovens detêm o conhecimento, embora estejam a cada dia em busca da experiência e da prática da metafísica.⁸³

Um pensamento pós-metafísico não pode excluir a prioridade das crenças religiosas da racionalidade humana. Como afirma Balthasar, “toda grande arte é religiosa: um ato de homenagem à glória do ser”.⁸⁴

Uma epistemologia pós-metafísica aceita a pluralidade de jogos de linguagem dentro da multidimensionalidade da racionalidade humana, e não pode considerar um desses passatempos (o secular) como parâmetro dos demais. Habermas, porém, incorre nesse erro, resquício do pensamento metafísico em seus textos, concebendo perguntas para crentes e não-crentes da mesma forma:

- (a) por que só as pessoas religiosas seriam capazes de entender a linguagem religiosa e as secularizadas só poderiam entendê-la se traduzida a uma linguagem secular – e vice-versa?
- (b) por que a linguagem religiosa deve ser traduzida a uma linguagem ‘pública inacessível’, enquanto a secular não?
- (c) o que faz da linguagem secular uma linguagem universalmente acessível, se ela é apenas uma das linguagens disponíveis no mundo-da-vida?

⁸² SCHERER, Giovanni Antonio. *Serviço social e arte: juventudes e direitos humanos em cena*. São Paulo: Cortez, 2013, p. 30.

⁸³ LOUX, Michael J. *Metafísica – uma introdução contemporânea*, p.1, disponível em: <<https://filosofica.biblioteca.files.wordpress.com/2013/10/loux-metafisc3adsica-e28093-uma-introduc3a7c3a3o-contemporc3a2nea.pdf/>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

⁸⁴ BALTHASAR, 1965, p. 14.

(d) por que afirmar que as crenças religiosas estão aprisionadas ‘aos ferrolhos das verdades reveladas’, se não é assim que, de modo geral, crentes entendem sua própria fé?⁸⁵

Tal questionamento habermasiano só seria válido na perspectiva do observador, e não na do participante do jogo de linguagem religiosa, capaz de harmonizar seus conteúdos religiosos com os conteúdos científicos, de um modo que pessoas secularizadas não estariam habilitadas a fazer, permanecendo “presas aos ferrolhos das verdades secularmente constituídas”.⁸⁶

Todavia pode-se dizer que esse secularismo impede uma convivência de harmonia e unidade, quando se tenta encontrar pontos de referência na religião cujo papel é aproximar a sociedade de uma vida que não seja frívola e passageira. Tanto Habermas quanto Balthasar fazem parte da esfera metafísico-teológica, conectada aos variados jeitos do aparecer (Erscheinen) de Deus, o qual pode ser chamado de munificente, eterno, elevado e esplêndido. Assim sendo, segundo o pensamento de Balthasar quanto ao significado estético aceito nos termos metafísico-teológicos, o belo se manifesta “onde a dimensão religiosa desaparece, a homenagem se degenera na atração e no prazeroso; onde o sublime (das Herrliche) desaparece, tendo lugar como resíduo aquilo que correntemente é chamado belo”.⁸⁷

2.3 Promotoras de uma cultura de paz

Construir uma cultura da paz envolve dotar as crianças e os adultos da compreensão dos princípios de respeito pela liberdade, justiça, democracia, direitos humanos, tolerância, igualdade e solidariedade. Implica uma rejeição, individual e coletiva, da violência que tem sido parte de toda sociedade, em seus mais variados contextos. A cultura da paz pode ser uma resposta a diversos tratados, mas tem que procurar soluções que advenham de dentro da(s) sociedade(s), sem imposição externa.⁸⁸

São necessárias políticas públicas em todas as escolas para o respeito à diversidade e a interrupção das ofensas, o isolamento de crianças por colegas e professores/as e outras ações. Esses são apenas alguns dos problemas encontrados pela pesquisadora Denise Carreira,

⁸⁵ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *A religião e a esfera pública*. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/100368/99013>>. Acesso em: 7 fev.2018.

⁸⁶ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, p. 141. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/100368/99013>>. Acesso em: 7 fev. 2018.

⁸⁷ BALTHASAR, 1965, p. 14.

⁸⁸ NOLETO, Marlova Jovchelovitch. *A construção da cultura da paz: dez anos de história*, UNESCO. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001899/189919por.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

que visitou escolas de vários estados do país e constatou que a intolerância religiosa em estabelecimentos de ensino é um problema grave e ainda invisível para as autoridades e a sociedade. A pesquisadora revela ter percebido certo “despreparo” dos profissionais de educação em lidar com o problema e detectou que a principal fonte de discriminação são as religiões neopentecostais, que, segundo Denise, historicamente usam métodos de “demonização” para com algumas seitas. Denise afirma ter observado em suas viagens casos de crianças, famílias e professores/as adeptos de religiões de matriz africana, como candomblé e umbanda, discriminados e hostilizados no cotidiano. Algumas crianças chegam a ser transferidas ou até mesmo abandonam a escola em razão da discriminação.

Há ocorrências de violência física (socos e até apedrejamento) contra estudantes; demissão ou afastamento de profissionais de educação adeptos de religiões de matriz africana ou que abordaram conteúdos dessas religiões em classe; proibição de uso de livros e do ensino da capoeira em espaço escolar; desigualdade no acesso a dependências escolares por parte de lideranças religiosas; omissão diante da discriminação ou abuso de atribuições por parte de professores/as e diretores/as etc. Ela diz: “São muitos casos e isso é, também, uma violência para com os direitos humanos, embora constitua uma agenda invisível na política educacional no Brasil”. As denúncias, sustenta Denise, mostram que as atitudes discriminatórias vêm aumentando em decorrência do crescimento de determinados grupos neopentecostais – principalmente nas periferias das cidades – e do poder midiático que eles têm. O relato foi divulgado no Rio de Janeiro e encaminhado a organismos internacionais, incluindo a Organização das Nações Unidas (ONU), e traz recomendações para a resolução do problema.

Uma dessas recomendações, de acordo com a relatora, é a aplicação da Lei Federal nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira em toda a educação básica. Jandira Santana Mawusi, estudante do curso de pedagogia na Uneb (Universidade Estadual da Bahia) e coordenadora de um curso pré-vestibular em uma escola municipal no bairro do Engenho Velho da Federação, em Salvador, conhece esse tipo de discriminação por experiência própria. “Desde que falei que sou do candomblé, os meus colegas de sala de aula mudaram comigo. Tenho dificuldade para me integrar aos grupos de estudo, e eles me olham como se fosse uma pessoa diferente, capaz de lhes fazer algum mal”, afirma.

Segundo ela, na escola onde leciona, diariamente o diretor convida todos para rezar o “Pai Nosso” antes das aulas. “Certo dia, ele me convidou a me juntar aos demais na oração. Então, perguntei se eu também poderia rezar para Xangô. Ele respondeu que não, porque não daria tempo”, conta. Jandira diz que a mãe de duas crianças que estudaram nessa mesma

escola recorreu ao Ministério Público porque suas filhas foram apontadas como “possuídas” por um professor, por serem do candomblé. Não raro, diz ela, pessoas iniciadas temem revelar suas crenças. “Há pouco tempo, fazendo uma pesquisa no bairro, perguntei a uma senhora, dona de um terreiro, qual era a sua religião. Fiquei um tempo sem resposta. Indaguei a razão do seu silêncio e ela me disse que se devia à intolerância predominante.” Atuando há mais de 10 anos na formação de profissionais para evitar intolerância racial e sexual, entre outras, membros do Ceafro (Educação e Profissionalização para a Igualdade Racial e de Gênero) mostraram-se chocados com a gravidade dos depoimentos colhidos por Denise, mas comentaram: “Não é novidade. Para nós, esse tema não é novidade.” Ceres Santos, coordenadora executiva do Ceafro, conta:

Mas, devo reconhecer, foi impactante ouvir os relatos de professores/as e mães de alunos/as que tiveram problemas. Doeuv ouvir de alunos/as, por exemplo, que fizeram ‘santo’, e, tendo que usar roupas brancas, andaram com a cabeça raspada, foram taxados de ‘filho de diabo’, entre outras aberrações a que foram submetidos, ao ponto de não quererem mais voltar para a escola ou quererem abandonar o candomblé. É muito grave.⁸⁹

Em uma visão geral, a escola, lugar que recebe diversos tipos de alunos/as com estilos de vida variados, trazendo para esse ambiente seus costumes, por vezes podem gerar conflitos pelas várias formas de pensar e agir. A escola, como mediadora, deve levar seus educandos/as a refletir sobre a aceitação e promover um melhor convívio entre ambas as partes, nesse momento oportuno para trabalhar as expressões religiosas e sua aceitação de forma geral.

A cultura é um conceito sempre em desenvolvimento, pois com o passar do tempo ela é influenciada por novas maneiras de pensar inerentes ao desenvolvimento humano.⁹⁰

Como afirma Steil:

O Ensino Religioso pluralista deve apresentar uma visão positiva da diversidade religiosa, situando-a como parte de um contexto democrático onde a liberdade de pensamento e de credo pode se expressar. Neste sentido, deve-se estimular o diálogo e a interação entre os/as alunos/as de diferentes tradições religiosas, buscando superar os preconceitos e revelar seus pontos de convergência. Uma perspectiva histórica e sociológica das religiões pode ser importante para desvendar as razões de muitos conflitos que dividem grupos e pessoas. Muitos preconceitos e discriminações estão relacionados com fatos históricos que, uma vez analisados, permitiriam construir uma outra imagem dos grupos e pessoas que estão diretamente relacionados a eles. A educação religiosa deve buscar ainda internalizar nos/as

⁸⁹ CARREIRA, Denise. *Pesquisa mostra que intolerância religiosa nas escolas brasileiras*. Disponível em: <<https://www.douradosagora.com.br/noticias/brasil/pesquisa-mostra-que-intolerancia-religiosa-nas-escolas-brasileiras>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

⁹⁰ PORTO, Cristiane de Magalhães. *Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica*. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/y7fvr/pdf/porto-9788523211813-06.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2017.

alunos/as uma ética de ação e de comportamento dentro de um mundo plurirreligioso. Uma ética que deve se traduzir em práticas e atitudes apropriadas para uma convivência humana numa sociedade pluralista. Ou seja: que os impulse a comportar-se responsabilmente no meio cultural democrático que se apresenta em consonância com a afirmação da liberdade religiosa e respeito a outras religiões diferentes da sua.⁹¹

O ser humano é o resultado do meio em que vive, ele é ao mesmo tempo produtor e consumidor de sua própria cultura, e por meio dela vem se expandindo e dominando a natureza a cada dia com invenções e inovações, buscando um progresso sem fim.

A cultura se alimenta de expressões simbólicas por meio de comunicação e atitudes historicamente transmitidas pelas famílias. Os símbolos podem ser referências para o entendimento da cultura. “Cultura é tudo o que é produzido pelo ser humano que o difere dos animais”.⁹² Esse conceito não deixa de ser verdadeiro, mas para compreender o significado da cultura é preciso ir além.⁹³ Cultura significa todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, os costumes e as aptidões, valores adquiridos não somente em família, mas também como membro da sociedade.⁹⁴ É um desafio atrelar cultura, arte religiosa e moda, modelos segundo os quais os seres humanos estruturam as experiências vivenciadas no cotidiano, pelo uso das expressões simbólicas.

A cultura assim entendida não diz respeito só aos cultos, costumes e à produção humana, mas a uma estrutura de significados através dos quais os homens dão forma às suas experiências. O termo significado, em todas as suas variantes, está intimamente ligado ao conceito filosófico dominante da época na qual a definição de cultura está sendo empregado. O significado torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto esta visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida. Para que essa acomodação ocorra de maneira eficaz na sociedade é necessário que seus agentes introduzam suas próprias representações simbólicas.⁹⁵

Na sociedade destituída de um olhar criterioso e uma prática maior de dedicação ao cuidado das crianças e dos idosos, e defasada no que diz respeito à violência doméstica contra as mulheres, fica claro o desinteresse pelo passado, pela cultura e pela história.

⁹¹ STEIL, Carlos Alberto. *O ensino religioso na sociedade plural*. 1996, p. 48-53. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/37023177/o-ensino-religioso-na-rede-publica-estadual/49>>. Acesso em: 28 out. 2017.

⁹² PORTO, Cristiane de Magalhães. *Um olhar sobre a definição de cultura*, 2011, p. 94 e 95. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/y7fvr/pdf/porto-9788523211813-06.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2017.

⁹³ PORTO, 2011, p. 94.

⁹⁴ PORTO, 2011, p. 95.

⁹⁵ PORTO, 2011, p. 96.

Entende-se que uma sociedade que convive com tanta violência pouco interesse tem em preservar sua cultura, considerando-a inútil à sobrevivência. Crê-se ser esse o motivo do descaso com a cultura dessa sociedade despercebida da importância da preservação e conservação de suas raízes. Para isso, considera-se a possibilidade de desenvolver projetos culturais que resgatem e fomentem a estruturação de cooperativas culturais, ensejando, pelas vivências familiares, resgatar e catalogar informações prestes a se perder por falta de incentivo à cultura.

Logo, o conceito de cultura também se amplia na medida em que não se considera apenas como um repertório comum de respostas a problemas recorrentes, mas um conjunto de esquemas fundamentais previamente assimilados do qual se articula um segundo esquema particular que se aplica em situações distintas. Estes esquemas têm o objetivo de auxiliar a dominar o real com poucos gastos, e podem encorajar aos que a eles recorrem para fazer uma economia de referência ao real.⁹⁶

Estabelecendo-se um paralelo entre o Brasil e o EUA, onde as mulheres, independentemente da idade e do credo religioso, são reconhecidas no mercado de trabalho de forma bem diferente da nossa realidade, as brasileiras têm buscado manter-se no mercado de trabalho predominantemente masculino e cada vez mais egoísta, enxergando-se na mulher madura, por exemplo, uma ameaça.

O mercado norte-americano aceitou bem Nura Afia Age (blogueira muçulmana) e a Cover Girl (cosméticos americanos) acabou de anunciar a blogueira (muçulmana) Nura Afia como a mais nova embaixadora. Isso mostra a marca como tolerante com as diferenças, inclusive religiosas, num país onde o catolicismo atinge a maioria da população.⁹⁷ Do mesmo modo, anteriormente tem aceitado por 50 anos Maye Musk (modelo de 69 anos), mãe de Elon Musk. “Não se pode superar o quão fabulosa essa aparência de 69 anos! Olhos azuis, penteado de platina e uma postura que uma modelo poderosa pode ter! A marca americana de cosméticos Cover Girl tem uma modelo excepcional como embaixadora da marca”.⁹⁸

A intolerância sempre existiu no Brasil, porém vem crescendo de forma assustadora, atingindo níveis preocupantes. Registros e relatos mais antigos já marcavam a nação, mostrando um rastro de tristeza, violência e muito sectarismo. Entre eles, não se poderia

⁹⁶ BOURDIEU, 1974, p. 346.

⁹⁷ INDIAN EXPRESS INDULGE. *Elon Musk's mum becomes Cover Girl aged 69*. Disponível em: <<http://www.indulgexpress.com/life-style/society/2017/sep/28/elon-musks-mum-becomes-cover-girl-aged-69-3719.html>>. Acesso em: 27 out. 2017.

⁹⁸ INDIAN EXPRESS INDULGE. *Elon Musk's mum becomes Cover Girl aged 69*. Disponível em: <<http://www.indulgexpress.com/life-style/society/2017/sep/28/elon-musks-mum-becomes-cover-girl-aged-69-3719.html>>. Acesso em: 27 out. 2017.

deixar de citar o período de maior vergonha para o país, a ditadura militar. Nesse momento histórico, a intolerância era a principal ferramenta do sistema de repressão.

Uma cultura de paz empenha-se na modificação dos pensamentos e atitudes para promover a paz e o bom convívio social.⁹⁹ No dia a dia a violência tem assolado a humanidade. Entre outros ambientes, é preciso identificar os conflitos relacionados à intolerância e à aceitabilidade religiosa e cultural no contexto escolar, e um dos redutos de formação ética e social, em algumas escolas, é o Ensino Religioso.

Portanto, a vitória nessa luta é justamente a desconfessionalização das instituições sociais. Deve-se, então, entender o que é laicidade para não confundi-la com estreiteza de visão. O Ensino Religioso nas escolas deve estar combinado com o ensino das ciências das religiões, na medida em que a religiosidade, como defende Max Weber, é tão intrínseca à condição humana quanto a sexualidade. Ora, relegar a questão religiosa à esfera privada, em especial quando se trata de um dever de formação, como tem a escola, é abrir espaço à perda de referências culturais básicas, ao preconceito e ao fundamentalismo. Ora, a cultura latino-americana tem a religião em seu substrato, e a religiosidade perpassa nosso inconsciente coletivo de tal forma que qualquer trabalhador, seja empregada doméstica ou camponês, expressa sua visão de mundo em categorias religiosas. Introduzir o Ensino Religioso nas escolas é, portanto, um dever de quem se propõe formar cidadãos livres e conscientes.¹⁰⁰

Os valores humanos precisam ser praticados, saindo da mera intenção, para que se promova uma cultura de paz atrelada a esses valores que podem ser definidos como éticos, estéticos e morais. Onde houver grupos de pessoas reunidas sempre haverá conflitos, e no ambiente escolar não é diferente. O conflito é um processo corriqueiro e necessário em qualquer sociedade, sendo uma das forças motivadoras da mudança social e um elemento criativo essencial nas relações.

É então no entrelaçamento de paz, desenvolvimento, direitos humanos e democracia que se pode vislumbrar a *Educação para a Paz*. Esse é um processo educativo, dinâmico, contínuo e permanente, fundamentado no conceito de paz positiva e na perspectiva criativa do conflito, como elementos significantes e definidores, e que, pela aplicação de enfoques socioafetivos e problematizantes, pretende desenvolver um novo tipo de cultura, a cultura da paz, que ajude as pessoas a desvelar criticamente a realidade de modo a situar-se frente a ela

⁹⁹ DUPRET, Leila. *Cultura de paz e ações sócio-educativas: desafios para a escola contemporânea*, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572002000100013>. Acesso em: 29 jul. 2018.

¹⁰⁰ BETTO, Frei. Ética, humanização e solidariedade. *Diálogo: revista de Ensino Religioso*, São Paulo, Paulinas, n. 4, p. 32-33, out. 1996.

e, conseqüentemente, atuar.¹⁰¹ Nesse sentido, gerenciar os conflitos é o primeiro passo, reconstruindo a paz e a confiança, prevenindo as desavenças e desentendimentos entre educando/a. Essa é a missão das instituições de ensino, como também de locais de trabalho, associações e outros.

As ações socioeducativas têm como ponto de partida a identificação e o reconhecimento das diferenças entre pessoas de um grupo. Essas ações darão algumas diretrizes para intervenções conjuntas a fim de melhorar a qualidade de vida dos grupos envolvidos. Com isso, favorecerão a consciência crítica e transformarão o convívio social dentro do processo educativo da comunidade e dos seus componentes, como pais, filhos/as, professores/as e alunos/as.

Tais intervenções teriam como finalidade possibilitar e promover estilos de vida alternativos, que favoreçam o crescimento tanto individual como coletivo, ajudando e apoiando os menores e os jovens em escolhas responsáveis, positivas e críticas.¹⁰² As ações socioeducativas devem abarcar todos os envolvidos nesse processo, numa extensa atividade que permita praticar os pressupostos e métodos que conduzam e promovam a cultura da paz.

Com o crescimento do número de discussões sobre a discriminação e o preconceito com os quais a sociedade vem lidando, rejeitando o aparentemente incomum ou que foge a um padrão de aceitação social, as instituições de ensino deparam-se com o desafio da determinação de onde e como trabalhar a aceitação e o reconhecimento dos valores morais e sociais.

Claramente se percebe o descaso com que alguns indivíduos são tratados em função de sua aparência, a qual não interfere em nada em seu caráter ou idoneidade. O preconceito é um problema que vem aumentando nas escolas entre os/as educandos/as e educadores/as muitas vezes provenientes de famílias miscigenadas ou afrodescendentes. Parte desse preconceito e hostilidade vem de dentro das próprias casas. Parentes e agregados não veem seus pares como capazes de participar da sociedade como colaboradores.

Certo aspecto da cultura do consiste em apelidar as pessoas e essa prática comum surge inicialmente nos lares, geralmente de famílias humildes, em que o “neguinho, pretinho” e outros tipos de “rótulos” constroem o apelidado. Alguns desses apelidos ultrapassem as paredes, invadem as salas de aula e perseguem a pessoa por toda a vida. Em alguns casos, é comum o portador adotar o apelido como se fosse seu nome.

¹⁰¹ DUPRET, 2002, p. 91.

¹⁰² DUPRET, 2002, p. 91.

Ao que se pode ver, os desafios dentro da escola consistem em ter educadores/as preparados para lidar com essas adversidades, trabalhando com esses grupos de maneira interativa, levando-os a refletir sobre suas atitudes, não permitindo divisões, exclusões ou isolamento em sala de aula ou nas dependências da instituição.

Como se pode ver nos exemplos abaixo, vítimas de preconceito conseguiram superar toda a indiferença da sociedade e hoje fazem de sua dor uma lição de vida e de aceitação do próximo, como se vê a partir do relato da transexual Laysa Carolina Machado, de São José dos Pinhais no Paraná (figura 17). Não basta ser alvo de atitudes discriminatórias por causa da etnia, de gênero, da orientação sexual ou da aparência. Para algumas pessoas, as manifestações hostis acabam magoando e ofendendo por mais de uma razão.¹⁰³

Figura 17: Laysa Carolina¹⁰⁴



Laysa Carolina Machado, 44 anos, historiadora, de São José dos Pinhais (PR):

Passei por inúmeros preconceitos. Primeiro por ser filha de pai negro e depois por me assumir transgênero. Nasci e cresci em uma colônia de descendentes alemães chamada Colônia Vitória, em Guarapuava (PR). Sentia todos os dias o preconceito das pessoas, na forma de olhares e apelidos. Sobre a questão trans, o preconceito é diário. Recentemente, um *post* meu no Facebook viralizou porque um portal de notícias anunciou em seu Twitter: 'Polícia investiga demissão de professora transgênica em Jundiaí' e eu respondi: 'Sou uma diretora e professora transgênera, transgênica é a soja da sua mãe'. A imprensa ainda nos trata como bichos exóticos sexualizados e burros, detesto isso. Gostaria que me tratassem com respeito. Ninguém pergunta para uma professora cisgênero se ela tem vagina. Então, porque preciso me justificar toda hora? Isso é pedir licença por existir. Não nascemos preconceituosos, nos tornamos. O preconceito é institucionalizado.

¹⁰³ KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. *Homofobia, cultura e violências*: a desinformação social. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/3361/2688>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

¹⁰⁴ NORONHA, Heloísa. *Vítimas de duplo preconceito contam suas histórias*: Laysa Carolina. Disponível em: <<https://estilo.uol.com.br/comportamento/listas/vitimas-de-duplo-preconceito-contam-suas-historias.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

Outro relato pertinente é o de Rafaela Damasceno (figura 18), uma das primeiras transexuais a entrar em uma universidade pública no Brasil, em 1999. O que começou com uma grande conquista, no entanto, configurou-se mais tarde como pesadelo. Após sofrer discriminação e perseguição em sala de aula, Rafaela, hoje com 39 anos, resolveu abandonar o curso de Geografia na Universidade Federal de Goiás (UFG)¹⁰⁵. Ela conta como largou os estudos, a um ano de se formar:

Eu era vista como se fosse um bicho num zoológico. As pessoas iam lá na faculdade que eu estudava, passavam por mim no corredor, chegavam no final do outro corredor e perguntavam: ‘onde é que está a transexual que estuda aqui?’. Eu me sentia como um animal. Não parecia ser normal eu estar dentro da universidade.

Figura 18: Rafaela Damasceno¹⁰⁶



“Eu era vista como se fosse um bicho num zoológico”, conta a transexual Rafaela Damasceno, sobre o período em que frequentou a Universidade Wilson Dias/Agência Brasil. Ela conta que, à época, ainda não havia conseguido trocar o nome em todos os documentos. Alguns/mas professores/as se recusavam a chamá-la pelo nome social e outros, simplesmente, “pulavam” o seu nome na hora da lista de chamada. “Havia uma professora que dizia que naquela sala de aula tinha gente que tinha que estar em outro lugar, não na universidade. Tinha que estar no salão de cabeleireiro ou na cozinha de alguém”, comenta.

Hoje, Rafaela estuda para entrar na faculdade de novo e concluir a graduação em Geografia. Ela também quer ingressar no mestrado. O preconceito que Rafaela enfrentou na universidade é vivido cotidianamente por muitos jovens nas escolas brasileiras. Apesar de

¹⁰⁵ CAZARRÉ, Marieta. *Preconceito afasta transexuais do ambiente escolar e do mercado de trabalho*: Agência Brasil Brasília. Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/preconceito-afasta-transexuais-do-ambiente-escolar-e-do-mercado-de>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

¹⁰⁶ CAZARRÉ, Marieta. *Preconceito afasta transexuais do ambiente escolar e do mercado de trabalho*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/preconceito-afasta-transexuais-do-ambiente-escolar-e-do-mercado-de>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

uma portaria do Ministério da Educação (nº 1.612 de 2011) assegurar a transexuais e travestis o direito a tratamento pelo nome social, a violência contra essa população se repete.

Pessoas transexuais são aquelas que não se identificam com o gênero no qual nasceram. Mulheres trans nasceram com a genitália masculina, mas se reconhecem como mulheres e exigem ser tratadas dessa forma. Homens trans, por sua vez, tiveram o gênero feminino atribuído na infância, mas se identificam como homens.

Aline Marques¹⁰⁷, presidenta da organização não governamental Grupo de Resistência de Travestis e Transexuais (GRETAS), de São Paulo, desabafa:

Falta educação escolar para nós. Você tem ideia do que é chegar em uma escola sendo uma mulher transexual e a pessoa da escola dizer que poderia te matricular, mas não garantir a sua integridade? Como é que uma instituição não garante a integridade de um de seus membros, sendo travesti ou sendo qualquer outro tipo de pessoa?

Fabiana Melo Oliveira, 32 anos (figura 19) conta que precisou esconder a identidade durante todo o período escolar:

Venho de uma família católica, muito rígida. Estudei em colégio de padre. Tive que terminar a escola, o ensino fundamental e o médio. Entrei na faculdade de psicologia, mas do segundo para o terceiro período eu tive que sair - foi quando eu não aguentei mais. Tive que mostrar a minha identidade de gênero, quem eu era mesmo.

Ela lembra que enfrentou resistência por parte dos pais, mas hoje recebe apoio da família:

Somente depois de um ano, de eu começar a fazer hormonoterapia (tratamento com hormônios femininos), de o meu pai ver todo o processo e de eu dizer que queria fazer a cirurgia de transgenitalização (mudança de sexo). Quando ele me viu depois de um ano e meio, ele falou que eu era a filha mais nova dele.

¹⁰⁷ CAZARRÉ, Marieta. *Preconceito afasta transexuais do ambiente escolar e do mercado de trabalho*: Agência Brasil Brasília. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/preconceito-afasta-transexuais-do-ambiente-escolar-e-do-mercado-de>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

Figura 19: Fabiana Melo Oliveira (Wilson Dias/Agência Brasil)¹⁰⁸



Além das dificuldades em permanecer nas escolas e faculdades, as transexuais enfrentam outro grande desafio: conseguir emprego. De acordo com Cris Stefanny, presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (Antra), 90% das travestis e transexuais são obrigadas a entrar na prostituição para se sustentar: “Simplesmente não há oportunidades de trabalho. As poucas que não estão nas ruas estão em serviços subalternos, ou limpando o chão ou como cabeleireiras”.

Rafaela atribui a dificuldade em conquistar uma vaga no mercado de trabalho à transfobia:

Temos companheiras que têm curso superior, mestrado. Você deixa seu currículo. Quando a pessoa vê que é uma transexual – porque normalmente coloca-se o nome de registro – ela diz: muito bem, seu perfil é maravilhoso. Mas coloca o currículo dentro da gaveta e você pode saber que eles não te chamam, infelizmente.

Aline Marques, 37 anos (figura 20) também luta por mais oportunidades de emprego. Ela abandonou a escola ainda criança e entrou para a prostituição aos 17 anos. Hoje, aos 37, comemora o fato de ter saído das ruas há 7 meses. Aline faz parte do projeto Transcidadania, da Prefeitura de São Paulo, que trabalha com o resgate e a reintegração social para a população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros) em situação de vulnerabilidade.

¹⁰⁸ CAZARRÉ, Marieta. *Preconceito afasta transexuais do ambiente escolar e do mercado de trabalho*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/preconceito-afasta-transexuais-do-ambiente-escolar-e-do-mercado-de>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

Figura 20: Aline Marques¹⁰⁹

A ideia do Transcidadania é, a partir de atividades de formação e capacitação para o mercado de trabalho, colaborar para a emancipação dessas pessoas e permitir que possam melhorar sua condição de vida. Os participantes recebem um auxílio de R\$ 827,40 por mês para cumprir 6 horas de atividades diárias. Aline destaca:

Eu tenho 100 companheiras, no projeto, que são guerreiras, que querem uma vida melhor, um mundo melhor, mais digno, que não querem estar se prostituindo, que não querem estar nessa margem de discriminação, de sofrimento. Elas querem estudar. Elas querem trabalhar. Precisam ter o próprio caminho de emprego porque nenhum ser humano sobrevive sem o trabalho.

Trata-se de uma sociedade incapaz de seguir, por exemplo, o mandamento do Mestre Jesus Cristo: “amar o próximo como a ti mesmo”. A verdade é que todo mundo quer ser compreendido, amado, mas ninguém se dispõe a fazê-lo. As escolas cada vez mais se distanciam desses valores de amor e fraternidade, que não dependiam de plano de ensino para ser aplicado na instituição escolar, bastando o desejo árduo de viver o bem. O que se vê, no entanto, são lares em conflito, e muitos/as educadores/as com problemas emocionais incapazes de compreender o que leva um estudante a viver uma vida aparentemente inadequada do ponto de vista educacional e social.

No ambiente escolar essa mistura cultural é desconhecida por alguns educadores/as. Não se trata somente de cultura, mas também de tradições, pois para alguns alunos/as o comportamento religioso foi orientado pelos pais, que o receberam dos avós. Como pensa Habermas, é pelo saber das tradições que se percebem as diversidades culturais:

¹⁰⁹ CAZARRÉ, Marieta. *Preconceito afasta transexuais do ambiente escolar e do mercado de trabalho*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/preconceito-afasta-transexuais-do-ambiente-escolar-e-do-mercado-de>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

Conteúdos transmitidos culturalmente configuram sempre e potencialmente um saber de pessoas; sem a apropriação hermenêutica e sem o apropriação do saber cultural através de pessoas, não se formam nem se mantêm tradições. Nesta medida, as pessoas e suas interpretações realizam algo em prol da cultura. Esta, por seu turno, oferece uma fonte para as pessoas. Elas não são, obviamente, 'portadoras' de tradições no mesmo sentido que o substrato orgânico pode ser descrito como portador de estruturas da personalidade. Toda a tradição cultural é simultaneamente um processo de formação para sujeitos capazes de ação e de fala, os quais se formam no interior dela e que, por seu turno, mantêm a cultura.¹¹⁰

Não se pode negar o poder da cultura na formação das pessoas, pois ela é fonte de vivências expressadas pelas tradições. A cultura, a arte e a moda têm buscado várias formas de expor e criticar o preconceito utilizando-se de desfiles, protestos, desempenho artístico e cultural, com a intenção de apresentar à sociedade suas raízes e sua história cultural. Têm-se alcançado muitos resultados com esses movimentos e a diversidade cultural é uma característica essencial da humanidade, portadora de feitos inusitados e de características únicas dos saberes de um povo.

Os movimentos estudantis trabalham paralelamente com a escola, na promoção de movimentos esportivos e culturais de aproximação num ambiente mais humanizado e participativo. Não se pode determinar ainda a idade de muitos que levantam suas bandeiras com o sentimento de pertencimento destinado ao empoderamento tão divulgado nesses últimos tempos. Isso não se limita às instituições de ensino, mas se estende à sociedade inteira.

Pelos exemplos apresentados podem-se avaliar as condições possíveis para a superação dos preconceitos e discriminações no ambiente escolar. Obviamente o respeito não é uma imposição e sim uma questão de sentimento humanitário, de amor ao próximo.

Tudo o que esses estudantes querem é ser aceitos na sala de aula, em grupos de estudo, independentemente de sua opção religiosa ou cultural. Esses fatores são caminhos possíveis ao/a educador/a, que pode e deve usá-los para ensinar valores e preservação da cultura, que vem se perdendo no meio da sociedade. Esse resgate cultural e social religioso é a melhor forma do/a educador/a interagir com os/as alunos/as e trabalhar com eles de forma integrada. O processo integrador tem sido uma ferramenta muito útil para a aproximação das diferenças, porque cada um traz consigo hábitos culturais e religiosos próprios.

Mediante esses processos educativos culturais, a escola fica mais próxima da comunidade, que passa a vê-la como redentora de valores. A escola é o melhor lugar para desenvolver as afinidades culturais e religiosas, e com um bom plano de ensino educativo e

¹¹⁰ HABERMAS, Jürgen. Passado como futuro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993, p.126.

pedagógico é possível trabalhar com os/as educandos/as num processo cultural e religioso que agregue todos, respeitando seus valores. Projetos desenvolvidos com uma visão respeitosa ao direito de expressão religiosa do próximo trabalham a aproximação por meio de eventos culturais, com a participação da comunidade e da família. Nesse contexto, Tillich acredita:

O problema enfrentado pelas escolas da Igreja vai além da mera finalidade da educação. Trata-se da questão do relacionamento do cristianismo com a cultura em geral e com a educação em particular. O problema é infinito e precisa ser resolvido em cada nova geração. Nesse contexto, as escolas das igrejas, são pequenos laboratórios onde se podem estudar as questões da igreja e do mundo na busca de soluções preliminares. Seria uma inestimável contribuição à solução de problemas maiores.¹¹¹

Geralmente, ouve-se de pais e tutores de alunos/as que as instituições de ensino têm fechado as portas para o diálogo quando a família demonstra interesse em participar ativamente da elaboração dos projetos e ações pedagógicas junto à comunidade, tendo algum representante para reivindicar mais respeito e tolerância às diversidades culturais para o alcance de uma escola mais humana e harmônica.

Alguns responsáveis reclamam e com razão, pois muitas vezes as unidades de ensino respondem secamente aos seus pedidos, por disporem de um projeto pedagógico elaborado e em andamento, a que o estudante precisa adaptar-se, ignorando as questões de preconceito e discriminação. Há instituições que escutam os familiares com muita educação, mas na hora da execução nada fazem, persistindo em um planejamento totalmente engessado, sem a devida e necessária atenção e sem investir em transformações profundas na ação docente e em prol da aceitabilidade em seu sentido pleno e real.

O contrário também se verifica. Há instituições que oportunizam e expressam o desejo de uma participação mais ativa da família e da comunidade, e esbarram numa grande gama de insensatez ao solicitarem a participação ativa dos pais e o envolvimento nos projetos pedagógicos que oferecem possibilidades ao desempenho cognitivo e da sociabilidade dos estudantes. São muito frequentes os familiares que se mantêm no anonimato, não participam e não se envolvam com nada no que se refere aos projetos pedagógicos da escola.

O estudante, independentemente de suas singularidades, tem direito a uma educação inclusiva de qualidade, que contemple suas demandas. Essa inclusão é construída em rede na sociedade da qual ele faz parte. Por isso, família e escola devem ser as primeiras instituições a

¹¹¹ TILLICH, 2009, p. 208.

se mobilizar em conjunto, tecendo redes de inclusão a fim de tecer uma educação inclusiva para a sociedade, em todos os seus contextos e territórios.¹¹²

A sala de aula é um ambiente vivo e de interação entre educador/a e educando/a, um lugar que enfrenta muitos desafios e partilhado por trocas de experiências, exigindo muito de seus frequentadores, ao contrário do que se tem visto.

Com isso, é indispensável um trabalho direcionado ao entendimento na sala de aula e ao desenvolvimento de todos/as os/as alunos/as, promovendo respeito e harmonia, possibilitando uma liberdade participativa e uma interação à disposição de todos para que a relação dos/as professores/as com os/as alunos/as seja de respeito.

O comportamento do/a educador/a, seu agir e modo de ser de certa maneira influenciam a vida do/a educando/a. Todo/a educador/a que exerce suas funções com maestria, sendo justo, tomando decisões corretas, mostrando ponderação em suas atitudes, representará uma referência grandemente positiva para sua turma nesse processo educativo. Os diálogos na busca de soluções para conflitos no dia a dia devem reforçar essa prática entre os integrantes das salas de aula e nos espaços adjacentes. São atitudes posturais como essas que revelam o caráter do/a educador/a.

Infelizmente alguns/mas educadores/as, ao invés de respeitarem seus/suas educandos/as, agem de maneira inadequada, por exemplo, tratando o estudante como mais um número e não como pessoa; apelidando pessoas; ressaltando características físicas ou psicológicas; repetindo expressões ameaçadoras como “calem a boca!”, “vai ver só quando eu corrigir sua prova”, “eu quero assim e pronto!” e praticando outros desmandos. Posturas desse tipo levam ao desinteresse do/a aluno/a pelos estudos, por se sentir desrespeitado ou mesmo diminuído em seu valor como pessoa.¹¹³

Vale lembrar que o estudante precisa entender e aceitar que o regente de sala de aula é, acima de tudo, a figura mais importante nesse processo de ensino e aprendizagem, com princípios e valores, e desempenha papel fundamental na instituição, na vida cotidiana do/a educando/a e perante a sociedade. Portanto, ele é merecedor de total respeito, de modo a poder cumprir suas funções, por meio de diálogo, respeito e amor, sem ofensas ou ameaças.

É fundamental o respeito do estudante pelo tutor em sala de aula, para que uma imagem positiva e de confiança seja construída, a fim de inspirar esse profissional em suas

¹¹² ORRÚ, Sílvia Ester. *Redes de inclusão entre família e escola*, 2017. Disponível em: <http://diversa.org.br/artigos/redes-de-inclusao-entre-familia-e-escola/?gclid=Cj0KCCQiA5aTUBRC2ARIsAPoPJKlJJ-bSw9K990TQH-AeuX9DIJda6vhZSII6fv0gPaAFMxhVtW5uNsaAnbwEALw_wcB>. Acesso em: 28 fev. 2018.

¹¹³ CARLINDO, Eva Poliana e Silva. *Atos agressivos físicos e verbais cometidos por professores contra seus alunos: um estudo a partir de histórias de escolarização*. Disponível em: <<http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/50932580.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

conquistas, valorizando-se suas capacidades de agente transformador da sociedade. Para tanto, uma relação de respeito, afetividade e amizade deve ser mantida. A família é a base de tudo para a conquista desse relacionamento harmonioso entre estudantes e mestres. Muitas vezes, ela se exime dessa reflexão, o que pode acarretar episódios de violência e desrespeito a essa imagem principal em sala de aula. Relatos de casos apontados pelas mídias exemplificam essa realidade, conforme relato:

Em Lençóis Paulista, uma educadora foi xingada e ameaçada por um estudante de 16 anos e, depois de 15 anos exercendo a profissão, ela revela que tem medo de entrar na sala de aula. “Ele falou que sou ‘uma vagabunda’, que não presto e não sirvo para nada. Ficou me xingando, sempre em tom alto e dando passos para frente, me senti acuada e com medo. Qualquer coisa que eu faça é motivo para que ele dê risadas, ele fala para outros, mas fala de mim. Me sinto perseguida”, disse a professora, que pediu para não ser identificada. A educadora relata ainda que, depois de quase um ano aguentando a falta de respeito e as ameaças, a situação ficou insustentável a partir do dia em que, durante uma discussão, o adolescente teria afirmado que iria “enfiar a mão na cara” da educadora. Tais fatos aconteceram na Escola Estadual Rubens Pietrarroia. A direção informou que o estudante já havia sido suspenso outras vezes por comportamento agressivo. Com medo, a educadora foi até a polícia, registrou um boletim de ocorrência por ameaça e se afastou do trabalho por duas semanas.¹¹⁴

Esse exemplo não é um caso isolado. Faz parte de um quadro que se mantém nos bastidores de muitas instituições espalhadas pelo país e conduz à inescapável reflexão sobre relação entre educandos/as. Não basta que o/a educando/a respeite o/a educador/a e vice-versa, também é preciso que o respeito mútuo faça parte da rotina dos/as educandos/as, com a valorização de suas culturas, para que sejam evitados conflitos.

O espaço da sala de aula requer cooperação, unidade, respeito, valorização, empenho, envolvimento mútuo e afetividade. Lamentavelmente tem-se verificado o oposto, com falta de diálogo, desrespeito, xingamentos, apelidos, desafetos entre os educandos/as, o que acarreta inúmeros problemas, conduzindo ao desinteresse e ao péssimo rendimento.

O respeito é base de toda relação humana, porém esse olhar deve consistir menos no registro de semelhanças que na reprodução dos que engendram tais semelhanças. A natureza

¹¹⁴ GLOBO. Reportagem G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/professora-relata-medo-de-entrar-em-sala-de-aula-apos-ameacas-de-aluno.ghtml>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

engendra semelhanças: basta pensar na mímica. Mas é o ser humano que tem capacidade suprema de produzir semelhanças¹¹⁵.

A sala de aula não pode dispensar as virtudes, o sentimento e principalmente as semelhanças, pois é nela que os sujeitos expressam suas formas de pensar, com múltiplas leituras da realidade, e se descobrem, adquirindo conhecimentos e exercitando a democracia e a liberdade.

Todas essas conquistas só serão possíveis com respeito recíproco e uma ação diária que abarque todas as relações desse ambiente. Assim, o respeito é o fator principal e essencial, a base de todo o convívio social. E a intolerância religiosa é muitas vezes exposta de forma agressiva e sufocante.

A escola, mais do que nunca, deve tornar-se um espaço de compreensão, compartilhamento e troca de vivências que visem o crescimento da personalidade dos/as educandos/as envolvidos nesse processo.

Atualmente a violência tem sido um dos maiores problemas dentro de nossas salas de aula e manifesta-se das mais variadas maneiras desde agressões verbais ou as vias de fato. A paz não deve ser apenas um discurso ao “vento”, mas algo a ser perseguido e implantado na relação entre todos os níveis no ambiente escolar. A escola deve não apenas gerir-se pela redução da violência, mas pelo aumento da paz o que indiretamente terá reflexo na redução das agressões no ambiente escolar.

Em meio a essa problemática, faz-se necessário refletir sobre quais as ferramentas a serem utilizadas na construção da paz no espaço escolar. A arte e religião contam com todas as possibilidades para tornarem-se instrumentos de paz dentro da sala de aula, uma ponte para uma sociedade mais tolerante às diferenças. A religião, usada de forma adequada tem amplas possibilidades para a construção da paz no ambiente escolar, pois através dela levamos os indivíduos a refletirem suas crenças e questões de foro íntimo, é de fundamental importância ensinar que a paz somente será alcançada de forma plena através de cada indivíduo. O Ensino Religioso é um poderoso catalizador para construção da paz no ambiente escolar, entretanto observa-se que é muito pouco utilizado no meio escolar como ferramenta de mudança. A paz no ambiente escolar deve ser pensada e buscada de forma permanente e jamais deixada de lado, pois sua perda trará inexoravelmente a possibilidade do retorno da violência.

Neste capítulo foi destacada a necessidade de se considerar a igualdade de acesso e permanência na escola, a liberdade de expressão cultural, o respeito e a valorização étnico-

¹¹⁵ BENJAMIM, 1975, p. 108.

racial, favorecendo-se também a socialização. A escola é a instituição de máxima heterogeneidade de identidades, procedências, condições sociais, estirpes étnico-raciais, identificações multiculturais e religiosas, e dela provém grande parte do que se percebe.

O terceiro capítulo tratará sobre o cuidado da religiosidade, sua fundamental contribuição para a formação do cidadão e sua importância, com a intenção de entender sua base, no que diz respeito à diversidade e a cultura. A escola deverá integrar os aspectos do conhecimento: sensorial, cognitivo, afetivo, lógico e religioso, aspectos do espírito humano.

O capítulo também tratará a construção e a socialização do conhecimento religioso na escola viabilizando uma discussão inter-religiosa, no intuito de promover a compreensão dos conceitos, do respeito e dos valores das diversas culturas.

A disciplina do Ensino Religioso contribui para a cidadania, proporcionando o conhecimento teórico e envolvendo com ações práticas de cidadania, identificando o credo religioso de cada grupo e compreendendo o direito à liberdade de consciência e a opção religiosa, com a finalidade de superar as discriminações.

Mostrará também que Ensino Religioso pode ser ponte para a redução das discriminações e pré-conceitos, entendendo as diferenças, e possibilitando a abertura de um diálogo franco e inteligente, de harmonia e respeito, sempre posicionando o/a aluno/a no lugar do/a outro/a, para que ele/a se sinta na responsabilidade do conhecer para respeitar.

Irá despertar para a potencialização da cultura e das artes não somente pela religião, costumes ou hábitos, mas pelo desenvolvimento da educação, ciência, história, geografia de forma interdisciplinadora e de entretenimento, dentre outros. As ferramentas para a potencialização da cultura e da arte estão diretamente relacionadas à educação e servem de coletora e geradora de conhecimento, motivando a inteligência e dando asas à criatividade e à inovação, também serão apresentadas as Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com o intuito de prevê a forma de organização do Ensino Religioso, ao estabelecer sua aplicação nas escolas, através de Planos de Desenvolvimento Institucional (PDIs) e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LBDs).

3 A CONTRIBUIÇÃO DA DISCIPLINA DO ENSINO RELIGIOSO PARA A FORMAÇÃO DE ESTUDANTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Este capítulo discorre sobre o papel da religiosidade, sua fundamental contribuição epistemológica para a formação do cidadão e sua importância, que precisa ser compreendida com a finalidade de elevar o conhecimento de sua base, no que diz respeito à diversidade cultural e religiosa do ambiente escolar e à definição dos valores e princípios com os quais ela pode contribuir para a vida do cidadão. Nesses termos, serão examinados a seguir a contribuição da disciplina do Ensino Religioso para a formação humana e o uso da cultura, das artes e do Ensino Religioso para o reconhecimento das diferenças, o combate à discriminação e as alternativas e ferramentas a ser utilizadas para tornar a sala de aula um ambiente mais fraterno.

Dessa forma, a contribuição veemente do Ensino Religioso, como disciplina curricular, e a interdisciplinaridade, seja com a arte, a história ou outra disciplina, poderão trazer as informações necessárias sobre religião, uma vez que atualmente o Ensino Religioso não é apenas uma simples “aula de religião”, como no passado, mas tem por objetivo a socialização do conhecimento sobre a diversidade religiosa, proporcionando ao discente a compreensão das mais diferentes religiões presentes no seu convívio social. Dito isso, percebem-se algumas evidências no campo do Ensino Religioso pelo fato de o corpo docente, em muitos sentidos, dispor de pouco ou nenhum conhecimento dessa disciplina, com uma ideia superficial da matéria, demonstrando uma lacuna na compreensão das tradições religiosas. Consoante essa perspectiva, nota-se a necessidade da especialização nessa disciplina.

Com isso, o Ensino Religioso poderá propiciar ao/à educador/a uma visão diferenciada da contribuição da matéria na superação da discriminação, na potencialização da cultura e das artes, no reconhecimento da diversidade religiosa e das diferenças, gerando um ambiente fraternal no meio estudantil e fora do espaço escolar.

3.1 Para a superação da discriminação

O Ensino Religioso pode ser ponte para a redução das discriminações, buscando entender as diferenças, e com isso possibilitando a abertura de um diálogo franco e inteligente, desde que se reconheça que cada parte continuará crendo naquilo que desejar, o

que não deverá inviabilizar as relações interpessoais, mas pelo contrário, melhorar a interação entre as partes no espaço escolar.

Não existe uma fórmula de entendimento dessa relação do religioso com seus mitos e crenças. As características do conhecimento cultural e do mediador devem estar focadas em nivelar os saberes com aquilo que, por vezes, é somente um ritual sem sentido, mas para muitos representa novidade e pode orientar no sentido religioso e explicar esse movimento cultural que ora aproxima, ora afasta o ser.

Não serão abordados aqui somente assuntos e situações sérias de discriminação, contudo a representação de qualquer ideia preconcebida sobre alguém de outro grupo ou classe social, ou pertencente a outro credo religioso, de diferentes etnias, vestimentas peculiares, sotaques, estilo musical ou qualquer outra característica que configure o preconceito.

É fundamental compreender a verdadeira função do Ensino Religioso no ambiente escolar e que essa disciplina deve ser pautada no respeito mútuo, na discussão da violência e no combate à discriminação, pois tais preocupações independem de crenças, religião, raça ou cor.

A principal função da escola é integrar os vários aspectos do conhecimento: sensorial, cognitivo, afetivo, lógico e religioso. Para Tillich, “a religião é um dos aspectos do espírito humano”.¹¹⁶

A construção e a socialização do conhecimento religioso na escola viabiliza uma discussão inter-religiosa, no intuito de promover a compreensão dos conceitos, do respeito e dos valores das diversas culturas. O Ensino Religioso contribui para a cidadania, proporcionando o conhecimento teórico, identificando o credo religioso de cada grupo social e compreendendo o direito à liberdade de consciência e a opção religiosa, com o fito de combater as discriminações em sala de aula, com amparo nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a LDB (Lei de Diretrizes e Base da educação). É de responsabilidade das instituições ofertar essa matéria respaldadas nas leis do país, oferecendo-a a todos os cidadãos, pois se trata de um direito que lhes assiste.

Quanto aos aspectos legais, a LDB determina a obrigatoriedade do Ensino Religioso no currículo, cabendo à escola garantir matrículas para crianças e adolescentes em sua formação básica: “O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental” (Constituição Federal, Capítulo

¹¹⁶ TILLICH 2009, p. 42.

III, Seção I, Artigo 210 – parágrafo 1º). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/1996, artigo 33, alterado, em sua redação, pela Lei nº 9475/1997, prevê a forma de organização do Ensino Religioso, ao estabelecer:

Art. 33 – O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos/as professores/as.

§ 2º - Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.

De acordo com a nova redação desse artigo, o Ensino Religioso é parte integrante da formação básica do cidadão, assegura o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, veda quaisquer formas de proselitismo, deve ser trabalhado de forma contextualizada, é ministrado por professores/as habilitados/as e admitidos/as pelos sistemas de ensino, depende, para ser ministrado, de entidade civil constituída por diferentes denominações religiosas e é parte integrante da Base Nacional Comum.¹¹⁷ Essa mudança na lei situa o Ensino Religioso no currículo integrante da formação básica do cidadão e como questão de educação para a cidadania, como afirma Roque:

O sentido da lei está em garantir que a escola de Ensino Fundamental oportunize aos/às alunos/as o acesso ao conhecimento religioso. Não é seu interesse fazer com que a escola garanta aos/às educandos/as o acesso às formas institucionalizadas de religião – isto é competência das próprias igrejas e crenças religiosas. À escola compete garantir o acesso ao conhecimento religioso, a seus componentes epistemológicos, sociológicos e históricos. Pode naturalmente, servir-se do fenômeno religioso e de sua diversidade, sem, contudo, erigir uma ou outra forma de religiosidade em objeto de aprendizagem escolar. Na aula de Ensino Religioso nossas crianças têm que ter acesso ao conhecimento religioso, não aos preceitos de uma ou de outra religião.¹¹⁸

O Ensino Religioso assegura a riqueza das diversificações culturais religiosas existentes, contribuindo para a socialização e a construção da cidadania. Nesse aspecto é importante dissociar a diversificação religiosa do pluralismo religioso. O pluralismo religioso é a democratização do campo religioso, enquanto a diversidade/variedade religiosa é a existência de diversos tipos de credos religiosos.

¹¹⁷ BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: <<http://basenacional.comum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

¹¹⁸ ZIMMERMANN, Roque. *Ensino Religioso: uma grande mudança*. Brasília, Câmara dos Deputados. Brasília, 1998, p. 11.

O pluralismo religioso possibilita estudos relacionados às religiões, afirmando que todas elas manifestam as mesmas intenções, trazendo benefícios aos seguidores e à sociedade. Esse é um fato irrefutável, pois as religiões têm o mesmo credo religioso e os mesmos objetivos. Já o relativismo afirma que não há critérios pelos quais se possa saber qual religião é verdadeira. Não há verdade objetiva na religião, e cada religião é verdadeira para quem acredita nela. O inclusivismo afirma que uma religião é explicitamente verdadeira, enquanto todas as outras são implicitamente verdadeiras e o exclusivismo é a crença de que apenas uma religião é verdadeira, e as outras que se opõem a ela são falsas.¹¹⁹

O Ensino Religioso deve ter um conteúdo bem organizado, o qual pode ser trabalhado de forma contextualizada na construção do conhecimento e no processo de ensino e de aprendizagem. O/A educando/a deve ser o foco nesse processo, considerando-se suas peculiaridades, vivências e cultura, e deve ser inserido e aceito no convívio social, com o devido respeito a suas diferenças.

Com isso, deve-se considerar o preparo do/a educador/a nesse processo, sendo ele um dos maiores formadores de opiniões. Porém na maioria das vezes o próprio corpo docente está despreparado ou não encontra apoio para a função. O caminho para a solução desse impasse é o investimento na qualificação, na formação e na conscientização desses profissionais para o desempenho adequado do seu papel.

A especialização de profissionais no Ensino Religioso vem se tornando urgente, pelo entendimento de que a formação do/a educador/a para o trabalho pedagógico é de suma importância para a qualidade na educação. A formação, nesse sentido, é fundamental para a mobilização das práticas pedagógicas e reflexivas no que se refere à realidade social, levando em conta a diversidade religiosa em sala de aula. Vale mencionar que o/a educador/a deve considerar os ensinamentos e a cultura familiar, elevando a conscientização e a participação dos/as educandos/as.

O/A educador/a que busca essa formação se tornará reflexivo e cauteloso em suas práticas pedagógicas. Isso propiciará uma relação melhor com o mundo que o cerca, acrescentando ao ambiente o saber e o afeto, e contribuindo para a formação do cidadão, sujeito da própria história. Nesse ponto Gruen ressalta:

O/A professor/a que trabalha com Ensino Religioso não é só um/a docente; é educador/a, mestre de vida, em sua vida e no relacionamento com os outros tem que

¹¹⁹ WERONKA, João Rodrigo. *Pluralismo Religioso: todos os caminhos levam a Deus?* Disponível em: <<https://www.napec.org/apologetica/pluralismo/>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

cultivar suficientemente religiosidade. Tem que crer na vida, na busca, no sempre mais, tem que acreditar no que diz.¹²⁰

Cabe à escola instrumentalizar o/a educando/a, favorecendo-o com uma educação integral, contemplada pelos parâmetros curriculares de Ensino Religioso na superação da discriminação, e valorizando as suas dimensões física, mental, emocional, intelectual, espiritual, racional e social. A propósito, Max Weber afirma: “A pedagogia é capaz de compreender, do ponto de vista dos sujeitos, a lógica inerente aos mecanismos particulares de apropriação das crenças religiosas”.¹²¹

No âmbito do Ensino Religioso e do espaço escolar, essas dimensões devem ser consideradas na prática docente, sendo indicativos de processos que visam superar a intolerância e as discriminações. Pode-se dizer que há uma busca constante de aceitação da diversidade religiosa e do empoderamento da minoria, apesar da constante mudança da sociedade. Mas ainda se percebe que o preconceito e a intolerância de algumas pessoas refletem-se no ambiente escolar.

Isso ocorre pelo fato de a sociedade oferecer espaços propícios ao surgimento de conflitos e discriminação. E a escola acaba se tornando um desses espaços por receber diversos tipos de pessoas, com diversos tipos de culturas, o que leva os/as educandos/as a exercer pressão sobre outros, provocando mal-estar e desentendimentos.

A escola também é um espaço de mudanças, um ambiente provido de valorização do conhecimento, voltado à formação e ao aprendizado, oportunizando meios de combate ao preconceito em seus domínios.

Assim, cumpre abordar as faces do preconceito em sala de aula e nas dependências da instituição. A princípio percebe-se que as atitudes preconceituosas entre os/as educandos/as se resumem às diferenças raciais ou religiosas, mas é possível que haja muitos outros tipos no meio escolar.

Nas escolas que exigem o uniforme completo não se reduzem as agressões quase diárias em relação aos acessórios em voga, a que muitos estudantes não têm acesso por falta de condições financeiras das famílias. Essas diferenças acabam atingindo estudantes que professam algum tipo de religião, e dessa forma, muitos se isolam, alguns pela timidez, outros por se verem excluídos dos padrões midiáticos de beleza, outros ainda por insucesso em uma ou outra disciplina – frequentemente quando são requeridos trabalhos em equipe.

¹²⁰ GRUEN, Wolfgang. *O ensino religioso na escola*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 131.

¹²¹ MONTERO, Paula. Max Weber e os dilemas da secularização. O lugar da religião no mundo contemporâneo. *Novos Estudos CEBRAP*, nº 65, 2003, p. 34-44.

É importante que os/as educadores/as estejam qualificados e atentos às demonstrações de *bullying* e isolamento em função de preconceitos. Além disso, o/a educador/a deve cultivar vínculos positivos com os/as educandos/as, a fim de favorecer o seu desempenho e tornar o aprendizado mais prazeroso, facilitando a identificação de algum tipo de preconceito, discriminação, isolamento ou exclusão.

No ambiente de sala de aula podem-se promover debates e reflexões para a conscientização sobre a discriminação, o preconceito e a realidade de muitos por suas crenças, desenvolvendo o espírito de promoção da paz. Também é possível lançar campanhas de conscientização em todas as dependências da instituição focadas em solucionar a intolerância à diversidade espiritual e religiosa, combatendo a discriminação. Mas os diálogos devem ser abertos, de forma a conscientizar sobre os preconceitos e discriminações no cotidiano escolar, mesmo que tais conflitos não sejam evidenciados.

Pode-se propor aos/às educandos/as um debate na aula de Ensino Religioso, abordando a diversidade religiosa e estimulando pelo assunto em discussão, com dinâmicas, “contação” de histórias, dependendo da idade, e também disponibilizar aulas sobre essas questões e apresentar a diversidade das visões, com leituras e interpretação de texto, narrativas e peças teatrais, de modo a proporcionar a socialização entre os estudantes.

Contudo esse debate deve ser intermediado pelo/a educador/a, a fim de identificar se tais intercorrências nesse espaço foram geradas pela sociedade preconceituosa e o que pode ser feito para desconstruir tal preconceito social.

Tal diálogo reflexivo pode ser conduzido em uma abordagem integrada ao espaço escolar, onde educadores/as e gestores podem proporcionar aos/às educandos/as uma reflexão sobre essas temáticas, levando-os à empatia e a enxergar que, apesar das diferenças, todos merecem respeito.

Uma pesquisa sobre o preconceito feita pelo Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa (INEP) em 2009 mostrou que 93,3% dos entrevistados tinham algum tipo de preconceito racial, socioeconômico, de gênero, orientação sexual ou territorial. Essa porcentagem corresponde a mais de 18 mil pessoas em 500 escolas do país, incluindo não apenas estudantes, mas também pais, educadores/as e funcionários/as da instituição.¹²²

Portanto, o preconceito no meio dos jovens é simplesmente um reflexo das atitudes dos adultos. Conclui-se daí que o combate ao preconceito e à discriminação estende-se à

¹²² ALBUQUERQUE, Flávia. *Pesquisa indica que há 99,3% de preconceito no ambiente escolar*. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2009-06-17/pesquisa-indica-que-ha-993-de-preconceito-no-ambiente-escolar>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

classe educador/a, juntamente com os integrantes das instituições de ensino do País envolvidos direta ou indiretamente no processo de ensino e de aprendizagem.

No entanto a discriminação se dá em todo tipo de sociedade, porque está associada ao convívio cultural e também à construção da própria identidade. Por esse motivo não se pode exigir que os/as educadores/as sejam diferentes, mas eles podem trabalhar para desconstruir essa ideia, o que é fundamental.

A escola é o reflexo da sociedade e levar o/a educando/a à conscientização sobre os próprios preconceitos não significa apenas ensiná-lo a ser tolerante, mas também a servir de exemplo em suas atitudes e na tomada de decisões no cotidiano. Vale mencionar que as atitudes e exemplos dos adultos interferem na vida escolar dos/as educandos/as, o que torna imprescindível a parceria entre escola e família, para que se mantenha um ótimo relacionamento, criando a possibilidade e a liberdade de abordagem aberta dessas temáticas.

Com isso, as escolas, como mecanismos de ordem social, dedicam-se a desenvolver metodologias que organizem e garantam o aprendizado de qualidade àqueles que as frequentam, construindo uma proposta de ensino significativa e participativa, resgatando o vínculo cordial e aprazível nas práticas pedagógicas relacionadas ao/à educador/a e ao/à educando/a.

A escola, mais que qualquer outro tipo de espaço social, é um ambiente rico em socialização, proporcionando o desenvolvimento de seus integrantes e o saber. Nesse contexto, destaca-se a proposta pedagógica do Ensino Religioso como currículo a ser trabalhado de forma contextualizada e articulada às demais disciplinas, propiciando ao estudante um bom desenvolvimento social e cognitivo, auxiliando-o com suas diferenças e levando-o à resolução de conflitos e à valorização cultural e social.

É no espaço escolar que se pode, com eficiência, combater a discriminação, seja de que tipo for. O mais importante é estar sempre alerta a qualquer atitude que não agregue valores morais e não ajude no desenvolvimento de competências para o combate a esses preconceitos. A escola tem por dever construir a pedagogia do antipreconceito e da antidiscriminação, e não pode ser omissa no desempenho desse papel.

Para tanto, a atuação do/a educador/a de Ensino Religioso deve se pautar no respeito à diversidade religiosa e, ao mesmo tempo, exigir a valorização e o respeito à opção religiosa individual. Ele deve ter o cuidado de não provocar a discriminação às crenças diferentes das suas, pois é formador de opiniões e não pode influenciar os/as educandos/as, pois do contrário causará prejuízos ao processo de ensino e aprendizagem.

O/A educador/a é o facilitador do conhecimento e deve estimular seus estudantes em todas as áreas. Esse/a educador/a deve assumir o compromisso de inserir os/as educandos/as na sociedade e na cultura, levando-os a perceber as razões de ser e de estar no mundo como seres que sentem, pensam, avaliam e agem, entendendo a própria existência.

Portanto o Ensino Religioso, como integrante do currículo escolar, abre-se a novos horizontes de perspectivas pedagógicas, trazendo grandes desafios para o/a educador/a e o/a educando/a, mas é preciso combater qualquer tipo de preconceito. Essa tarefa requer educadores/as formados e especializados em Ensino Religioso para promover o respeito às diferenças no convívio social com respaldo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

Aprendendo a conviver com diferentes tradições religiosas, vivenciando a própria cultura e respeitando as diversas formas de expressão cultural, o/a educando/a está também se abrindo para o conhecimento. Não se pode entender o que não se conhece. Assim, o conceito de conhecimento do Ensino Religioso, de acordo com as teorias pós-modernas, aproxima-se cada vez mais da ideia de que conhecer é construir significados.¹²³

O Ensino Religioso possibilitará um melhor conhecimento da diversidade cultural, visando o respeito à religiosidade da sociedade, tornando-se indispensável à formação social e cultural do indivíduo. Pode-se afirmar que é uma forma viável de superação do preconceito e de combate a qualquer forma de discriminação, religiosa ou não.

3.2 Para a potencialização da cultura e das artes

A cultura potencializa-se não somente pela religião, costumes ou hábitos, mas pelo desenvolvimento da educação, ciência e entretenimento, entre outros. As principais ferramentas para a potencialização da cultura e da arte estão intimamente relacionadas à educação e funcionam como catalizadoras e geradoras de conhecimento, aguçando a inteligência e dando asas à criatividade e à inovação.

A arte faz parte de toda cultura. No Brasil, o carnaval mobiliza várias estruturas, como museus, centros culturais, educacionais e de pesquisa, tendo em vista o desenvolvimento da tecnologia nos desfiles de carnaval no Rio de Janeiro e em São Paulo. A cultura é ponto fundamental da construção de uma educação voltada para o cidadão, pois norteia o conhecimento em todos os sentidos, expandindo o debate e ampliando o desenvolvimento das ciências.

¹²³ FONAPER (Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso). *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso*. 2ª Edição, São Paulo: Ave Maria, 1997, p. 39.

Portanto, é essencial o reconhecimento do fenômeno religioso e de seus componentes básicos, mediante experiências religiosas observadas no contexto dos/as educandos/as. O estudo do Ensino Religioso e das diferentes expressões artísticas na cultura religiosa, aplicadas a uma metodologia integradora e interdisciplinar, auxilia o/a educador/a a compreender a diversidade de manifestações do sagrado ao focar a arte sacra e os desdobramentos de diversos conteúdos.

A arte apresenta uma riqueza sem igual no que se refere à diversidade de sentimentos expressa por meio das diferentes simbologias artísticas em rituais religiosos e fora deles. Os símbolos artísticos de uma cultura não são apenas representações de beleza, mas traduzem mensagens, sentimentos, inspiram comportamentos e lançam moda.

O Ensino Religioso trata do fenômeno religioso com olhar apurado e criterioso para as diferentes manifestações artísticas e culturais, trazendo ao meio escolar reflexões sobre as expressões religiosas e sua simbologia na construção de novos saberes e a aceitação das diferenças.

A arte e a religião vinculam-se em uma perspectiva alicerçada no estudo interdisciplinar das várias expressões religiosas e artísticas. Calvani define a experiência estética como experiência de contato com o divino, pois, para ele, “Deus se revela na obra de arte”.¹²⁴

Não resta dúvida de que a teologia da cultura toma uma posição bastante corajosa, pois anuncia, não apenas no plano teórico (como uma possibilidade), que Deus não está preso às religiões para manifestar-se no mundo. Esse anúncio ultrapassa a retórica e busca comprovações quase ‘empíricas’; busca provar que Deus não apenas pode manifestar-se nas obras de arte, como de fato se manifesta nelas, por meio delas e que tal revelação é, por vezes, mais densa do que as religiões estariam dispostas a admitir.¹²⁵

Do ponto de vista educacional, há um profundo interesse por artes nas instituições de ensino para ajudar na redução das desigualdades, bem como do preconceito. Isso viabiliza ações de aproximação do corpo docente, mas também do discente, com o compartilhamento das responsabilidades, tendo em vista a colaboração para a melhoria das escolas e da sociedade como um todo. Desse modo, a participação de todos reduz as diferenças e promove um ambiente de harmonia e respeito no que se refere à cultura e à religião.

Fatores importantes na potencialização das artes e da cultura devem ser observados, tais como os motivos de alguns estudantes não conseguirem desenvolver habilidades manuais.

¹²⁴ CALVANI, C. E. B. *Teologia e MPB*. São Bernardo do Campo, SP: Loyola, 1998, p. 80.

¹²⁵ CALVANI 1998, p. 80-81.

Algumas habilidades começam na infância, com brincadeiras e atividades domésticas, e se isso não acontece, a escola deve se inserir com os recursos para as competências e as habilidades, servindo-se das ferramentas do desenvolvimento e de desafios, extroversão, agradabilidade e estabilidade emocional.

Mesmo assim muitos dos/as educandos/as, ao longo do tempo, perdem o contato com a arte e as informações culturais que lhe são pertinentes. E para piorar, há quem considere desnecessária no currículo escolar a disciplina de Artes. Segundo João Fróis:¹²⁶

A Arte e a Educação têm uma relação que deve ser observada a partir de dois pontos de vista distintos: por um lado, procura-se enaltecer socialmente o domínio artístico e, por outro, existe uma desvalorização curricular e científica. Importa refletir sobre esta ambivalência que se reporta à evolução dos próprios modelos educativos. Constatamos que existem três fatores que têm determinado a secundarização da Arte na Educação. O primeiro fator é marcadamente hedonista, já que encara a Arte como um modelo de entretenimento, uma ocupação frívola que é passível, em meio escolar de escolha opcional. Não proporcionando ‘desenvolvimento visível’, a Arte proporciona prazer. O segundo fator é pautado pela premissa da genialidade, particularmente inerente de méritos individuais. O génio artístico revela-se como uma exceção à regra, o cientista surge antes do artista, e o biólogo e o matemático, antes do poeta e do músico. O legado positivista não constitui certamente o único fator de afastamento da Arte do mundo educativo. As capacidades que envolvem a produção do objeto artístico, esse dom da criação genial que só os artistas têm – a facilidade para adquirir uma técnica, personalizando-a, conferindo-lhe uma unidade de estilo – causam polémica nos discursos sobre o papel da Arte na Educação.

É imprescindível a busca de projetos de resgate cultural e artístico, de modo a aproximar as expressões religiosas do conhecimento a ser partilhado. O ambiente escolar exerce papel fundamental na exposição da cultura, sem dúvida um dos grandes celeiros para a condução de uma catalogação intercultural. As feiras culturais e eventos religiosos de cunho educacional são propostas que permitem à escola a melhoria do espaço educacional na construção do equilíbrio emocional e do desenvolvimento intelectual dos/as educandos/as. Também são aplicados alguns desses estilos de aprendizagem para motivar os/as educandos/as e destacar o ensino artístico, a criatividade e a importância da cultura no ensino.

A busca do ambiente colaborativo, visando o resgate da história cultural e religiosa, torna-se ligação imprescindível e possibilita a aproximação dos/as educandos/as e a redução das desigualdades e preconceitos muito presentes nas instituições de ensino. Essas ações culturais e religiosas contribuem para a correção da postura indesejada dos/as educandos/as em franco processo de construção das personalidades. O desrespeito no ambiente dá-se em função do desconhecimento do outro e de sua singularidade.

¹²⁶ FRÓIS, João P. *As artes visuais na educação: perspectiva histórica*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade de Lisboa, 2005, p. 16.

A religião deve poder manifestar suas opiniões e ser vista como direito de todos, independentemente de sexo, raça e posição econômica. A escola é o ponto de partida para a construção do caráter, respeitando os costumes trazidos do seio familiar. As experiências e os conhecimentos que os estudantes trazem consigo é uma grande construção de saberes ao longo do tempo a partir de suas experiências de vida.

Podem-se potencializar a cultura e a arte por meio dos contos e vivências familiares, ocasionalmente em reuniões com grupos de amigos, reuniões comunitárias e eventos, entre outras situações. Experiências pessoais podem ser partilhadas na sala de aula, atraindo as práticas dos mais experientes no exercício da vida.

Ademais, Bourdieu classifica a escola e a família como possuidoras de grande poder de construir disposições culturais,¹²⁷ adquiridas pelos agentes na sua trajetória de vida, especialmente na infância, incorporadas como uma segunda pele inconsciente, permitindo que o agente atue de forma “natural” (ou naturalizada) em diferentes situações de vida.¹²⁸

O aprimoramento da cultura popular e suas riquezas geralmente são contados de pais para filhos e posteriormente aos netos, e o saber popular, tanto cultural quanto religioso, são riquezas a ser preservadas. Isso enriquece o ambiente de sala de aula, reforçando o currículo no sentido da integração cultural escola-sociedade. A partir daí parte-se para atividades fora da sala de aula, conhecidas como visitas técnicas, ocasiões em que o estudante é conduzido a espaços criativos e reflexivos em relação ao conteúdo abordado.

As instituições de ensino são expressões que se revelam no contexto sociocultural em uma relação dos espaços “escola” e “casa”. Dotadas desse pensamento, as junções e negociações de conhecimentos e habilidades revelam uma visão de mundo *a priori* interativas entre si. A escola incumbe-se do espaço público, local de interação sociocultural e de convergência. A cultura expressa-se de forma didática por meio da relação entre educador/a e educando/a, pois é na sala de aula que, mediante conteúdos de estudo e interações entre ensino e aprendizagem, se pode compreender a cultura em todas as facetas. Assim sendo, o espaço escolar pode ser compreendido como elo entre cultura, arte e religião, em que as ferramentas educacionais articulam e promovem o intercâmbio entre os sujeitos vinculados à escola.

É assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil. O Ensino Religioso deve ser ministrado respeitando a pluralidade religiosa presente na realidade sociocultural do estudante. A realidade brasileira é constituída de uma pluralidade cultural religiosa imensa. Em sua origem, o Brasil foi berço das

¹²⁷ BOURDIEU, 2007, p. 62.

¹²⁸ BOURDIEU, 1990, p. 149.

tradições indígenas, e com a colonização européia, chegou o cristianismo católico, depois as tradições africanas, e aos poucos com a vinda de imigrantes, aqui se estabeleceram diversas religiões, igrejas, tradições espirituais e místicas. Outras aqui se originaram, configurando-se assim um cenário de diferentes religiões e filosofias de vida¹²⁹.

Daí a necessidade de um currículo integrador em que o Ensino Religioso dialogue com as demais áreas do conhecimento. Com essa proposta de ensino no contexto pluralista da sociedade e da escola, essa disciplina visa discutir as expressões religiosas como partícipes do cotidiano social, estabelecendo um caminho pedagógico interdisciplinar diferenciado ao aprimorar o conhecimento dos estudantes, sem interferir em suas opções de fé. São diversos os aspectos que tornam o Ensino Religioso um conteúdo desafiador para qualquer profissional da área, requerendo do/a educador/a um esforço considerável para o equilíbrio da relação dialógica em sala de aula, de maneira a atender essa realidade pluralista na escola.

Partindo desse princípio, os estudantes podem tratar de questões não somente de cunho religioso, mas referentes a outros assuntos interligados nessa perspectiva do debate, e elevam sobremaneira a discussão, envolvendo aspectos sociais, filosóficos, políticos, econômicos, etc. É assim que se constrói uma interdisciplinaridade no meio escolar, na visão de Freire:

Vão explicitando seu nível de consciência da realidade, no qual estão implicados vários temas. Vão referindo-se a outros aspectos da realidade, que começa a ser descoberta em uma visão crescentemente crítica. Aspectos que envolvem também outros tantos temas.¹³⁰

Nessa interpretação, a proposta de fazer uso do planejamento escolar proporciona ao/à educador/a utilizar um saber diretamente útil para responder e resolver as problemáticas e conflitos encontrados em consequência das diversidades religiosas no contexto educacional, levando os participantes a entender determinado assunto sob outra ótica.

Pode-se citar, *e.g.*, uma grande iniciativa da Empresa Fundação Telefônica/Brasil, que criou o “Projeto combate à intolerância religiosa em escolas públicas”, no intuito de promover o respeito à diversidade religiosa e incentivar práticas tolerantes dentro da sala de aula. Por sua vez, o projeto “Lugares da Religião: Espaço, Patrimônio e Cultura Material”, em Campinas, propõe levar o conhecimento das múltiplas denominações religiosas aos/às educadores/as e alunos/as de escolas públicas da região de Campinas (SP):

¹²⁹ ASSINTEC. *Educação com respeito à diversidade cultural e religiosa*: sugestão de proposta pedagógica para o ensino religioso. Disponível em: <<https://ipfer.com.br/wp-content/uploads/2018/01/PROPOSTA-PEDAGOGICA-2005.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

¹³⁰ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 54ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013, p. 165.

No Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, conheça a iniciativa que promove o respeito à diversidade entre alunos/as. O Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, 21 de janeiro, foi instituído em 2007 no Brasil pela Lei nº 11.635. A data faz referência ao falecimento de uma mãe de santo de um terreiro de Candomblé em Salvador (Bahia), vítima de intolerância por ser praticante de uma religião de matriz africana.¹³¹

O projeto buscou trabalhar de forma interdisciplinar História e Geografia com a participação ativa dos/as professores/as nas discussões, oficinas e passeios com os estudantes.

Portanto não se deve levar em consideração somente o pluralismo religioso, mas também as mais diversas expressões religiosas em sua plenitude, de modo a ressaltar a importância das instituições de ensino, as maiores responsáveis por essa integração da diversidade social e cultural. A escola precisa desempenhar o papel de promotora de paz, propiciando um ambiente saudável e de respeito às diversidades, já que é a maior agregadora das diferenças.

Para tal, o Ensino Religioso deve se apropriar dessas prerrogativas, exatamente para trabalhá-las em sala de aula, a fim de superar atitudes de intolerância às expressões religiosas e culturais. Nesse contexto, a arte vem contribuindo para a socialização desses grupos religiosos, por meio de desfiles conceituais, oficinas de arte, bordados regionais e outras expressões para uma interação dessa diversidade tão rica. Só assim os jovens passam a interagir e a contribuir mutuamente por uma linguagem bem peculiar.

3.3 Para a criação de um ambiente fraterno e de respeito às diferenças

Um dos grandes desafios nas instituições de ensino é reconhecer as diversidades religiosas e culturais reunidas no mesmo espaço, causando divergências de opiniões, transtornos e, por vezes, desentendimentos na sala de aula. Portanto, o trabalho com a diversidade religiosa implica conceituar cultura e diversidade, para entender a religiosidade e suas diferenças no ambiente escolar. Tratar das diferenças é ir ao encontro dos problemas que abrangem a pluralidade religiosa e desvendar as ações preconceituosas de seus integrantes, criando meios que propiciem a valorização e o respeito mútuo. Nessa tarefa, o/a educador/a apropria-se do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), uma das ferramentas mais

¹³¹ SOARES, Fábio. Projeto combate intolerância religiosa em escolas públicas. Disponível em: <<http://fundacaotelefonica.org.br/noticias/projeto-combate-intolerancia-religiosa-em-escolas-publicas/>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

adequadas à potencialização das diferenças a favor da criação de um ambiente fraterno e favorável à inclusão social:

O Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, elaborado para um período de 5 (cinco) anos, é o documento que identifica a Instituição de Ensino Superior (IES), no que diz respeito à sua filosofia de trabalho, à missão a que se propõe, às diretrizes pedagógicas que orientam suas ações, à sua estrutura organizacional e às atividades acadêmicas que desenvolve e/ou que pretende desenvolver. A elaboração do PDI deverá explicitar o modo pelo qual o documento foi construído e a interferência que exercerá sobre a dinâmica da Instituição, tendo como pressuposto o atendimento ao conjunto de normas vigentes.¹³²

O PDI é um planejamento elaborado e organizado junto à comunidade de maneira a atender o aprendizado do estudante e a organização escolar. A família e a escola formam essa comunidade, envolvida na construção de tal planejamento, contemplando as demandas do estudante e construindo estratégias e ações que garantam direitos, deveres e permanência no ambiente escolar. Assim afirma Abramowicz:

A escola não pode tudo, mas pode mais. Pode acolher as diferenças. É possível fazer uma pedagogia que não tenha medo da estranheza, do diferente, do outro. A aprendizagem é destoante e heterogênea. Aprendemos coisas diferentes daquelas que nos ensinam, em tempos distintos, mas a aprendizagem ocorre, sempre. Precisamos de uma pedagogia que seja uma nova forma de se relacionar com o conhecimento, com os/as alunos/as, com seus pais, com a comunidade, com os fracassos (com o fim deles), e que produza outros tipos humanos, menos dóceis e disciplinados.¹³³

Com essa conjunção entre escola e família, em trabalho colaborativo, a instituição pode direcionar o cotidiano do estudante e partilhar orientações pedagógicas para que os familiares as sigam nos lares. Da mesma forma a família deve proceder, compartilhando informações para o bem-estar do estudante, conferindo credibilidade aos profissionais que atuam na instituição, visando o desenvolvimento e a socialização dos estudantes, e promovendo um ambiente prazeroso e acolhedor.

Para um melhor resultado nessa interação, é necessário que a escola e o/a educador/a conscientizem-se de que todo/a educando/a traz consigo significados, concepções, crenças, aptidões, valores, atitudes e comportamentos religiosos que fazem parte de seu cotidiano. Essas vivências precisam ser levadas em consideração numa visão multicultural e religiosa. Por essa razão o/a educador/a não deve se limitar aos planejamentos, mas deve buscar uma prática pedagógica inclusiva e aberta para trabalhar as diferenças na sala de aula. Os

¹³² BRASIL, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. *Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI*. Disponível em: <<http://porteiros.s.unipampa.edu.br/pdi/files/2013/04/Diretrizes-para-elabora%C3%A7%C3%A3o-do-PDI-2004.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

¹³³ ABRAMOWICZ, Anete Moll Jaqueline (org). *Para além do fracasso escolar*. Campinas, Papyrus (1997), p.89.

estudantes em suas peculiaridades e individualidades, precisam sentir a segurança de que suas vivências e experiências provenientes do ambiente familiar serão respeitadas e valorizadas no espaço escolar. Como diz Maduro:

As nossas experiências nos levam a ver a realidade de uma maneira diferente daqueles que viveram outras experiências. Essas experiências farão com que a comunicação seja não apenas possível, mas, muitas vezes, necessária. E do diálogo pode surgir, a seu tempo, o consenso ou inclusive algo mais difícil: o respeito aberto e formas diferentes de pensar e viver junto com a humilde consciência das próprias limitações.¹³⁴

Cada integrante do corpo discente precisa sentir-se acolhido em suas vivências culturais religiosas, e não como objeto de preconceito perante a comunidade escolar em que está inserido. Para tanto, o Ensino Religioso tem a responsabilidade de estabelecer a inclusão desses estudantes no processo de interação e socialização. Dessa forma, deve-se tratar desses aspectos e posicionar-se quanto às críticas, orientando esses discentes à percepção das capacidades e atitudes de justiça, direitos e dignidade diante da diversidade.

O clamor da sociedade pela inclusão no meio social é incessante. Alguns pais veem na escola um refrigerio para as angústias e expectativas quanto aos filhos virem a ser aceitos na sociedade pela inclusão educacional, tendo em vista suas diversidades culturais, intelectuais, sociais ou físicas.

A instituição de ensino, portanto, é o espaço estrutural do processo de ensino e de aprendizagem significativa na vida do estudante, criando uma ligação entre a razão e a vida, na busca de uma trajetória de autoconhecimento para a modificação e a adequação às suas necessidades.

Para que esse projeto se concretize, as escolas têm buscado parcerias junto às famílias, de modo que o processo se desenvolva desde os lares dos estudantes até a sala de aula. Essa parceria beneficia as partes e favorece principalmente os estudantes, e não mais considera as diferenças quanto ao físico ou ao intelecto. A escola, em geral, tem feito esse trabalho integrador e isso é fantástico, dado que os/as educandos/as propõem soluções para gerar interação do estudante com a escola e a família.

Assim, a atenção da escola volta-se ao bem-estar do estudante e auxilia-o a se lançar em novas experiências sociais. Segundo Figueiredo, esse é o espaço onde se pode confiar nos caminhos indicados, sem interesses:

¹³⁴ MADURO, Otto. *Mapas para a festa: reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 55.

A escola como instituição educacional estará, então, procurando superar os desafios levantados, sempre que tomar consciência do seu compromisso para com a sociedade, com a qual contribui na formação de homens e mulheres aptos a realizarem-se integralmente portadores de dimensões que qualificam a sua natureza, a serem desenvolvidas e não atrofiadas ou mutiladas. É também a conjugação do espaço e do tempo pedagógico, a abrir caminhos; apontar horizontes; suscitar valores; sistematizar e enriquecer o saber; estimular a criatividade e a participação; exercitar as aptidões para o bem, a verdade, a justiça e a solidariedade; abrir espaço para a busca de respostas aos questionamentos existenciais.¹³⁵

Com o exercício dessa função pela escola, torna-se fácil entender que o Ensino Religioso, como disciplina, deve compor a matriz curricular nas séries iniciais, contribuindo para o desenvolvimento da criança desde o início escolar, justamente na fase em que está em formação. Desse modo, o Ensino Religioso inserido na fase escolar dos estudantes nos primeiros anos de vida é uma abertura para a aprendizagem, já que aprendido no conjunto e não por partes.

Contudo, as religiões tem sido tema de ampla discussão nas escolas no que tange ao trabalho num quadro integrador, possibilitando a participação de todos em um momento em que se colete ou catalogue experiências, expressando ou apresentando o verdadeiro papel da religião em um ambiente agradável e humanizado, que é a sala de aula. Nesse universo de intensa vontade de descobertas, relacionada às religiões e à cultura, a escola exerce a função de contribuir com essas relações inter-religiosas e interculturais, trabalhando no campo do conhecimento com profissionais formados na área, tendo como objetivo mostrar aos jovens as riquezas das misturas de raça e etnias, sem interferir em sua opção ou aceitação religiosa.

O Parâmetro Curricular Nacional (PCN) do Ensino Religioso¹³⁶ explicita como deve ser otimizado o conhecimento do conteúdo nas instituições de ensino pelas quais o estudante pode adquirir saberes que o auxiliem na superação das contradições da concepção de mundo: buscar coerência na compreensão de mundo de cada um não significa abdicar dos fundamentos estruturantes, como a tradição religiosa e a cultura. Contrapondo-se à tradição religiosa, a ideologia e a cultura necessitam de reflexão para a avaliação de suas contradições.

O Ensino Religioso não é matéria construída de modo a aperfeiçoar a religiosidade do/a educando/a, pois essa é função catequética, por muitos anos assegurada pelo Estado, mas é uma forma de priorizar os valores conservados pelas tradições religiosas, bem como a cidadania dos estudantes. Esse é o modelo que exige a formação e a especialização do docente, ressaltando-se que as instituições de ensino se beneficiam ao trabalhar com o Ensino

¹³⁵ FIGUEIREDO, Anísia de Paula. *Ensino Religioso: perspectivas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 34-35.

¹³⁶ FONAPER (Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso). *Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Religioso*. 9.ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2009, p. 38.

Religioso integrado ao currículo, de forma socializadora, na perspectiva da diversidade cultural e religiosa embasada no respeito e na valorização cultural.

O Ensino Religioso consiste em uma disciplina da educação básica brasileira, cujo objetivo principal é propor reflexões sobre fundamentos, costumes e valores das várias religiões da sociedade. Ela busca a compreensão das diferentes formas de religião, explorando temas de seu interesse de maneira interdisciplinar, com atividades que estimulam, sobretudo, o diálogo e o respeito entre as diversas religiões.¹³⁷

Em tempos atuais, quando as diversidades religiosas e a mistura de raças estão bem presentes em todos os lugares, inclusive nas instituições de ensino, as escolas devem exercer o seu papel fundamental de propiciar a socialização e conhecimento da diversidade religiosa, construindo valores pela abertura ao diálogo inter-religioso, em uma perspectiva comum a todas as culturas e tradições. Esse diálogo deve ser entendido como uma conexão entre educador/a e educando/a, na intenção de solucionar conflitos e de obter o reconhecimento das respectivas diferenças numa sociedade pluralista.

Com isso, o Ensino Religioso possibilita combater atitudes discriminatórias que possam surgir na sala de aula, oferecendo como alternativa a promoção do diálogo, silenciando os constrangimentos aos estudantes que dividem o mesmo espaço e proporcionando uma melhor interação social. O diálogo é a melhor forma de resolver conflitos e promover a harmonia num espaço democratizado, mas cabe ao/à educador/a o papel de mediador desse diálogo, buscando assegurar o mesmo direito à manifestação numa atitude de interação.

Quando se trocam experiências na sala de aula, ou se compartilham concepções religiosas, ou de vivências, ou de valores familiares, esse intercâmbio fortalece o convívio democrático, permitindo a aprendizagem mútua. Vale reforçar que o Ensino Religioso contribui para a construção de um espaço humanizado e democratizado, junto com a escola, das alternativas para que o desenvolvimento cognitivo do estudante se deem com respeito, socialização e valorização pessoal, reconhecendo as diferenças sociais e culturais, e com elas convivendo.

O Ensino Religioso não pode ser visto apenas como matéria diferenciada ou simplesmente fazer parte da matriz curricular das instituições. Esse ensino pode fazer a diferença e ser proativo, qualitativo em suas origens no processo de aprendizagem centrado no desenvolvimento do/a educando/a. Trabalhar de maneira diferenciada requer uma atuação

¹³⁷ SIGNIFICADOS. *Significado de Ensino religioso*. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/ensino-religioso/>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

maior dos profissionais, muito esforço, capacidade, preparo, dedicação e atenção, exigindo um olhar diferenciado de diversos ângulos em sala de aula. Envolve compreensão das necessidades e do tempo de aprendizagem de cada educando/a.

O trabalho de construção e socialização do conhecimento religioso na sala de aula, subsidiado por meio dos esclarecimentos do/a educador/a, da troca de experiências entre os estudantes, das pesquisas, das leituras e da interpretação textual, do acesso a filmes, dentre outras estratégias, ajuda a direcionar o pensamento e o raciocínio do/a educando/a, procurando desvendar as diversidades religiosas e instigando questões ligadas à dimensão do currículo, abrangendo a construção histórica, cultural e social das diferenças, conforme os PCNs:

Conhecer significa captar e expressar as dimensões da comunidade de forma cada vez mais ampla e integral. Assim, entendendo a educação escolar como um processo de desenvolvimento global da consciência e da comunicação entre educador/a e educando/a, à escola compete integrar dentro de uma visão de totalidade, os vários níveis de conhecimento: o sensorial, o intuitivo, o afetivo, o racional e o religioso.¹³⁸

Nessa realidade, encontram-se as visões enviesadas e os tratamentos discriminatórios em relação a outras culturas e religiões. Compreender as diversidades é acreditar, pois o currículo precisa ser claro quanto à concepção de educação, porquanto é a partir dela que as práticas pedagógicas serão repensadas ao serem aplicadas contra as atitudes preconceituosas, a fim de transformar a sala de aula num ambiente amigável e acolhedora das diferenças.

Nessa meta, apontam-se várias propostas e indagações a partir da análise do currículo do Ensino Religioso interligado com as práticas pedagógicas aplicadas em sala de aula, a saber: clareza para com os pais e responsáveis em relação à proposta curricular do Ensino Religioso, frisando o não proselitismo dessa área do conhecimento, evitando qualquer tipo de influência religiosa no cotidiano escolar do/a educando/a; planejamento da matéria de acordo com as respectivas séries, respeitando a realidade de cada instituição; organização do espaço escolar, em específico da sala de aula, de acordo com o conteúdo programático; organização do tempo, prevendo horário específico para o Ensino Religioso.

Como também, a interdisciplinaridade do Ensino Religioso contextualizado, de modo a estabelecer a inter-relação dos conteúdos; estabelecimento do relacionamento entre os saberes, priorizando o diálogo na mediação de conflitos; disposição dos conhecimentos do/a educando/a como construção e socialização do conhecimento cultural e religioso; emprego de linguagem pedagógica adequada ao contexto escolar, que permita trabalhar a diversidade

¹³⁸ PCNs – Ensino Religioso, 1997, p. 29.

religiosa no contexto escolar; desenvolvimento de estratégias pedagógicas para lidar com as diferenças; posicionamento do/a educador/a frente às discriminações no espaço escolar como mediador da paz e agente da valorização pessoal de cada educando/a; olhar diferenciado do/a educador/a para as diversidades culturais e religiosas em suas práticas pedagógicas.

A visão criteriosa para as propostas relatadas facilita ao/à educador/a transformar suas práticas pedagógicas e humanizá-las, voltando-as à cidadania, de forma a combater o preconceito no meio educacional, facilitando o processo de socialização e o desenvolvimento cognitivo dos/as educandos/as e levando em consideração a realidade do estudante no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, vale relembrar a individualidade e a realidade do/a educando/a e da comunidade em que a escola está inserida, devendo ser levada em consideração também a metodologia aplicada com o propósito de que o estudante reconheça a diversidade das manifestações religiosas e construa um referencial de respeito às diferenças.

Face ao exposto, o Ensino Religioso pode auxiliar na reflexão sobre essa realidade, ajudando os estudantes no desenvolvimento de uma visão crítica e de uma vivência fundamentada na solidariedade, nos direitos humanos, na justiça, na ética e na defesa da dignidade do próximo, para assumirem papel ativo na sociedade e o compromisso de criar no espaço escolar um ambiente mais fraterno, reconhecendo e respeitando as diversidades. Portanto o Ensino Religioso educa para a vivência, e educar é um processo democrático que permite a autodescoberta e a redescoberta da sociedade, que se concretiza pelo diálogo no pluralismo político e religioso, proporcionando a compreensão positiva da interferência das diversas manifestações religiosas e despertando nos estudantes o aprofundamento na fé.

CONCLUSÃO

A pesquisa acerca das expressões religiosas na escola, no que tange à cultura, à arte e à moda, visou explicitar a questão do espaço escolar em harmonia com o âmbito religioso, examinando a arte e a moda em um ambiente de formação de saber e artístico cultural. A questão se apresenta bastante complexa do ponto de vista da pluralidade, mas oferece um espaço criativo para o estudo da influência da religião na diversidade cultural, na arte e na moda, assim como das manifestações religiosas no ambiente escolar. Observou-se, ao longo da pesquisa, que o Brasil tem um grande potencial para o desenvolvimento da moda na perspectiva religiosa, na construção cultural ou econômica. Entretanto não foi possível abordar toda a relação entre cultura, arte e moda com o religioso, dado que o assunto é único e pouco explorado por pesquisadores/as. Dessa forma, abre-se espaço para a continuação deste trabalho, em consequência de outras pesquisas que estudam esse ambiente.

A influência da religião com peculiaridades pouco exploradas, manifestações e expressões religiosas populares, como forma singular de exprimir cultura e arte, inspira mentes artísticas na criação de obras com esses elementos e seres viventes, usando o religioso como fonte de expressão culturalmente rica e forte. Entretanto, as pesquisas sobre o desenvolvimento da religião nessa perspectiva, assim como da moda e da arte no país, são escassas, o que diminui as possibilidades de entendimento da cultura brasileira no ambiente escolar.

Com essa gama de objetivos culturais, procurou-se expor a pluralidade, a diversidade sociocultural e artística espaço-temporal, a saber: na história, e na contemporaneidade, em especial, o ambiente escolar é o ponto convergente desta pesquisa. Isso possibilitou uma reflexão sobre a humanização da sala de aula, espaço de disseminação de culturas, e conseqüentemente, da religião. A sala de aula nem sempre foi assim, com tantas diversidades culturais e religiosas, e conviver com uma geração bem à frente do seu tempo é um desafio que impõe a necessidade de entender e aceitar o próximo.

O desafio é, no ambiente de sala de aula e no espaço escolar, aplicar uma cultura de consideração das diversas religiões existentes e a aceitação das diferenças étnicas e culturais, muito embora o ambiente da escola seja um espaço de saber e de fomento à educação e também de ações propícias de combate à intolerância religiosa no meio da sociedade, permeando os conflitos constantes na rotina diária escolar. Iniciar as atividades de inclusão, respeito e harmonia desde o início da vida escolar do/a educando/a e ensinar o respeito à expressão da liberdade religiosa, garantindo os direitos, pela educação e pela cultura, devem

ser o escopo de campanhas educativas ou até mesmo do uso da legislação, nos casos de crimes praticados contra religiosos/as.

Esses cuidados quanto à diversidade e à intolerância, se não forem diagnosticados e trabalhados nos primeiros anos de ensino, naturalmente migrarão para as universidades e essa cultura de preconceito cada vez mais se refletirá na sociedade, como tratado em algumas reportagens neste documento. O respeito à liberdade de culto tem se tornado motivo de discussão de vários grupos de defesa dos direitos humanos e de combate à intolerância religiosa no País, razão pela qual este trabalho relata experiências de alguns religiosos, muitas vezes humilhados, e até mesmo tendo escutado insultos aos seus deuses, contrariamente aos direitos de todo cidadão num país que se anuncia para todos. A nação se ressentida da falta de uma política ampla de interesse educacional e de respeito às manifestações culturais e religiosas no País.

A sociedade pauta-se pela perspectiva da cultura de consumo em que a imagem é mais importante que sua referência. Infere-se que a sociedade de consumo é uma das causas dos preconceitos e da intolerância, pois estabelece um modelo econômico estruturado em bens de consumo, gerando “a coisa” como referência, e não o ser humano. Logo, uns têm bens de luxo e outros não, o que gera conflitos iniciados nas famílias e estendidos ao ambiente escolar.

Foram pesquisadas neste projeto questões complexas quanto ao respeito cultural e à complexidade da pluralidade religiosa, assuntos aqui tratados e avaliados do ponto de vista criativo, com a intenção de despertar o interesse pelo fenômeno religioso e cultural. A intenção aqui é apresentar alternativas para o estudo da influência religiosa na cultura, na arte e na moda. A escola, por natureza, tem sido um local de troca de conhecimento, onde se aprende a dividir o espaço, entender as diferenças de etnia, religião, modos de vestimentas, de pensar e agir, dentre outros, numa reflexão que leva à percepção de que o mundo é bem maior do que se imagina.

Essa troca de experiências permite aos/as educando/as, em seus primeiros anos, o conhecimento do mundo fora da família. Na cultura brasileira, ainda não se pensou na moda na perspectiva religiosa ampla, mas de forma muito limitada, o que reduz as possibilidades de expansão e do entendimento da cultura sob o viés religioso. Há pouco entendimento da religião, da moda, e da arte, mas o pouco material encontrado foi reunido às informações coletadas nesta pesquisa, possibilitando a criação de um pensamento, de certa forma, inédito.

Considerando que esta pesquisa é bibliográfica, apresentaram-se fotos e relatos de professores/as e alunos/as quanto ao entendimento cultural e religioso, ficando clara a

necessidade de uma política educacional capaz de trazer para a sala de aula uma cultura de envolvimento e de troca. Se o Ensino Religioso for ministrado como mais uma disciplina de execução, não alcançará seu objetivo. Quando o/a próprio/a aluno/a vê o Ensino Religioso como facultativo, não enxerga valores no conteúdo ministrado, razão pela qual esta pesquisa propôs o ensino da disciplina de maneira interdisciplinar, com sua integração ao cotidiano do/a aluno/a, de modo a envolvê-lo com assuntos de interesse dos jovens, fazendo-o sentir-se parte do estudo ministrado, numa integração que tem funcionado em sala de aula, quando os/as alunos/as compartilham vivências que julgam mais interessantes do que o mero ensino cotidiano.

O Ensino Religioso contribui para a cidadania, compreendendo o direito à liberdade de consciência e a opção religiosa, possibilitando a redução das discriminações, de cunho religioso ou não. A escola é o ambiente propício para a discussão inter-religiosa, pois é no espaço escolar que se aprende a ser gente como a gente precisa ser, e que o outro também é humano, independentemente de religião, etnia, gênero ou qualquer outra forma de existência ou pensamento.

A proposta de tornar a disciplina do Ensino Religioso optativa não foi uma das melhores para resolver a questão, e o que ficou claro com isso foi a falta de estrutura do Estado em trabalhar efetiva e integradamente as características culturais da pluralidade, da diversidade, do multiculturalismo e, principalmente, em compreender as diversidades religiosas, regionais e culturais do País.

A diversidade cultural e religiosa oferece um espaço criativo para a contribuição do Estado, servindo-se da influência do Ensino Religioso, com vistas às manifestações religiosas no ambiente escolar. Com a interação cultural e suas dinâmicas, é possível aproximar os estudantes da disciplina proposta.

A participação da comunidade é um fator muito importante nesse processo, e a integração entre escola e família faz muita diferença nesse processo de adequação ao novo. Com a participação da família, o/a aluno/a sente-se à vontade para expressar sua etnia, religião e cultura, num momento de faz do/a aluno/a um relato vivo, o que diminui as diferenças e proporciona a fuga da assimilação de conteúdos de livros específicos, com textos desconhecidos e desinteressantes para a comunidade.

Tais fatores demonstram a importância de um currículo adaptado, capaz de gerar interesse pelos referenciais do próprio sujeito e também de conhecer o novo. É com essa visão que este trabalho traz um novo olhar para a história da diversidade, com o intuito de resgate da cultura brasileira na ótica da religião, demonstrando-se aqui as possibilidades de pesquisas

no campo acadêmico direcionadas no espaço escolar, lidando com várias áreas que pensem e vivam a cultura de forma muito intensa, a exemplo da moda.

Conclui-se também, que o estudo das expressões religiosas, como proposta nesse trabalho, tem sido pouco explorada em pesquisas, o que aumenta o desafio de se trabalhar as expressões religiosas de uma forma a respeitar e conhecer as muitas influências no país e que é fundamental o respeito à diversidade tanto aos/às docentes quanto aos/às discentes.

A moda pode ser percebida com um conjunto de opiniões, e se for usada em favor da divulgação, das culturas, das religiões, há uma beleza religiosa no vestir-se que conquistou muitos admiradores, e ainda hoje traz a memória das artes religiosas, como ferramenta de aproximação interpessoal, será uma oportunidade em desenvolver uma linguagem diferente e interdisciplinar com o religioso. Essa linguagem vem acompanhada de blogs, das novas mídias muito usadas por vários grupos tanto religiosos quanto artísticos e cultural com suas escolhas e críticas, pensamento único e forma de viver aceitos e diversos, com poder e arte de influenciar a sociedade. Apresentou-se, também, os motivos dos conflitos tanto religiosos quanto culturais os quais veem ocorrendo dentro das escolas.

E também a importância da contribuição do Ensino Religioso como disciplina e como trabalhar a interdisciplinaridade, agregando a história, geografia e a arte, como uma ferramenta de apoio e motivação, pelo que o/a aluno/a vai perceber o quanto sua herança cultural é importante para a comunidade educacional e para os colegas de classe.

Revelou-se que o Ensino Religioso tem também o papel de socializar através do conhecimento sobre a diversidade cultural e religiosa, e a aceitação ao diferente ou ao desconhecido, essa disciplina não pode ser interpretada como uma doutrina religiosa. Fato também registrado em muitas escolas no Brasil, pois isso acontecia por pouco ou nenhum conhecimento, das ciências das religiões, o qual não doutrina e sim apresenta as diversidades e aos ensino, como também a importância de um PDI voltado para essas diversidades e a inclusão das LBDs necessárias para dar suporte a essa inversão, trabalhar a cultura a arte e a moda com vistas ao religioso.

Este trabalho contribuiu também para ampliar o conhecimento da pesquisadora enquanto Professora e Educadora no Curso Técnico de Modelagem do Vestuário, Professora e Coordenadora do Curso Técnico de Produção de Moda da Rede Estadual de Ensino de Vila Velha-ES no Centro Estadual de Ensino Técnico CEET Vasco Coutinho, graduada em Design de Moda (UVV), pós-graduada em Gestão Educacional (CESAP), Educação de Jovens e Adultos (CESAP), para seu reconhecimento social e profissional,

este estudo ampliou, também, a sua experiência no convívio escolar e o crescimento profissional e de carreira como professora do Estado.

Traz consigo a experiência de ser educada no meio da cultura e de arte popular, com formação em design de moda, apaixonada pela história das artes e da cultura popular, o envolvimento da arte e da moda tem me realizado profundamente. Um casamento perfeito. Especializou-se em educação de jovens e adultos, para melhor interagir com essas novas demandas de alunos/as, cresceu em um lar religioso onde aprendeu a amar o próximo como a si mesma. Eu, Glauceni, posso inferir que esse projeto mudou a minha vida, depois de passar três anos analisando meus/minhas alunos/as, me surpreendeu o que eu aprendi com eles/elas, e posso afirmar educar é amar. E é parte do meu dia a dia.



REFERÊNCIAS

A TRIBUNA ES. *Reportagem* de 05 mar. 2017. Disponível em: <<https://tribunaonline.com.br>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

ABRANCHS, Renata. *Santidade no vestir*. 2013. Disponível em: <<http://www.renataabbranchs.com.br/wp-content/uploads/2013/05/meadham.jpg>>. Acesso em: 22 out. 2017.

ABRAMOWICZ, Anete Moll Jaqueline (org). *Para além do fracasso escolar*. Campinas, Papirus (1997).

ADORNO, Theodor W. Crítica cultural e sociedade. IN: ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AGÊNCIA RÁDIO WEB DE PORTO ALEGRE. Por Fernanda Veizel ao Jornal da Cidade / Rádio Fraternidade AM de Araras, S.P. 2015. Disponível em: <<https://www.radios.com.br/aovivo/radio-fraternidade-1500-am/13168>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

ALBUQUERQUE, Flávia. *Pesquisa indica que há 99,3% de preconceito no ambiente escolar*. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2009-06-17/pesquisa-indica-que-ha-993-de-preconceito-no-ambiente-escolar>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

ALVES, Rubens. *O que é Religião*, Círculo do Livro (Coleção Primeiros Passos), 1994.

ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. *Navios Negreiros: cultura afro-brasileira se manifesta na música, religião e culinária*, 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/10/cultura-afro-brasileira-se-manifesta-na-musica-religiao-e-culinaria>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. *Cultura afro-brasileira se manifesta na música, religião e culinária*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/10/cultura-afro-brasileira-se-manifesta-na-musica-religiao-e-culinaria>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

ARAÚJO, Glauber Souza. *Teologia da Cultura*. 2011. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/272198241/Paul-Tillich-e-a-Teologia-Da-Cultura>>. Acesso em: 6 fev. 2018.

ASCOM. *Fundação Cultural Palmares: 324 anos da queda do Mocambo dos Macacos – Serra da Barriga*, 2018. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/archives/49036>>. Acesso em: 3 jun. 2017.

ASSINTEC. *Educação com respeito à diversidade cultural e religiosa: sugestão de proposta pedagógica para o ensino religioso*. Disponível em: <<https://ipfer.com.br/wp-content/uploads/2018/01/PROPOSTA-PEDAGOGICA-2005.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

BARROCO, Maria Lúcia. Reflexões sobre liberdade e (in) tolerância. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 119, jul./set. 2014.

BENJAMIN, Walter. 1981 *apud* LÖWY, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas vol VI, 1994. Brasiliense, São Paulo, 1994.

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*, 2012. Tradução João Barrento. Autêntica. Disponível em: <<https://grupoautentica.com.br/autentica/livros/o-anjo-da-historia/820>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

BETTO, Frei. Ética, humanização e solidariedade. *Diálogo: Revista de Ensino Religioso*, São Paulo, Paulinas, n. 4, 1996.

BLUMBERG, Antonia. *A criação de Adão e o julgamento final*, 2016. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2016/02/26/6-fatos-interessantes-que-vaio-mudar-sua-visao-da-capela-sistina_a_21684986>. Acesso em: 2 fev. 2018.

BORBA, Tamila Josiane; THIVES, Fabiana Marin. *Uma reflexão sobre influência da estética*. Disponível em: <[http://siaibib01.univali.br/pdf/Tamila Josiane Borba.pdf](http://siaibib01.univali.br/pdf/Tamila%20Josiane%20Borba.pdf)>. Acesso em: 4 mar. 2018.

BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRASIL, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI. Disponível em: <<http://porteiras.s.unipampa.edu.br/pdi/files/2013/04/Diretrizes-paraelabora%C3%A7%C3%A3o-do-PDI-2004.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.

CALVANI, C. E. B. *Teologia e MPB*. São Bernardo do Campo, Loyola, 1998.

CARLINDO, Eva Poliana e Silva. *Atos agressivos físicos e verbais cometidos por professores contra seus alunos: um estudo a partir de histórias de escolarização*. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5093_2580.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2017.

CARREIRA, Denise. *Pesquisa mostra que intolerância religiosa nas escolas brasileiras*. Disponível em: <<https://www.douradosagora.com.br/noticias/brasil/pesquisa-mostra-que-intolerancia-religiosa-nas-escolas-brasileiras>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

CAZARRÉ, Marieta. *Preconceito afasta transexuais do ambiente escolar e do mercado de trabalho*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/preconceito-afasta-transexuais-do-ambiente-escolar-e-do-mercado-de>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (2006), *Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, Lisboa: SNEC, 2007.

COSTUME Institute no Metropoliltam Museum of Art. *Met Gala 2018*: as coleções de moda inspiradas no catolicismo. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/noticia/2018/05/met-gala-2018-colecoes-de-moda-inspiradas-no-catolicismo.html>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

DANTOM, Giam. *Walter Benjamin, a arte e a reprodução*. Disponível em: <https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3446&titulo=Walter_Benjamin,_a_arte_e_a_reproducao>. Acesso em: 22 out. 2017.

DUDU, Luiz. *Conceito religioso: Dolce & Gabbana Fall-Winter 2014 Men's Collection*. 2014. Disponível em: <<http://legenius.blogspot.com.br/2014/01/dolce-gabbana-fall-winter-2014-mens.html>>. Acesso em: 22 out. 2017.

DUPRET, Leila. *Cultura de paz e ações sócio-educativas: desafios para a escola contemporânea*, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572002000100013>. Acesso em: 29 jul. 2018.

FIGUEIREDO, Anísia de Paula. *Ensino Religioso: perspectivas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FONAPER (Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso). *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso*. 2ª Edição, São Paulo: Ave Maria, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 54ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FRÓIS, João P. *As artes visuais na educação: perspectiva histórica*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade de Lisboa, 2005.

GLOBO, Rede. SONY, Music. *Troféu Promessas*. Disponível em: <<https://www.trofeu-promessas.com.br>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

GLOBO. *Reportagem G1*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/professora-relata-medo-de-entrar-em-sala-de-aula-apos-ameacas-de-aluno.ghtml>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

GLOSS, Hugo. *Catholicus: celebridades debocham da fé católica em desfile de moda*, 2018. Disponível em: <<https://catholicus.org.br/celebridades-debocham-da-fe-catolica-em-desfile-de-moda/maio2018>>. Acesso em: 3 jun. 2017.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo; COLONHEZI, Laura, 2005. *A Religião como Linguagem Simbólica: aproximações entre Durkheim e Jung* – Disponível em: <<http://editora-revistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/viewFile/575/362>>. Acesso em: 18 out. 2017.

GRUEN, Wolfgang. *O ensino religioso na escola*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HABERMAS, Jürgen. *Passado como futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

HOMEGROWN. *Exposição do artista Antônio Bokel no Rio de Janeiro: Exposição Made in India*, 2013. Disponível em: <<http://postozero.com/eventos/exposicao/antonio-bokel-made-in-india>>. Acesso em: 22 out. 2017.

HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento – Fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. 3ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

INBAR, Mariana. *Jennifer Lopez de Balmain*. 2018. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/noticia/2018/05/met-gala-2018-colecoes-de-moda-inspiradas-no-catolicismo.html>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

INBAR, Mariana. *Ariana Grande veste Vera Wang com estampa da obra O Juízo Final, de Michelangelo*. 2018. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/noticia/2018/05/met-gala-2018-colecoes-de-moda-inspiradas-no-catolicismo.html>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

INBAR, Mariana. *Katy Perry em versão angelical by Versace*. 2018. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/noticia/2018/05/met-gala-2018-colecoes-de-moda-inspiradas-no-catolicismo.html>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

INBAR, Mariana. *Madonna, com coroa, crucifixos e vestido assinado por Jean Paul Gaultier*. 2018. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/noticia/2018/05/met-gala-2018-colecoes-de-moda-inspiradas-no-catolicismo.html>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

INBAR, Mariana. *Rihanna, anfitriã da noite, veste Margiela by John Galliano*. 2018. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/noticia/2018/05/met-gala-2018-colecoes-de-moda-inspiradas-no-catolicismo.html>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

INDIAN EXPRESS INDULGE. *Elon Musk's mum becomes Cover Girl aged 69*. Disponível em: <<http://www.indulgexpress.com/life-style/society/2017/sep/28/elon-musks-mum-become-s-cover-girl-aged-69-3719.html>>. Acesso em: 27 out. 2017.

INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio). Disponível em: <www.inep.gov.br>. Acesso em 27 out. 2017.

KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. Homofobia, cultura e violências: a desinformação social. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/3361/2688>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

LAGERFELD, Karl. *Chanel pre-fall 2011*, Nova Iorque. Desfile da Chanel, 2011. Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/noticias/moda/chanel-pre-fall-2011-veja-todas-as-fotos-do-desfile-riqueza/>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

LEAO, Anne Ariadne Alves Menezes Ponce de. *Manifestações culturais no contexto escolar e práticas pedagógicas: entre a Diversidade e Religião*. 2015. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos/TRABALHO_EV047_MD1_SA7_ID397_21032015223352.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do efêmero*. A moda e seu destino nas sociedades modernas. Disponível em: <https://img.travessa.com.br/capitulo/COMPANHIA_DE_BOLSO/IMPERIO_DO_EFEMERO_O_A_MODALIDADE_E_SEU_DESTINO_NAS_SOCIEDADES_MODERNAS-9788535915129.pdf>. Acesso em: 22 out. 2017.

LONZA, Furio. *História do uniforme escolar no Brasil*. São Paulo: Ed. MEC, 2005.

LOUX, Michael J. *Metafísica – Uma Introdução Contemporânea*. Disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/10/loux-metafc3adsica-e28093-uma-introduc3a7c3a3o-contemporc3a2nea.pdf/>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

LÖWY, Michael. *A contrapelo*. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940), 2011. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/neils/downloads/Vol.2526/michael-lowy.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2017.

MACLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1974.

MADURO, Otto. *Mapas para a festa: reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MALLMANN, Ivone Maria. *Uniforme escolar*. 2014. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1802-0.pdf>. Acesso em: 30 set. 2017.

MALLMANN, Ivone Maria. *Uniformes escolares enquanto produto da indústria da moda: para além da obrigatoriedade*. S.C. Criciúma, 2015.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Like a Prayer: articulações da cultura pop na midiatização da religião. In: CARREIRO, Rodrigo. FERRARAZ, Rogério. SÁ, Simone Pereira de. (Orgs). *Cultura pop*. Brasília: Compôs, 2015.

MARTINS, Mirian Celeste. *Diretrizes Curriculares Nacionais para as Licenciaturas: um foco sobre cultura e arte*. In: *III Congresso Nacional de Formação de Professores (CNFP) e XIII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores (CEPFE)*. 2016.

MELO, Priscila. *Império Bizantino*. *Colégio Web*, 2012. Disponível em: <<https://www.colegioweb.com.br/alta-idade-media-imperio-bizantino-e-islao/a-religiao-no-imperio-bizantino.html>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

MENDONÇA, Erasto Fortes. *Doutor em Educação pela Unicamp (1999) e Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (1986)*. Foi conselheiro do Conselho Nacional de Educação (2012/16), presidente da Câmara de Educação Superior (2014/16). É professor aposentado da Universidade de Brasília. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/615464/erasto-fortes-mendonca>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

MENDONÇA, Erasto Fortes. *Matéria da Rádio Fraternidade*. Reportagem. 2017.

MORAZZI, Lu. *Releitura Bizantina - Chanel* 2011. Disponível em: <<http://lumorazzi.blogspot.com/2013/03/moda-historia-e-evolucao-imperio.html>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

MONTERO, Paula. Max Weber e os dilemas da secularização. O lugar da religião no mundo contemporâneo. *Novos Estudos CEBRAP*, nº 65, 2003.

MUNANGA, Kabengele. *A dimensão estética na arte negro-africana tradicional*, 2006. Disponível em: <<http://www.macvirtual.usp.br/mac/arquivo/noticia/Kabengele/Kabengele.asp>>. Acesso em: 4 mar. 2018.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch. *A construção da cultura da paz: dez anos de história*, UNESCO. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001899/189919por.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

UNESCO. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001899/189919por.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

NORONHA, Heloísa. *Vítimas de duplo preconceito contam suas histórias*, 2016. Disponível em: <<https://estilo.uol.com.br/comportamento/listas/vitimas-de-duplo-preconceito-contam-suas-historias.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

ORRÚ, Sílvia Ester. *Redes de inclusão entre família e escola*, 2017. Disponível em: <http://diversa.org.br/artigos/redes-de-inclusao-entre-familia-e-escola/?gclid=Cj0KCQiA5aTUBRC2ARIsAPoPJK_IJJ-bSw9K990TQH-AeuX9DIJda6vhZSll6fv0gPaAFMxhVtW5uNsaAnbwEALw_wcB>. Acesso em: 28 fev. 2018.

PINA, Christine dos Santos. *O efeito coorte e o desenvolvimento das preferências por moda feminina: a moda e sua história*. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9049/9049_4.PDF>. Acesso em: 22 out. 2017.

PORTO, Cristiane de Magalhães. *Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica*, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/y7fvr/pdf/porto-9788523211813-06.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2017.

PRADO, Edecildo. *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*. 2018. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/apos-decisao-do-stf-bispos-referenciais-para-o-ensino-religioso-reunem-se-em-brasilia/>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

ROCHA, Alan. *A caverna do saber: uma aventura ao mundo da filosofia*. 2. Ed., São Paulo, 2010, p. 149, e-book digital. Disponível em: <https://clubedeautores.com.br/book/121108--A_caverna_do_Saber?topic=criticaliteraria#.W9rl76KRbmQ>. Acesso em: 22 out. 2017.

SANCHES, Rodrigo Daniel. *Corpos esculpidos*. 2017. Disponível em: <<http://www.Jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/discurso-das-novas-dietas-reforca-padroes-de-beleza-inalcancaveis/>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

SÁ, Sandra de, *Olhos coloridos*. Discografia: Som livre, 1994. Disponível em: <<http://sandradesa.com.br/#discografia/olhos-coloridos-1994/>>. Acesso em: 3 jun. 2017.

SCHERER, Giovani Antonio. *Serviço Social e arte: juventudes e direitos humanos em cena*. São Paulo: Cortez, 2013.

SIGNIFICADOS. *Significado de Ensino religioso*. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/ensino-religioso/>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

SILVA, Matheus Alves Duarte, 2009-*A Família Real No Rio de Janeiro: Doenças e Práticas Terapêuticas no Período Joanino*. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1VWQRJ8dqV5rl8HnfU9IKd5uuy3LLKA9K?usp=sharing_eil&ts=5b3cffe2>. Acesso em: 22 out. 2017.

SILVA, Verônica Guimarães Brandão. *A cultura brasileira do feio: por uma noção de beleza ampliada*. Brasília, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24731/1/2017_Ver%C3%B4nicaGuimar%C3%A3esBrand%C3%A3odaSilva.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2017.

SOARES, Fábio. *Projeto combate intolerância religiosa em escolas públicas*. Disponível em: <<http://fundacaotelefonica.org.br/noticias/projeto-combate-intolerancia-religiosa-em-escolas-publicas/>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

SOUZA, Mari Guimarães. *Re-visitando a história: colonização portuguesa e subordinação cultural*. 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14492.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

STEIL, Carlos Alberto. *O ensino religioso na sociedade plural*. nº 03, 1996. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/37023177/o-ensino-religioso-na-rede-publica-estadual/49>>. Acesso em: 28 out. 2017.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. *Imprensa, notícias do STF*. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=357099>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial Ltda., 2009.

TWIGGY. *Modelo anos 60*. 1960. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/ela/no-aniversario-de-twiggy-relembre-momentos-da-carreira-da-lendaria-modelo-16939701>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

USARSKI, Frank, SENA, Luzia. *Ensino Religioso e formação docente: Ciências da Religião e Ensino Religioso em diálogo*, São Paulo: Paulinas, 2006.

VASCONCELOS, Elis. *Arte sacra: super-heróis*. 2013. Disponível em: <<https://3.bp.blogspot.com>>. Acesso em: 22 out. 2017.

VON BALTHASAR, Hans Urs. *Teologia da história*. São Paulo. Novo Século/Fonte Editorial, 2005.

WERONKA, João Rodrigo. *Pluralismo Religioso: todos os caminhos levam a Deus?* Disponível em: <<https://www.napec.org/apologetica/pluralismo/>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/100368/99013>>. Acesso em: 7 fev. 2018.

ZIMMERMANN, Roque. *Ensino Religioso: uma grande mudança*. Brasília, Câmara dos Deputados. Brasília, 1998.

ZUAZO, Pedro. *Jovem é vítima de intolerância religiosa dentro de escola em São Gonçalo*. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/jovem-vitima-de-intolerancia-religiosa-dentro-de-escola-em-sao-goncalo-21734126.html>>. Acesso em: 28 jul. 2018.



APÊNDICE

Estudos selecionados na pesquisa ao banco de dados acadêmico

TITULO	AUTOR	DEFESA	M/D	OBJETIVO GERAL
A CRISTOLOGIA DE PAUL TILlich A PARTIR DO ENCONTRO DO CRISTIANISMO COM OUTRAS RELIGIÕES	Thiago Santos Pinheiro Souza	2013	M	Corresponder à investigação do pensamento de Paul Tillich no intuito de perceber de que forma ele revela a mudança ou evolução em relação às outras religiões.
A IGREJA E O ESPÍRITO DA VERDADE EM HANS URS VON BALTHASAR: UM ESTUDO DO PENSAMENTO ECLESIOLOGICO	Rafael Martins Fernandes	2014	M	Estudar e apresentar o pensamento eclesiológico de von Balthasar sob a ótica pneumatológica.
A RELIGIÃO E A ESFERA PÚBLICA	Júlio Paulo Tavares Zabotiero	2003	D	O objetivo deste ensaio e a análise crítica do posicionamento atual Jugen Habermas sobre o papel da religião no debate público.
A ROUPA, A MODA E A MULHER NA EUROPA OCIDENTAL	Georgia M. de Castro Santo	2006	M	Mostrar o poder das relações sociais institucionalizadas pelo homem afim de controlar e dar forma às ideias e as pessoas, focando moda e vestuário.
MEMÓRIAS DA DOR E DO LUTO: AS INDUMENTÁRIAS POLÍTICO-RELIGIOSAS DE ZUZU ANGEL	Ivana Guilherme Simili	2014	LIVRO	Traz as relações das mulheres com as roupas e com moda política e religiosa são analisadas neste texto por meio da trajetória da mãe e estilista Zuzu Angel. Neste intuito, enfocamos como a cultura das mulheres, moda e da religião foram apropriadas e significadas pela personagem, para simbolizar e expressar, por intermédio da costura e do bordado, a dor e o luto, em razão da morte do filho

				pela ditadura militar.
O SAGRADO NA PASSARELA	Galindo Jiménez, Daniel	2007	ARTIGO	Caracterizar a apropriação da iconografia pela moda em uma relação muito além de sincrética.
ESTÉTICAS DE VANGUARDA NA MODA MASCULINA: O VERNIZ DA TRANSGRESSÃO E A COMPLEXIDADE DA QUEBRA DE PARADIGMAS	Keller, Daniel; de Araújo, Denise Castilhos	2015	ARTIGO	
CORPUS ABSCONDITUM: IMAGENS DO ORIENTE E IDEOLOGIA NA REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO NA IMPRENSA	Augusto Klein, Alberto Carlos; Mazer, Dulce	2011	ARTIGO	Abordar a negação da visibilidade do corpo feminino na cultura islâmica e sua redução a determinados estereótipos em contraste com a superexposição corporal da mulher ocidental. Além dos aspectos culturais e religiosos que distanciam ambas as representações.
UMA REFLEXÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DA ESTÉTICA NA AUTOESTIMA AUTOMOTIVAÇÃO E BEM ESTAR DO SER HUMANO	Tamila J. Borba; Fabiana Marin Tives	2011	TESE	Questionar quais são os procedimentos de tratamento e embelezamento que mais influenciam na automotivação e autoestima dos seres humanos.
“O JOVEM NO BRASIL NUNCA É LEVADO A SÉRIO”: JUVENTUDES, CULTURAS, TERRITÓRIOS E OS DILEMAS NA EFETIVAÇÃO DOS DIREITOS SOCIAIS	Thiago Rodrigo da Silva; Aline Fernanda de Oliveira Fogaça	2017	TESE	Analisar a partir da centralidade no segmento da juventude negra e a incidência dos territórios na violação de direitos deste público.

ALGUMAS NOTAS SOBRE RELIGIÃO E CULTURA DE CONSUMO	Léa Freitas Perez	2010	ARTIGO	Lugar da religião na sociedade contemporânea a partir da reflexão sobre as relações entre o sagrado e a cultura do consumo, campo pleno de atualidade e que remete ao clássico tema das relações entre religião e modernidade.
---	-------------------	------	--------	--

